



APCEF/SP

Só livros

UMA HISTÓRIA CONTADA POR OUTRAS HISTÓRIAS

2020-2021

A experiência real vivida pelos

bancários e bancárias da CAIXA

ARIANA APARECIDA JACKELINE



Somos

UMA HISTÓRIA CONTADA POR OUTRAS HISTÓRIAS

2020 · 2021 A experiência real vivida pelos
bancários e bancárias da CAIXA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Somos [livro eletrônico] : uma história contada por outras histórias : a experiência real vivida pelos bancários e bancárias da Caixa / [organização APCEF/SP - Associação de Pessoal da Caixa Econômica Federal de São Paulo]. -- São Paulo, SP : APCEF/SP, 2022.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-997497-1-1

1. Assistência social - Brasil 2. Associação de Pessoal da Caixa Econômica Federal de São Paulo (APCEF/SP) 3. Bancários 4. Caixa Econômica Federal de São Paulo - História 5. COVID-19 - Pandemia 6. Experiência de vida 7. Relatos pessoais 8. Trabalho e trabalhadores I. APCEF/SP - Associação de Pessoal da Caixa Econômica Federal de São Paulo.

22-105613

CDD-331.79098161

Índices para catálogo sistemático:

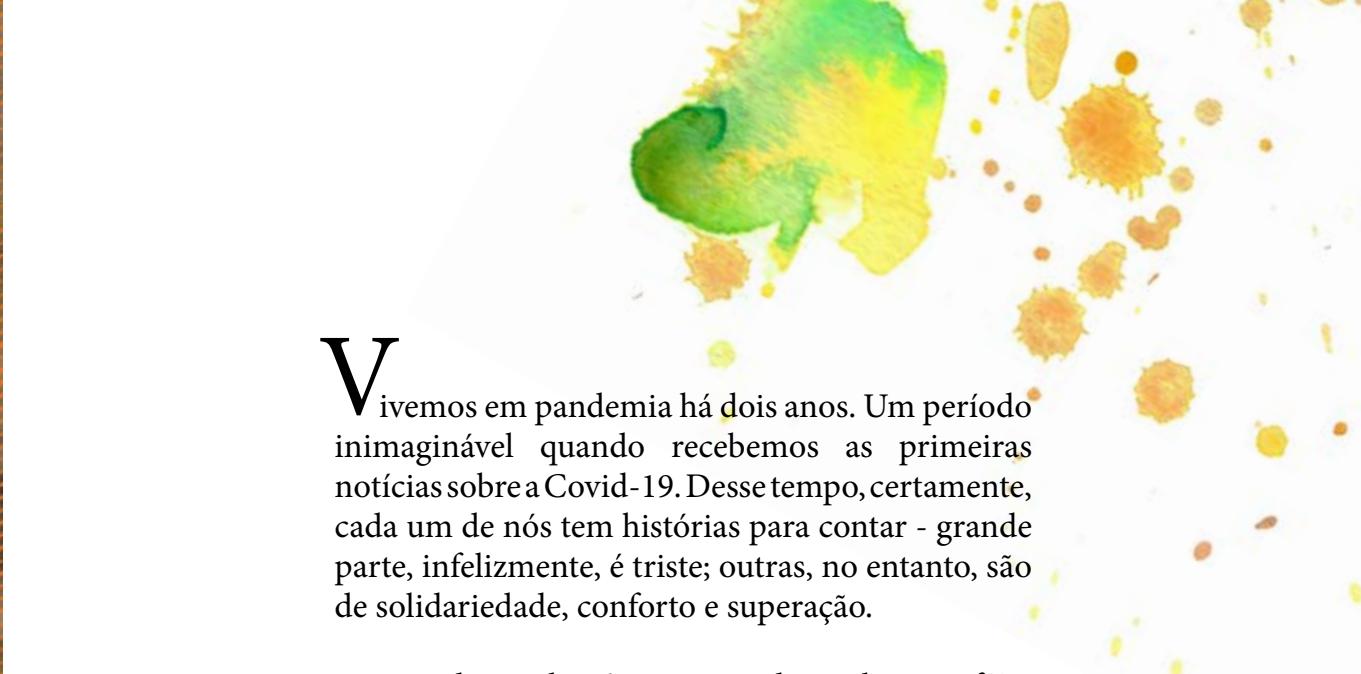
1. Trabalhadores : Caixa Econômica Federal : São Paulo : Estado : História 331.79098161

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380





**Gente que
se comove
com história
de gente**



V

ivemos em pandemia há dois anos. Um período inimaginável quando recebemos as primeiras notícias sobre a Covid-19. Desse tempo, certamente, cada um de nós tem histórias para contar - grande parte, infelizmente, é triste; outras, no entanto, são de solidariedade, conforto e superação.

Muitas dessas histórias, contadas pela Apcef/SP, estão reunidas neste livro. São relatos de empregados da Caixa sobre as mais de 68 milhões de pessoas que passaram pelo banco para receber o Auxílio Emergencial. São histórias que se entrelaçam, de gente que se comove com história de gente.

São casos contados pela Cibele, que recebeu o consolo de uma cliente que havia perdido o marido há poucos meses. Ou pelo Edson, que não segurou o choro diante de um triste desabafo de outra cidadã em busca do Auxílio. Histórias que provam a relevância da Caixa pública e sempre com um olhar social para a população mais vulnerável.

Esse livro é um precioso registro de um tempo que não queremos que se repita, o qual mostrou ao País, ainda em tempos de isolamento, que as relações humanas são possíveis e necessárias. Somos, sim, uma história contada por outras histórias.

Sergio Takemoto
Presidente da Federação Nacional das Associações
do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Fenae)

Nós somos a Caixa

Quando os primeiros casos de Covid-19 foram identificados no Brasil, no início de 2020, havia muitas dúvidas em relação aos efeitos que a nova doença traria para a vida das pessoas e para a organização em sociedade. Parte dessas dúvidas era decorrente do comportamento de uma parcela das autoridades públicas do País, que teve, como postura, relativizar a letalidade do vírus. Naquele momento, pouco se sabia sobre o novo coronavírus, somente o fato de ele possuir alto índice de transmissão e de não haver tratamento curativo conhecido.

Em meio a incertezas, as entidades representativas iniciaram debates com os bancos para discutir formas de prevenção para os bancários, que tiveram seu serviço considerado essencial pelo Decreto 10.282/2020. No dia 18 de março de 2020, uma quarta-feira, tomamos conhecimento do primeiro caso entre empregados da Caixa em São Paulo, em uma agência da zona sul da capital. Acompanhamos a aplicação das medidas de prevenção, identificando vários pontos em que era necessário realizar mudanças para aumentar sua eficácia. Nos debates ocorridos, posteriormente, com a direção, parte das demandas acabou sendo acatada. Mesmo assim, nas visitas que realizávamos às unidades e nos contatos feitos por outros meios, a preocupação entre os empregados era muito grande.

Pouco tempo depois, em função da aprovação, pelo Congresso Nacional, de uma política pública de transferência de renda cujo objetivo era mitigar os efeitos da pandemia (o Auxílio Emergencial), a expectativa sobre os empregados passou a outro patamar. A lei foi aprovada pelo Congresso,

publicada no início de abril e, já naquele mês, a Caixa, sozinha, pagou o benefício a cerca de 40 milhões de brasileiros, somando um valor de mais de R\$ 34 bilhões. No Estado de São Paulo, foram mais de R\$ 65 bilhões somente em pagamentos do Auxílio Emergencial desde o início da pandemia.

Não é exagero afirmar que o Brasil só não enfrentou um colapso, com caos econômico e social, graças à atuação dos trabalhadores da Caixa. E não foi a primeira situação em que o trabalho dos empregados foi importante para o País. Com este livro, nosso objetivo é registrar essa história do ponto de vista dos bancários da Caixa, com seus próprios relatos sobre o período, as dificuldades que enfrentaram, compartilhando suas experiências.

Os depoimentos demonstram a capacidade de realização do empregado da Caixa, que possibilitou manter a empresa, por 161 anos, como a principal executora de políticas públicas do Estado, evidenciando o seu potencial para realizar as transformações sociais de que o País tanto necessita. Nós somos a Caixa e a Caixa é parte importante de todos nós.

Por fim, nossos agradecimentos aos sindicatos, à Agecef, Fetec-CUT/SP, FEEB, Contraf-CUT e às demais entidades pela parceria na defesa de nossos direitos; à Fenae, que também está sempre ao nosso lado na luta, pela parceria nesse projeto; aos empregados da Apcef/SP, por todo esforço e dedicação neste período; e a todos os empregados da Caixa, pelo espírito público.

De forma muito especial, nossos agradecimentos aos colegas que dividiram conosco suas vivências, pela coautoria do livro. E, finalmente, ao leitor, por ajudar a perpetuar nossa história.
Em nome da diretoria da Apcef/SP,
muito obrigado e boa leitura!

Leonardo Quadros

Diretor-presidente da Associação
de Pessoal da Caixa de São Paulo





■ Depoimentos

- 
- A black and white photograph of a woman's face. She is wearing a light-colored surgical mask. Overlaid on the mask is a graphic of three red circles of increasing size from left to right, resembling a stylized ribbon or a DNA helix. The background is dark.
- 13. André
 - 19. Cláudio
 - 23. Edson
 - 27. Daniela
 - 33. Luiza
 - 37. Ivan
 - 41. Elaine
 - 47. Edimilson
 - 51. Cibele
 - 55. Sem identificação
 - 61. Anna Maria
 - 65. Sem identificação
 - 69. Andrea
 - 73. Solange
 - 77. Sem identificação
 - 81. Sem identificação
 - 85. Tania
 - 91. Alexandre
 - 95. Ericka
 - 99. Larissa
 - 103. Sânia
 - 109. Edson
 - 115. Elizabeth
 - 119. Rafael
 - 123. Adriane
 - 127. Tesifon
 - 129. Eduardo
 - 133. Lauro
 - 137. Diego
 - 141. Jean
 - 147. Sem identificação
 - 153. Luanna
 - 159. Elisabeth
 - 163. Anselmo
 - 169. Lúcia
 - 173. Sem identificação
 - 177. Raíssa
 - 182. Énio

Apandemia vai mudar a maneira como lidamos com o nosso corpo. Nosso corpo se tornou uma ameaça para nós próprios. A segunda consequência é a transformação da maneira como pensamos no futuro, nossa consciência do tempo.
De repente, não sabemos como será o amanhã.

Achille Mbembe
Filósofo e teórico político camaronês





**O retorno
das férias
em outra
realidade**





ANDRÉ ALVES BRAGA

Empregado da Caixa,
CN Operação do FCVS

“Com certeza, ninguém imaginou que um dia passaríamos por uma pandemia. Aliás, essa palavra era algo esquecido no dicionário. Mas, depois de 2020, tudo se mostrou muito frágil.

No fim de 2019, começaram a pipocar notícias sobre um novo vírus que atacava nosso sistema respiratório, mas acho que pouca gente deu bola para isso. Virou o ano, as notícias sobre o micro-organismo aumentaram, a Organização Mundial de Saúde entrou em cena, mas, quem se importou?

Logo após o carnaval de 2020, ainda lotado na agência Bernardino de Campos, fui passar férias em Florianópolis/SC. Muita praia, sol, cerveja, porções e nada de pensar em vírus, lógico! Mas quando estávamos para voltar para São Paulo, em meados de março, as notícias sobre uma epidemia, que se espalhava muito rápido e mundialmente, começaram a ser constantes. Daí, tudo mudou!

Quando estávamos no aeroporto, o clima era outro, todos os funcionários usavam máscara, que logo se tornaria item obrigatório e indispensável.

Quando retornei ao trabalho, o horário havia sido alterado para das 8 às 14h e, pouco tempo depois, reduziu-se o fechamento para 13h.

Coincidentemente, o primeiro caso de morte por Covid-19 foi registrado em SP, em um hospital que fica a poucos metros da agência. A doença chegou com força e já estava muito próxima.

Na agência, há dois caixas - eu e outra funcionária, que é do grupo de risco e teve de trabalhar home office. Fiquei sozinho no atendimento de caixa, às vezes, ajudado pelo tesoureiro. Em seguida, foi implementado o Auxílio Emergencial, que fez as unidades da Caixa lotarem! Ou seja, não fiquei de quarentena, utilizava o transporte público para ir e vir, atendia dezenas de pessoas todos os dias! Ser contaminado seria uma questão de tempo. Agora, quanto tempo levaria não havia como saber.

Nesse meio tempo, toda minha família pegou a doença. Senti muito medo, pois havia casos de famílias dizimadas em poucos dias após a infecção.

Eu havia voltado das férias, mas logo teria de agendar outra para não ter de sair de forma compulsória. No fim de abril, eu estava em férias novamente e viajei. Na volta, estava gripado, bem de leve, nem associei à Covid. Tomei um antigripal qualquer e pronto.

Em férias, fiz outra viagem, aproveitei a praia, na ocasião. Na madrugada, acordei com uma dor de cabeça que nunca havia sentido, parecia que ia explodir. Enguli alguns comprimidos, coloquei gelo em uma sacola e levei à testa, tentando amenizar o sofrimento. No desjejum, mal consegui terminar o copo de leite com café. Tentei comer algo, mas não descia. Passei o dia me sentindo mal, a tosse aparecia, ainda leve, e considerei a possibilidade de estar com Covid. Só havia um hospital na cidade e estava cheio. Decidi voltar para a capital, o



que se mostrou o certo a ser feito.

Já no hospital, devido aos meus sintomas (a tosse havia piorado), fui encaminhado para uma ala só para Covid, fiz o teste das hastes, exame de sangue e uma radiografia do tórax. Diante do resultado, o médico preferiu me afastar do trabalho por 11 dias, passou uma receita para o início imediato do tratamento, em casa. Pouco mais de 24 horas depois, o exame das hastes confirmou a contaminação pelo vírus.

Três dias se passaram, eu piorei muito e voltei ao hospital. Foi complicado chegar lá, mal conseguia falar sem tossir. Foram feitos novos exames e a médica me deu a pior notícia que já recebi até hoje: meu pulmão estava comprometido em 50% pela doença, teria de ser internado direto na UTI.

Na hora de ir para a UTI foi mais difícil, porque minha mãe só poderia me acompanhar até determinado ponto. Choros à parte, momentos desses, de separação, só Freud explica!

Em pouco mais de dez dias, fui do 0% aos 50% do pulmão infectado e voltei a quase 0%. Que belo susto! O pós-doença também é bem complicado. Fisioterapia muscular, muitos remédios para o sistema respiratório, efeitos colaterais e mais alguns dias de molho. Uma semana depois de sair do hospital, eu já estava de volta ao trabalho. Fui recuperando a velha forma aos poucos.

Enfim, descobrimos o que é uma pandemia da pior forma: vivendo-a. Aos que sobreviveram, vacinem-se, lavem as mãos, abracem as pessoas queridas e cuidem-se.”

Os sintomas do coronavírus são parecidos com os de uma gripe ou resfriado, por isso, tantas pessoas demoraram para perceber que estavam contaminadas. Alguns nem sabiam se estavam ou não, por serem assintomáticos, e isto foi muito perigoso, especialmente no início da pandemia.

Um dos protocolos de saúde conquistados em março de 2020 indicava afastamento dos colegas aos primeiros sintomas, mesmo sem teste, para que efetassem suas rotinas de trabalho em home office. Em diversos casos, o afastamento foi imediato e providencial, mas, em outros, foi necessária a intervenção dos sindicatos e da Apcef/SP para fazer valer a regra, pois, por diversas circunstâncias, os protocolos de prevenção não eram corretamente aplicados.

Nem mesmo clientes deveriam ir às agências com sintomas gripais, mas iam, colocando a vida de muita gente em risco.

Especialmente no Brasil, foi muito complicado para as pessoas entenderem a gravidade da doença e o risco que se corria ao circular por diferentes ambientes. Aos poucos, os cuidados foram aumentando com o constante uso de máscara e a conscientização das pessoas de que não deveriam ir a bancos, supermercados, entrar em metrô ou ônibus com sintomas gripais.



Mortes na categoria
fazem com que bancários
reivindiquem prioridade na
vacinação





**A luta
fez a
diferença**



CLÁUDIO LUIZ DE FRANÇA

Empregado da Caixa,
agência Ponta da Praia

"Tem uma história que me marcou no início da pandemia, bem no começo mesmo, quando não havia, ainda, o protocolo de atendimento oficial da Caixa. Como eu sabia, por meio de contato com as entidades representativas dos empregados, que existia um forte movimento de cobrança para que fossem adotados procedimentos de segurança nas unidades, já estava conversando com meus colegas da agência para que passássemos a ter alguns cuidados básicos.

O número de empregados estava reduzido por conta do pessoal em home office e o movimento era enorme. Não sentíamos segurança e era necessária uma ação preventiva. Uma questão apenas de bom senso. Então, conversando internamente com o gerente geral, sugerimos que passássemos a usar máscara, álcool em gel e que fosse reduzido o número de pessoas dentro da unidade ao longo do dia.

Até mesmo na diminuição do número de bancos e do espaçamento dos assentos nós pensamos. Naquele momento, ninguém sabia, ainda, a dimensão da pandemia, mas já era bastante preocupante. Essa movimentação toda aconteceu na manhã do dia em que a Caixa divulgou, oficialmente, os protocolos

de atendimento e segurança. Por que isso foi marcante? Porque eu senti que estava, ali, representando os empregados da minha unidade. A gente só queria se sentir o mais confortável possível em relação à nossa saúde no meio daquele caos. Se as entidades já estavam lutando por isso, por que não adiantar os procedimentos, não é mesmo?

Lembro que tirei uma foto minha com máscara e luvas de vinil e mandei no grupo do WhatsApp dos tesoureiros e o pessoal começou: 'Você é louco? Como vai contar dinheiro com essa luva? E essa máscara, você não vai aguentar!'

No fim, estamos todos aqui e nos adaptamos à nova rotina e às precauções."



Algo foi fundamental para prevenir o contágio do coronavírus: a conscientização. Assim que surgiram os primeiros casos de Covid-19, as entidades que representam os empregados começaram a debater, com a direção dos bancos, protocolos de cuidados com a saúde dos trabalhadores.

No dia 11 de março de 2020, quando o Brasil tinha apenas 52 casos do coronavírus, a Organização Mundial da Saúde decretou a situação como pandemia. À época, mais de 120 mil pessoas tinham contraído o vírus em todo o mundo e o número de mortos passava de 4 mil, a maioria na China e na Itália.

Já no dia 13 de março, o Comando Nacional dos Bancários cobrou, da Fenaban, providências para prevenir o contágio pelo novo coronavírus. A Apcef/SP também solicitou, ao poder público, medidas de proteção aos bancários da Caixa e à população em relação ao atendimento bancário, mesmo ainda não existindo muita informação sobre o assunto. Reivindicava-se, por exemplo, que apenas os serviços bancários essenciais fossem permitidos, restringindo, assim, o atendimento geral.

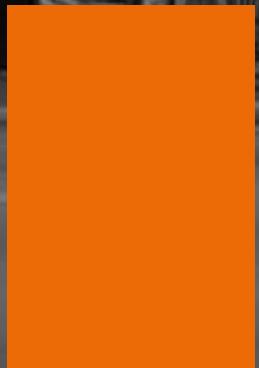
Na Caixa, algumas orientações foram divulgadas, como o adiamento de reuniões, treinamentos e pontos de controle presenciais. Também foi autorizado o Projeto Remoto para empregados que voltavam de viagens de locais com surto de Covid-19 ou que tivessem tido contato com pessoas que testaram positivo. Gestantes foram autorizadas a cumprir até 30 dias de trabalho remoto. Unidades com empregados ou terceirizados contaminados deveriam afastá-los do trabalho e avisar os departamentos responsáveis. No entanto, ainda existiam diversas dúvidas entre a população e muita gente não acreditava que a doença era grave (aliás, até hoje ainda existe quem pense assim!). O próprio presidente da República dizia que era apenas "gripezinha" e que pessoas com "histórico de atleta" não sofreriam com a doença. Em 20 de março de 2020, começaram a surgir denúncias sobre a insistência em manter agências abertas, apesar de casos suspeitos ou confirmados, além de resistência para se aplicar a higienização. Chefias chegaram a sugerir que os empregados aproveitassem a oportunidade, de comoção, para alavancar a venda de seguro de vida. Nesse momento, a atuação das entidades representativas e a conscientização dos colegas foram fundamentais. Empregados indignados com certas atitudes entravam em contato com a Apcef/SP ou os sindicatos para denunciar os absurdos. A atitude dessas pessoas foi fundamental para que o avanço do vírus não fosse ainda mais avassalador entre os colegas do banco e, também, na sociedade brasileira, que era atendida, aos milhões, todos os dias na Caixa.



Entidades que representam os bancários lutam pela saúde dos trabalhadores



A dureza
da vida real





EDSON APARECIDO DE CARVALHO JÚNIOR

Empregado da Caixa,
agência Fazenda da Juta

“Foi em março/abril de 2020, o dia em que toda a emoção daquele momento de pandemia veio à tona. Eu estava no caixa e recebi uma mãe para fazer o pagamento do Bolsa Família. Já havia atendido aquela senhora inúmeras vezes e, então, você acaba, mesmo sem querer, criando uma empatia com a pessoa, né?

Nesse dia, não sei por que, ela resolveu fazer um comentário, que mexeu bastante comigo. Ela não era do tipo de chegar e ficar contando a vida. Só vinha, recebia o pagamento e ia cuidar das suas coisas, como a maioria faz.

As emoções estavam bem afloradas, a gente estava vivendo aquele momento inicial, em que ninguém sabia exatamente o que ia acontecer - não que hoje a gente saiba muito, mas as incertezas eram bem maiores -, então, todo mundo estava mexido.

Ela comentou, do nada, que a filha, no dia anterior, tinha pedido um ‘danone’ e que ela não ia ter condições de comprar por conta da dificuldade da situação e tudo o mais. Assim: eu já me deparei com situações como essa inúmeras vezes, né? E você se segura, prende o fôlego e, pelo menos, finaliza o atendimento e depois toma uma água.

Mas, dessa vez, foi diferente. Eu não consegui segurar. Acabei externando a emoção e ela até ficou impressionada, não esperava que eu fosse me importar com aquilo. Ela também ficou sem reação. Enfim, estava todo mundo ali presenciando a cena e a próxima cliente que eu atendi tentou me consolar de algum jeito, sabe? Ficou aquele sentimento de tristeza pairando no ar, foi algo que me marcou. Ela me contou aquilo como se estivesse passando pela situação também inesperadamente - como era aquele momento, sabe? Ela se viu em um momento em que não sabia o que fazer, tanto que ela dividiu aquela emoção comigo, como se, trazer aquilo à tona, ajudasse de alguma forma.

Eu acho que ela estava assim, sentida, com o fato de não poder, daquela vez, atender ao pedido da filha, de não poder dar algo que ela sempre deu.

Depois disso, não a vi mais, estou em home office, mas imagino que a vida dela não esteja muito melhor do que naquela ocasião. Tenho certeza de que ela, guerreira como é, contornou a situação ou tentou superá-la de alguma forma.”

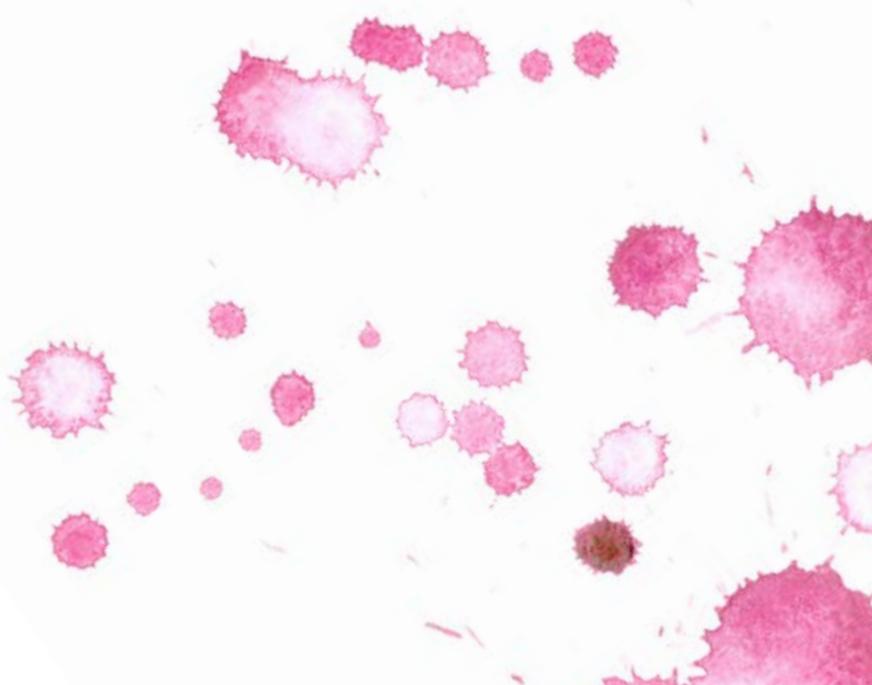
Os primeiros meses da pandemia foram muito cruéis para todo mundo. Havia muita incerteza, ninguém sabia, exatamente, o que fazer. Crianças deixaram de ir para a escola, trabalhos formais e informais sumiram.

As pessoas de baixa renda foram as mais afetadas. Muitas tinham seu sustento baseado em “bicos” e passaram a depender, exclusivamente, de ajuda do governo. O dinheiro do Auxílio Emergencial ou do Bolsa Família tornou-se a única fonte de recurso para muita gente.

Como a Caixa é responsável pelo pagamento dos benefícios do governo, foram muitos os desafios. O início do pagamento do Auxílio Emergencial foi conturbado, as informações eram confusas, foram muitas as trapalhadas do governo e os empregados da Caixa foram a ponte (e a tábua de salvação, em muitos casos) entre os anúncios de pagamento e o recebimento efetivo do dinheiro. Tentavam, de toda forma, ajudar essas pessoas com o cadastro, tirando dúvidas e tentando fazer com que o dinheiro chegasse às mãos de quem mais precisava. Tudo isso aliado ao medo de pegar o tão assustador vírus ou o levar para casa. Haja saúde e emoção!



Órgãos públicos precisam
ajudar quem busca o
Auxílio Emergencial



O GOVERNO QUER
REDUZIR OS CUIDADOS COM
A SAÚDE E A SEGURANÇA
DOS BANCARIOS DA CAIXA

**E como foi
o home
office?**





**DANIELA
RODRIGUES
PEREIRA DIAS**

Empregada da Caixa,
agência Santa Filomena

“Quando me convidaram para contar um pouco sobre o dia a dia de um bancário em home office durante a pandemia, perguntei, para mim mesma, se teria algo a dizer, afinal, estou no aconchego do meu lar desde abril de 2020, por ser do chamado ‘grupo de risco’, enquanto tantos colegas estão na linha de frente, enfrentando o atendimento com inúmeros protocolos a seguir, com medo da contaminação, com tanta reclamação de cliente, com metas a cumprir.

Parei por um instante, respirei fundo e fiquei pensando, tentando encontrar algum fato marcante nesse período. De repente, um turbilhão de ideias foram surgindo em minha mente, como um grande flashback. Tudo, absolutamente tudo, precisou de adaptação, quer seja na agência quer seja em casa. A cada dia, uma orientação diferente: “instala VPN no seu notebook, usa máscara, Face Shield, álcool em gel, não esquece o distanciamento, como? Vem buscar o computador. Onde vou colocar? Improvisa sobre o móvel, serão apenas 15 dias.

Quarentena prorrogada. Agora, reveza com o colega, faça marcações no chão para distanciamento, primeiro caso de Covid-19. Abertura às 10h, não às 8h, a internet não está

funcionando, upgrade no pacote de dados. Ai, essa máquina de lavar!

Protocolo outra vez, ixi, outra agência? Fecha, abre, faz PCR, traz o computador na agência para atualizar, entra no Interaxa, vai voltar para a agência, não vai mais, espera a vacina, vai voltar. Ixi, aumentou a meta, reunião on-line. Instala programa, desinstala. Grupo de trabalho, troca senha, VPN não funciona, protocolo 1, de novo? Não esquece o Real Fácil. Para tudo que chegou o mercado, filha! Máscara, álcool em gel, higieniza tudo, volta correndo, pois tem três no Interaxa!

Precisamos fechar o semestre no azul!

Videoconferência para saúde mental, chora com a história do colega, chora em grupo, chora sozinha. Muda o protocolo. Vacinou? Viva! Protocolo 1, outro? Três agências, cinco em um dia, meu Deus! Não esquece a meta, outro grupo de trabalho, oferece cartão de crédito, seguro residencial, o VPN caiu de novo, dez colegas de uma agência contaminados, vai ter PLR, só depositaram 3%, não eram 4%? Entra na Justiça! Um colega perdeu a batalha para o vírus, tristeza, não dá tempo que hoje é o dia D de seguro. Genteeeeeeeeeee?! Respira! Responde Ouvidoria, Interaxa. Filha, venha almoçar! Só mais um pouco, mãe. Uma da tarde, duas, três, ufa! Agora eu vou almoçar. Não dá tempo, tem videoconferência. Ah! Só dá tempo de um lanche. Mais um colega perdeu a batalha para o vírus, mais um? Mais um não, menos um!"

O trabalho remoto foi um dos grandes desafios da pandemia. Nunca, em toda a história dos bancos, foi necessário deixar tanta gente em casa para cuidar da saúde. O atendimento aos clientes não podia parar, tanta gente dependia da Caixa, literalmente, para comer e sobreviver. Mas os empregados também precisavam estar o mais protegidos possível.

As pessoas dos chamados grupos de risco foram autorizadas a trabalhar em casa, mas como fazer isso? As aulas foram suspensas e muitas mães não tinham com quem deixar seus filhos. Tem computador para todo mundo? Como controlar as horas trabalhadas? Como dar conta da casa, dos filhos pequenos, da saúde e do trabalho? Como dar acesso aos sistemas da Caixa para as pessoas que estão em casa? Como fica a agência sem boa parte de seus empregados no atendimento presencial?

Até hoje, depois de mais de dois anos de pandemia no mundo, muitas dessas perguntas não foram respondidas. Foi do jeito que deu!

Apesar de saber que, em home office, estavam relativamente mais protegidos, os empregados dos grupos de risco não estiveram livres dos problemas relacionados à pandemia e os estudos sobre os desdobramentos do trabalho remoto, além de toda a vivência desse período, estão apenas começando.

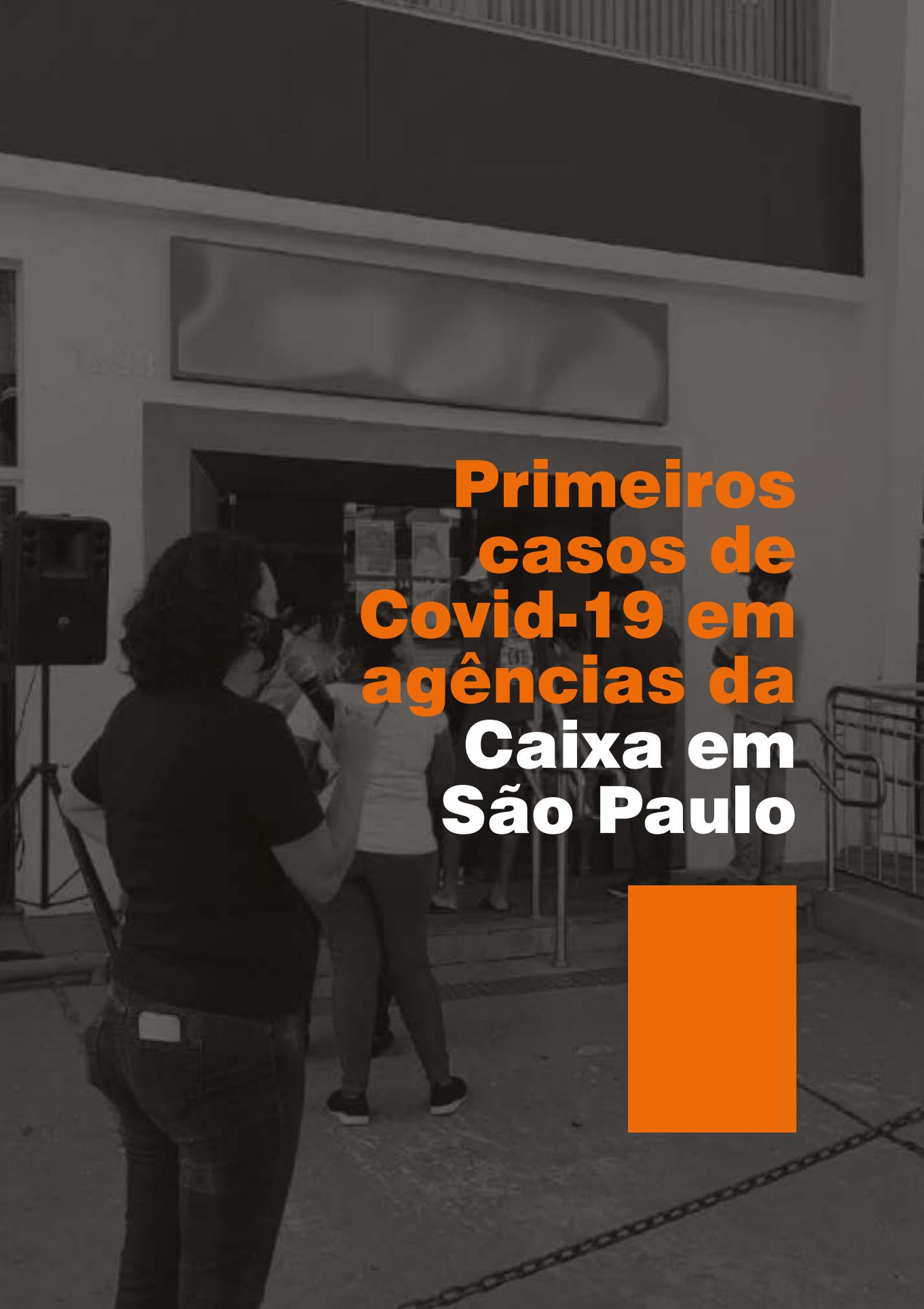
"... A sociedade precisará criar formas de regulamentação do home office que considerem o difícil imbricar de vida privada e vida laboral em domicílio, sobretudo, para mulheres e para trabalhadores(as) que residam com filhos em idade escolar. É necessário um debate constante para delimitar espaços e evitar que o trabalho 'esteja em todo lugar', para utilizar a expressão de Oliveira (2015). Essas regulamentações, aliás, precisam desembocar em condutas civilizadas quanto às práticas em relação à saúde do(a) trabalhador(a). A Reforma Trabalhista e as posteriores medidas do governo relegaram, ao mundo privado, a regulamentação de temas quanto à saúde e segurança do trabalhador, o que poderá ter um alto custo social."



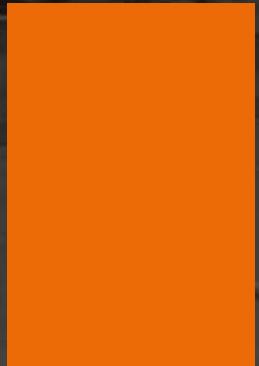
Pesquisa nacional
da Contraf-CUT
sobre home office
dos bancários







Primeiros casos de Covid-19 em agências da Caixa em São Paulo





**LUIZA HANSEN
ARRUDA
DOS SANTOS**

Empregada da Caixa,
agência Vila Prudente

O dia 19 de março de 2020, uma quinta-feira, bem no início da pandemia, marcou minha trajetória na Caixa. Ainda não havia sido decretado o lockdown e pouco se sabia sobre o coronavírus.

Dois colegas da minha agência, Vila Prudente, estavam com suspeita de Covid e procuraram um hospital no dia anterior. Como não havia teste rápido na época e não tinha como comprovar se estavam ou não infectados, os médicos não atestaram a doença nem a sua suspeita.

Colocaram um CID referente à tosse e afastaram os colegas por 14 dias. Avisamos, então, a Apcef/SP e o sindicato.

No dia 19, os representantes das duas entidades estavam em frente da agência para impedir a abertura, pois o protocolo da Caixa indicava o funcionamento normal: só fechava a unidade se o CID do empregado indicasse Covid ou suspeita da doença. Depois de muita negociação, não abrimos a unidade, contudo, como o protocolo, naquele formato, não garantia o fechamento, a pressão por parte da gestão da Caixa foi grande!

Naquele dia, outra colega não estava bem e passou no hospital. Dessa vez, sim, teve o CID atestando suspeita de Covid e o protocolo, que incluía a

higienização e o afastamento dos empregados, foi implementado. A colega ficou de licença por 14 dias. O mesmo aconteceu comigo na sexta-feira daquela semana.

Na época (quem vê nem acredita que faz pouco mais de um ano isso!), não tinha álcool em gel nas agências nem proteção de acrílico para atendimento ao público. Era o cenário perfeito para a propagação do vírus. Não havia testes suficientes, então, não sei se eu estava, de fato, contaminada, mas cumpri a quarentena.

De 2020 para cá, a agência Vila Prudente já foi fechada algumas vezes, outros colegas de lá pegaram o vírus. Tivemos de aprender a conviver com a pandemia.

Neste ano, por conta de sequelas da Covid, perdemos uma colega superquerida. Era gerente da agência. Teve um AVC depois do período de quarentena, permaneceu em coma alguns meses e não resistiu.”



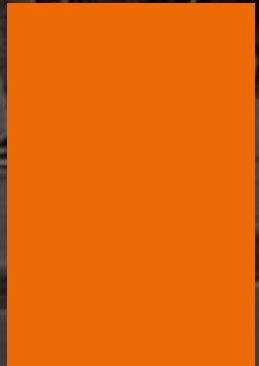
O anúncio da primeira morte em decorrência da Covid-19 no Brasil foi o de um homem, 62 anos, em 17 de março de 2020, no Estado de São Paulo. No dia seguinte, 18 de março, foi conhecido o primeiro caso de coronavírus em uma agência da Caixa da capital, na Chácara Santo Antônio. Na mesma semana, foi fechada a agência Vila Prudente, citada no depoimento. A desinformação era grande na Caixa e havia confusão até nos hospitais. Os médicos, devido à dificuldade com testes, afastavam os trabalhadores e colocavam, em seus atestados, CIDs de sintomas das doenças ao invés da numeração considerada "suspeita de coronavírus" ou "coronavírus", mesmo dizendo aos pacientes que eles, provavelmente, estavam infectados, como foi relatado, à época, para a Apcef/SP. Esse procedimento criava dificuldade para implantar as medidas de higienização e afastamento. Algumas chefias, mesmo entendendo que os colegas afastados podiam estar infectados, não fechavam os locais. O correto seria fechar, mas, até aquele momento, a direção da empresa não havia se comprometido. A Apcef/SP e os sindicatos recebiam inúmeras denúncias e precisavam atuar no fechamento das unidades, apelando ao bom senso dos gestores, que, muitas vezes, também relatavam sentimento de desamparo diante do posicionamento da direção. Por causa da atuação das entidades, a Caixa alterou a forma de tratar os casos suspeitos de Covid-19 nas unidades. Entre as mudanças, estavam a aplicação de protocolo em casos suspeitos - e não apenas nos comprovados por exame laboratorial; a ampliação do trabalho remoto, ao deixar de exigir a apresentação de laudo para quem fazia parte dos grupos de risco, uma vez que a exposição para buscar o documento poderia ser fatal; e a aplicação do teletrabalho para pessoas com sintomas de gripe, mesmo sem apresentação de atestado.



Primeiros casos de coronavírus
na Caixa em São Paulo



Caos no pagamento do Auxílio Emergencial





IVAN NERIS

Empregado da Caixa,
agência Guianases

"A agência em que trabalho fica na periferia da capital, próxima de uma comunidade carente, bem ao lado de um Batalhão da Polícia Militar. Logo no primeiro dia de atendimento do Auxílio Emergencial, a situação já era dramática, com um monte de gente em frente da agência, antes mesmo de o governo liberar o benefício.

Durante mais de sete meses, era normal ver policiais por ali. Teve um dia que vi seis viaturas da Polícia Militar, com policiais armados com escopetas, escoltando a gerente da unidade, que usava um megafone para conversar com a população que esperava do lado de fora.

Cheguei a recorrer até ao armário de docinhos da agência para ajudar uma mulher que estava na fila desde as primeiras horas da manhã. Ela me contou que não tinha jantado na noite anterior, havia dormido na fila e estava com fome. Tudo isso com o agravante de ter esperado em vão, pois, infelizmente, não tinha direito ao Auxílio. Perguntei se ela tinha alguma restrição alimentar e entreguei para ela uma paçoquinha, já que temos o costume de comprar doces para beliscar no meio do dia. Não foi só a população desempregada que enfrentou desafios. Aqueles que estão trabalhando e viram o

seu salário perder o valor de compra diante da crise econômica ou tiveram de passar a sustentar mais pessoas, como é o caso de diversos empregados terceirizados da Caixa, também precisaram da nossa solidariedade. Por duas vezes, a agência se uniu, em 2020, para comprar cestas-básicas para auxiliar o pessoal da faxina e da segurança. Quem trabalha na Caixa sabe: a nossa vida, em diversas situações, acaba se misturando à vida dos que nos rodeiam. Somos um pouquinho de cada um ali dentro da unidade. Seguimos vivos, solidários e prontos para mais um dia de trabalho.”

OAuxílio Emergencial foi criado para mitigar os efeitos da crise econômica causada pela pandemia de Covid-19. Com o isolamento social, milhões de brasileiros ficaram sem trabalhar. A intenção inicial do governo era fazer três pagamentos de R\$ 200 cada, mas, durante a tramitação no Congresso, o valor subiu para R\$ 600.

A lei foi publicada em 2 de abril de 2020, mas as informações para a população eram confusas, quando existiam. As pessoas começaram a formar filas imensas na frente das agências antes mesmo de o benefício começar a ser pago.

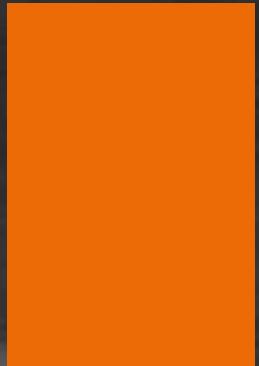
As entidades que representam os bancários cobravam, insistente mente, da Caixa e do governo, uma ampla divulgação sobre as regras e o calendário de pagamento, mas isso demorou a acontecer. Pessoas, que sequer sabiam se receberiam ou não o Auxílio Emergencial, dormiam nas portas das agências em busca de alguma informação.

A própria Apcef/SP, por causa das enormes filas nas agências e da falta de clareza das informações disponibilizadas pelo governo, chegou a preparar folhetos e postagens nas redes sociais para auxiliar a população.





**Desespero e
confusão no
pagamento
do Auxílio
Emergencial**





ELAINE CARVALHO DE MONTE

Empregada da Caixa,
agência São Bernardo
do Campo

"Ainda era bem no começo do pagamento do Auxílio Emergencial, acho que fim de abril, início de maio de 2020. Bem no dia em que, para receber o benefício, passaria a ser necessário gerar um token do aplicativo da Caixa para saques no ATM.

A gente não tinha informação completa de como seria o procedimento dali para frente. Não tinha como gerar o token para quem não possuía celular ou aplicativo.

A fila era daquelas de virar o quarteirão, calor. Nossa!

Trabalho na agência São Bernardo, no ABC. Eu estava fazendo a triagem naquele dia, com o computador do lado de fora da porta-giratória, ali mesmo no autoatendimento. Não havia, ainda, a proteção de acrílico. A gente usava aquele separador de fila para impor uma certa distância por conta dos riscos da Covid-19.

Sentada, chamei o próximo cliente. Ele estava esperando na fila há mais de três horas, naquele sol quente.

Quando falei para ele que, para receber o benefício, era preciso gerar um token no celular, pelo aplicativo da Caixa, a pessoa surtou! Disse que não tinha celular, que não sairia dali sem o dinheiro e começou a gritar. Ele estava tão fora de si - e devia

achar que a culpa de não conseguir receber era minha, que começou a vir para cima de mim, com falas racistas, totalmente desorientado. Nossa! Ainda lembro o que senti!

Naquele momento, eu estava só esperando o computador voar na minha cabeça. Meu medo era tanto que eu cheguei a sentir o baque do computador em mim, mesmo ele não tendo sido arremessado.

O pessoal da agência, além de quem estava por perto, demorou muito para perceber a gravidade da situação. Dois colegas da Caixa me colocaram para dentro da unidade. Eu não me mexia, chorei o resto do dia. Não conseguia mais dormir e precisei procurar um médico. Essa situação toda acabou trazendo à tona, para mim, lembranças ruins sofridas no meu passado. Fiquei afastada uns quatro meses, desenvolvi Síndrome do Pânico. Foi bem difícil superar. Nem todo mundo entende o que eu passei naquele dia e as consequências daquilo.”

Para viabilizar o pagamento do Auxílio Emergencial, a Caixa criou um aplicativo, o Caixa Tem, que, no início, possibilitava apenas pagamentos e transferências, sem a opção de retirada em espécie. Cerca de 38 milhões de brasileiros, que nunca tinham tido conta em banco, passaram a utilizar os serviços do banco público.

No fim de abril, a Caixa liberou os saques em dinheiro. Para retirar o valor, não era preciso ir à agência, bastava gerar um código, por meio do aplicativo, que ele liberava a retirada em caixas eletrônicos ou em lotéricas. Simples, não é? Mas só na teoria.

A confusão era muito grande por causa das divergências na divulgação de datas pelo governo, dos problemas de acesso ao aplicativo, da falta de informações.

As pessoas não conseguiam sequer se cadastrar, algumas nem tinham celular ou acesso à internet e procuravam a Caixa para tentar solucionar todo e qualquer tipo de problema.

Pessoas com fome, sem emprego, que enxergavam, no Auxílio Emergencial, uma luz no fim do túnel e, nos empregados do banco público, aqueles que poderiam resolver suas dificuldades para receber o tão sonhado benefício.



Entenda o que é viés
inconsciente e como
ele ajuda a manter o
racismo estrutural





“Ele estava tão fora de si - e devia achar que a culpa de não conseguir receber era minha, que começou a vir para cima de mim, com falas racistas, totalmente desorientado. Nossa! Ainda lembro o que senti!”

Elaine Carvalho de Monte

**E sempre
tem aquele
que tira
a máscara
pra espirrar...**



EDIMILSON QUESADA DELÁSARE

Empregado da Caixa,
agência Novo Horizonte

"Pensei em algumas coisas que aconteceram durante a pandemia. A primeira delas foi todo o mal-estar que causou. No começo, qual era a prioridade? Apenas o atendimento essencial e você percebia que os clientes não entendiam.

Teve toda uma adequação, tanto dos empregados da Caixa quanto dos clientes, que tiveram de se adaptar à nova rotina e começar a utilizar os meios alternativos, como caixa eletrônico e lotéricas, para poderem fazer suas transações.

Os colegas da agência foram bem compreensivos com a situação, se preparando e se solidarizando para conseguir resolver tudo o que fosse preciso. Alguns foram para o home office, outros ficaram na agência e a gente procurou se manter unido para falar a mesma língua.

Uma outra situação era a de clientes querendo entrar sem máscara na agência. Além de explicar por que precisava usar, tinha a questão do distanciamento fora da unidade. O município teve uma atuação muito forte quanto ao distanciamento e delegava, para a agência, a obrigação de manter isso fora da unidade.

Dentro da agência, a gente conseguia manter, mas fora ficava complicado! No meio de tudo isso, teve um caso inusitado. Tinha um senhor que

frequentava a agência, lá no autoatendimento mesmo e, na pandemia, quando ele inventava de espirrar, tirava a máscara. Nossa! A máscara era justamente para isso! Uma vez, o vigilante falou: ‘Senhor, pelo amor de Deus, né? Se o senhor estiver com Covid, vai contaminar todo mundo. Coloque a máscara, por favor!’ Daí veio a resposta: ‘Ah, mas eu vou espirrar!’. O vigilante falou novamente: ‘A máscara é justamente para isso!’.

Aqui é um município próximo de 40 mil habitantes, então, é a única agência da Caixa que tem. Morar em cidade pequena é aquela coisa, né? Todo mundo sabe que você trabalha na Caixa e para você na fila do mercado, no posto de gasolina, quando você está tomando o café da manhã fora de casa, sempre para perguntar coisas do banco. Não tem fim de semana, isso acontece em qualquer dia, em qualquer hora. Imagina como foi durante a pandemia!

O que eu dei de atendimento fora do horário de trabalho não está na conta! Me chamam nas redes sociais, no meu WhatsApp... até mesmo na minha fisioterapia me perguntam! rssssss.”

Novo Horizonte fica próxima de São José do Rio Preto, uma cidade pequena, com uma única agência da Caixa, como tantas outras em nosso País.

O coronavírus demorou um pouco mais para chegar ao interior, mas foi tão ou mais cruel do que na região metropolitana.

Com uma estrutura hospitalar inferior em muitas regiões, o governo projetava que a Covid atingiria todas as 645 cidades do Estado já no fim de maio de 2020, com taxa de crescimento quase quatro vezes maior do que na capital.

Diferente do que muita gente pode pensar, que trabalhar no interior é mais tranquilo, especialmente em uma pandemia, todos passaram por situações igualmente complicadas.

Da falta de informação a cliente tirando máscara para espirrar, os empregados da Caixa, de todos os cantos do País, passaram por grandes desafios.





**Sorrir com
os olhos
salvou
meu dia**



CIBELE GONÇALVES BARADEL

Empregada da Caixa,
agência Rua dos Italianos

“O que eu quis trazer aqui foi uma história que me emocionou. Assim, eu diria, até bonita. Foi quando entrou na fase vermelha em São Paulo, estava atendendo no horário das 8 às 13h, a agência estava muito cheia, as pessoas estavam muito estressadas. A gente acaba atendendo, em muitos dias, de uma maneira mais distante também, sem muito contato.

Neste dia, fui trabalhar e eu estava muito mal. Tinha perdido alguns colegas, morrido bastante gente: minha professora de canto, um colega do sindicato, um primo, várias pessoas. Eu estava triste, estressada, dormi muito mal à noite e chorei muito. Fui trabalhar e estava, realmente, com cara de choro, né? O olho inchado, com a máscara, tudo! Eu estava péssima!

Daí, atendi algumas pessoas e, na hora que eu chamei uma moça - ela não é cliente da agência, nem lembro o que ela foi fazer... acho que algum saque aleatório... não sei o nome dela, eu estava atendendo rapidamente, sem tempo para conversa -, ele olhou muuuuito pra mim e falou: você não está bem hoje, deve ter chorado a noite inteira. Eu estava muito fragilizada e meu olho encheu de lágrima, eu me segurei, mas aí olhei para ela e falei: ‘Sim, você acertou! Eu não estou em um bom dia hoje, não tive uma noite

boa'. Ela também se emocionou, ficou com os olhos rasos d'água e falou: 'É muito difícil isso pelo que a gente está passando. As pessoas estão muito ariscas, muito na defensiva. Tem muita gente enlutada e está muito difícil'. Daí ela deu um sorriso - mesmo com a máscara eu vi que ela sorriu com os olhos - e falou: 'Mas eu tenho certeza de que isso tudo vai passar. Eu perdi meu marido faz dois meses!' Então é assim, sabe? Eu fiquei muito comovida, estava mal por causa de tudo: do estresse do trabalho, da pandemia, das pessoas próximas que tinham falecido, toda a tristeza envolvida nessa loucura que a gente está vivendo. Achei muito bacana porque ela me consolou. Bonito porque ela viu que eu não estava bem. É difícil um cliente, ainda mais que não é habitual, ter esse tipo de atenção com você.

A gente teve essa conversa rápida e me consolei, apesar de ter-me sentido um pouco desconfortável, também, porque eu pensei: eu estou mal, tenho os meus motivos, mas olha essa moça, ela tinha perdido o esposo fazia dois meses!

Daí, eu pensei que ela, por estar sensível também, enxergou a minha sensibilidade. Eu dei os meus pêsames.

Eu e ela não chegamos a chorar. Acho que porque tinha de ser um atendimento rápido e, por vergonha, sei lá.

No final, eu agradeci muito e disse: você salvou o meu dia! E isso tudo aconteceu em menos de cinco minutos."

Em meados de agosto de 2020, a Caixa mudou seu horário, reduzindo em uma hora o tempo de atendimento ao público nas agências.

Naquele momento da pandemia, os bancos funcionavam apenas para atendimentos essenciais e em horário reduzido, das 10 às 14h. Somente a Caixa, por conta do pagamento do Auxílio Emergencial, ficava aberta das 8 às 14h.

Dado o serviço oferecido pelo banco, como o pagamento do Auxílio e de outras políticas de transferência de renda, a Caixa registrava filas cada vez mais cedo, a ponto de muitos clientes dormirem em frente das agências.

A pressão para atender a maior quantidade de clientes possível - não só para cumprir as metas de atendimento impostas, mas, também, reconhecendo a espera das pessoas na porta das agências - fez com que, apesar da troca de palavras entre a Cibele e a cliente, o choro ficasse para depois.

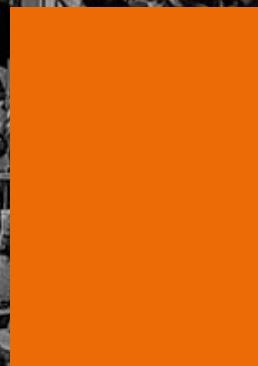
Lidar com o luto durante a pandemia foi ainda mais difícil do que em qualquer outro momento.



Mudança no horário de
atendimento do banco



Cenário de pós-guerra



EMPREGADA DA CAIXA QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR

“Éramos quatro caixas e um tesoureiro. Na pandemia, fiquei sozinha, pois os demais colegas faziam parte do grupo de risco. Alguns amigos vieram ajudar durante algum tempo, mas era passageiro. Desse período, história é o que não falta! Atendi muita gente que perdeu alguém ou saiu do hospital depois de vencer o vírus. Era tudo uma mistura de cenários, parecia um pós-guerra junto com ‘Walking Dead’. Muitas pessoas me puxavam pelo braço para pagar contas, receber, era agredida verbalmente quase todos os dias pelos clientes - eles passavam horas esperando o atendimento! Muitas vezes, eu precisava sair do caixa para ver o ATM, a tesouraria. Ninguém via que eu estava ali sem beber água, ir ao banheiro, almoçar! Só me viam saindo da cadeira do caixa. Não sabiam que era parte do meu trabalho. Foi bem tenso! Eu mesma peguei Covid faltando um mês para me vacinar. Tive sequela, fiquei com problema de memória e fiz tratamento com neurologista. Antes da pandemia, eu havia recebido o incentivo de idioma, mas vinha muito cansada, com uma rotina intensa, chegava a pensar que estava doente. Isso, sem contar o

psicológico por ouvir tantas histórias de perto. Tive muito medo! Não consegui estudar como deveria, mas decidi tentar a certificação Toeic, de inglês, mesmo assim.

Quando eu tive Covid e fiquei no INSS, não recebia a quebra de caixa, o que foi ruim, pois eu havia feito muitas consultas, gastado muito dinheiro. Minha coparticipação no Saúde Caixa ficou alta. Não cheguei a ficar internada, mas passei por uns apertos.

Embora eu tenha tido ajuda de uma colega caixa, que me deu muita força, eu queria férias para me recuperar e tentar estudar, mas não tinha ninguém para ficar no meu lugar. A doença me abalou bastante!

Só consegui férias em novembro. Meu objetivo, agora, depois disso tudo, é trabalhar na área comercial e fazer carreira como gerente!"

Afalta de empregados foi um dos principais problemas organizacionais da Caixa, que já existia antes da pandemia e tornou-se crônica neste período.

A ausência de alguns colegas, seja nos rodízios seja por fazerem parte dos grupos de risco, e a não contratação de empregados novos fizeram falta a ponto de muitos relatarem problemas de saúde por não saírem para se alimentar, irem ao banheiro ou beberem água. Tudo isso em uma época na qual a resistência do organismo poderia ser testada, a qualquer momento, com a exposição ao coronavírus.

Em outubro de 2020, o presidente da Caixa convidou o presidente da República para realizar um atendimento na agência-barco Ilha do Marajó. Em clima de festa, sem máscara e sem distanciamento, fizeram o pagamento do Auxílio Emergencial. Conforme os registros fotográficos demonstram, sem seguir os protocolos acordados entre os bancos e a representação dos empregados, a atitude passou o recado da falta de preocupação da direção em relação aos cuidados com os trabalhadores e a população.

O presidente do banco, percebendo a importância da atuação dos empregados da Caixa, passou a veicular mensagens, em suas redes pessoais, o que acabou sendo alvo de denúncias. O fato chegou a ser investigado e apurado pelo Tribunal de Contas da União (TCU).

Apesar do descaso da direção, os empregados, verdadeiros responsáveis pelo trabalho e desempenho positivo da Caixa durante a pandemia, seguiram arriscando suas vidas, sustentando suas famílias e buscando evoluir nas carreiras, quando possível.



Apesar dos protocolos anunciados pela direção, muitas são as denúncias de dificuldade para implementação



Denúncia contra presidente da Caixa chega ao MPE e ao TSE

“Veio um sentimento de que o mundo vinha perdendo um pouco... de reflexão sobre o vazio, sobre o correr do tempo. Algo que foi tão negado pela sociedade do consumo. É claro, isso vai trazer angústia para as pessoas. Acho um grande despertar.”

Marcelo Veras, psicanalista







**Não tinha
botes para
todos**



ANNA MARIA POLESE

Empregada da Caixa,
agência Senador Fláquer

“Não foi uma situação específica, mas havia o sentimento de medo. Trabalho há 20 anos na Caixa e a sensação que tive, no dia em que escalaram os que iriam para home office e os que trabalhariam presencialmente, foi como se não houvesse botes para todos. Só alguns sobreviveriam.

Pouquíssimas pessoas na rua e o inimigo invisível à espreita. Máscaras ainda não eram as ideais, não havia proteção nos guichês ou nas mesas.

Atendemos milhões de pessoas que nem estavam nas estatísticas do governo.

Nunca vi tanta desigualdade e, ao mesmo tempo, tanta paciência e gratidão. Lembro de conter as lágrimas quando uma pessoa ligou para sua vizinha para dizer que iria dividir, com ela, o Auxílio Emergencial que recebeu. E tantas outras histórias de perdas e luto que foram contadas.

Isso só veio confirmar meu orgulho de trabalhar em um banco com tão relevante papel social e a certeza de continuar na luta para que não seja privatizado.

O medo passou.

Fui me acostumando e, após estes dois anos, fica a experiência de sentimentos tão distintos.

Nesse período, nunca foi tão fácil trabalhar na Caixa - sem pressão pelo tempo de atendimento, com controle de pessoas dentro da agência, somente atendimentos essenciais, sem metas para vendas; nunca foi tão fácil e, ao mesmo tempo, triste e difícil!"



Apausa nas metas, no início da pandemia, foi um respiro para os bancários. Essenciais, permaneceram na linha de frente para fazer transferências de renda e para dar a possibilidade de as pessoas utilizarem recursos e manterem-se durante a pandemia. Mal se sabia o tempo que tudo iria durar.

Os atendimentos essenciais descritos no Decreto 10.282/2020, do governo federal, colocaram o setor bancário na linha de frente, mas foram os empregados da Caixa, com o pagamento do Auxílio Emergencial e de benefícios sociais diversos, sem contar os auxílios municipais, que sofreram com superlotações na porta das agências e, posteriormente, com o retorno das metas.

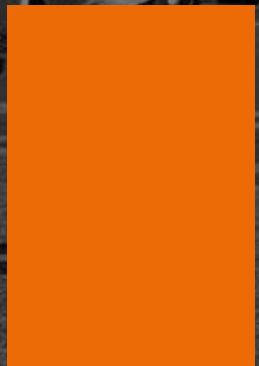
Apesar de todos os transtornos, os bancários da Caixa - sensibilizados com tamanha necessidade do povo - permaneceram firmes e gravaram, em suas mentes e corações, momentos que deram ainda mais significado ao seu trabalho e à existência do banco público.



Entidades
cobram e Caixa
suspende metas



**Tenda e
cadeiras
para melhor
atender à
população**



EMPREGADO DA CAIXA QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR

“Posso dizer que sou filho da pandemia na minha agência. Fui transferido para cá em março de 2020.

A história que vou contar até virou referência aqui na região. Foi quando o prefeito e o gerente geral tiveram a ideia de colocar cadeiras enfileiradas do lado de fora da agência para que a população tivesse um pouco mais de conforto na fila. Depois veio a tenda para proteger do sol. Tudo era no estacionamento da unidade. Nós invalidamos o local, colocamos a cordinha, a tenda e as cadeiras.

Mas o negócio foi ficando, assim, cômico, porque nós não achávamos algumas cadeiras no dia seguinte, provavelmente, eram levadas...rs. Não tinha muito essa de quem vai ser o vigilante, sabe? O importante era atender da melhor maneira possível.

Depois que identificamos isso, fomos fazendo umas melhorias. Aqui no interior chamamos de enforca-gato, conhece? Junto com uns ferrinhos, usamos para juntar as cadeiras. Foi legal, porque depois dessa engenhoca, ficaram 15 cadeiras em cinco fileiras.

De segunda-feira, eu chegava e, vez ou outra, encontrava uma cadeira quebrada, copos com bebida... porque as pessoas se aproveitavam do

ambiente... rss. Era, literalmente, engraçado. Uma vez, a faxineira, que chegava uma hora antes da abertura para higienização do ambiente, por volta das 7h, falou para mim, logo que cheguei, que tinha um homem deitado de barriga para baixo na tenda e ela pensou: 'morreu, o que é que eu vou fazer?' Ela disse que pegou uma vassoura e começou a cutucar, né? E ela: 'eu que não ia colocar a mão nele, imagina se ele tá com Covid?' Porém, ele acordou, esfregou os olhos e foi embora dizendo "bom dia!"...rss

Isso tudo acontecendo em meio àquele vendaval de medos e incertezas da pandemia. A gente pensava: se eu respirar a menos de três metros da pessoa pega Covid, né? Eu estava com mais medo do que ela de ser infectado. Imagina uma pessoa morrer em frente da agência - e com o vírus!

Com tudo fechado, outros bancos não querendo atender, o centro da atenção era a Caixa.

O que deixa a gente feliz é saber que conseguiu mostrar o lado social da Caixa também sob outro aspecto, tanto é que toda essa história das cadeiras e da tenda acabou repercutindo, chegando até o alto escalão do banco. Foram parabenizadas todas as agências que deram esses e outros confortos em prol da população no atendimento do Auxílio Emergencial."



O sentimento de solidariedade foi algo que aflorou em muita gente durante a pandemia. Surgiram lives para arrecadação de alimentos, mil ideias para ajudar os pequenos comerciantes, formas e mais formas de socorrer quem mais precisava. Mas foi no dia a dia que pequenas atitudes fizeram a diferença na vida das pessoas.

Os empregados da Caixa tiveram de inovar e inventar maneiras de atender, da melhor forma possível, quem estava ali, precisando de uma ajuda, de uma mão amiga.

Apesar de o desenho da política pública do Auxílio Emergencial não envolver entes da federação em sua organização, como cidades e Estados, foi com alguma vontade política que determinadas prefeituras foram para a porta das agências da Caixa e, em parceria com os empregados, fizeram com que a experiência do recebimento do Auxílio Emergencial fosse menos sacrificante e mais segura (com distanciamento social nas cadeiras, distribuição de álcool em gel, proteção contra chuva e sol em tendas).

Em muitos locais, sem esse tipo de apoio, não havia como os empregados da Caixa assumirem tudo sozinhos. Infelizmente, essa parceria ocorreu em poucas unidades e a cidade de São Paulo, com mais de 300 agências da Caixa, não teve esse olhar e cuidado com seus moradores.





**União
dentro
da Caixa**



ANDREA MATIAS CORDEIRO

Empregada da Caixa,
agência Imirim

"Em abril de 2020, eu saí de férias - um mês depois do início da pandemia - e, logo na volta, com menos de uma semana de trabalho presencial, fui diagnosticada com Covid. Eu tenho um filho autista e, na época, não havia a disseminação da circular sobre o grupo estendido da Caixa. Somente quando eu retornoi da licença é que eu fui trabalhar remotamente.

Agora, imagina um caixa executivo - já há oito anos - trabalhando remotamente! Para mim, isso foi bom e ruim.

O lado negativo foi ficar trancada em casa, com duas crianças, mudança de rotina - principalmente para o meu filho que é autista, pois a quebra de rotina é complicada para ele!

Eles entenderem que a mãe estava trabalhando foi difícil. Mesmo assim, contornamos a situação por aqui.

A parte boa foi que eu tive de aprender e reaprender a trabalhar em outras áreas do banco, já que eu era caixa. Para quem estava só na autenticação de boletos, isso foi algo muito bom e edificante!

Passei a responder a ofícios de casa, ocorrências SAC/Bacen, a dar suporte para a gerência.

Para mim, a pandemia veio para aprendizado. Na Caixa, eu voltei a ter contato com muitas pessoas,

muitos colegas, grupos de ajuda mútua, porque todo mundo se viu em um abismo sem saber como saía dele, não é? Desde técnico bancário, tesoureiro, caixa, gerente até amigos da CEF Mais Azul, pais de crianças autistas. No home office, enquanto a gente estava na retaguarda, sofrendo tudo o que a pandemia por si só já fez sofrer, para quem tem criança especial em casa, a ajuda mútua foi muito bacana e importante!

E o que dizer dos colegas, da paciência de ensinar? Porque quem é caixa não está habituado com o operacional da venda de um cartão de crédito, não tem nem senha para fazer isso, consultar um fundo não podia... então, em casa, teve uma ajuda tremenda de um perguntar para o outro, sabe? Eu fiz muitos amigos aqui na zona norte, colegas que nem lembra mais em que agência estava. A reciprocidade, a amizade, o companheirismo... eu tive muito, não tenho do que reclamar! Na pandemia, eu fui reeleita delegada sindical e eleita membro titular da Cipa. De casa, dá para fazer um bom trabalho! Eu saí da minha zona de conforto, é certo, mas se a gente colocar a nossa essência faz do limão uma limonada, não importam as circunstâncias!"

Um dos grandes desafios que a pandemia trouxe, entre tantos outros, foi a mudança de rotina. Todos, sem exceção, tiveram de reaprender a trabalhar. Para quem estava na linha de frente ou passou para o teletrabalho, os desafios foram enormes. Quem estava no presencial teve de aprender a lidar com o pagamento do Auxílio Emergencial, as longas filas, o sofrimento das pessoas mais carentes, além do medo constante de se contaminar com uma doença que ninguém sabia exatamente o que era (na verdade, ainda não sabemos!).

Quem foi para o sistema de teletrabalho teve de reaprender a trabalhar e a lidar com a rotina de casa, principalmente, aqueles que tinham filhos, pequenos ou não, afastados das escolas, da rotina e dos seus cuidadores. No caso das crianças com menos idade, ainda havia a dificuldade de elas compreenderem que os pais estavam em casa, porém, trabalhando.

A Apcef/SP realizou incontáveis reuniões com a direção e os gestores da Caixa para tentar amenizar as dificuldades. A liberação daqueles que conviviam com pessoas dos grupos de risco não foi imediata, só foi conseguida em agosto de 2020.

Ficar em casa ajudava muito a proteger os familiares com maior propensão a terem complicações da doença, mas trouxe muitos desafios no dia a dia, sobretudo, para as mães.



Caixa precisa implementar medidas de prevenção para quem mora com pessoas dos grupos de risco



Superação de desafios em meio à pandemia



SOLANGE SOARES ELOI

Empregada da Caixa,
agência Tatuapé

"Acho que o meu primeiro grande desafio na pandemia foi a transferência de agência devido à reestruturação. Não pelo fato da mudança em si, pois foi uma ascensão profissional e isso foi muito positivo, mas por ter acontecido em um momento tão conturbado.

Cheguei à agência Tatuapé em 13 de março e, logo no dia 23, a gente fechou por conta dos protocolos da Covid-19. Eu sou asmática, então, já fui incluída no home office e, quando a Caixa autorizou o trabalho remoto para o grupo estendido, eu também estava englobada por conta da minha filha menor ser PCD.

Na época, ao mesmo tempo em que eu tinha de me integrar com a equipe, precisava fazer relacionamento com cliente naquele cenário de pandemia, quando ele não sabia quem eu era - uma gerente nova que chegava à agência e tinha de ligar e falar: 'eu sou a Solange, do Tatuapé'. Quando voltaram as metas, em junho de 2020, foi ainda mais desafiador, porque eu precisava fazer a abordagem proativa, prospectar e fechar negócio por telefone. Foi bem complicado, mas fui conseguindo me virar!

Em meio a tudo isso, tinha aqui em casa também, né? Marido em home office, que é do grupo de risco, as crianças com o colégio fechado, ficamos sem a pessoa que trabalhava normalmente em casa. Ela não vinha por conta das restrições da pandemia.

Home office não tem horário de jornada registrada, né? Então, a gente, obviamente, acabava se estendendo. Terminava de trabalhar já pensando no dia seguinte, lavava, passava, cozinhava. Às vezes, terminava já de madrugada para poder deixar prontos, inclusive, a atividade e o material escolar para a aula do dia seguinte das crianças. Foi muito intenso!

Moro em apartamento. A minha sala foi transformada em playground. A gente desmontou a mesa e alugou casinha, comprou escorregador, cama elástica... foi a forma que encontramos para trabalhar. Enchemos a casa de estímulos para poder entreter as duas. Deu certo!

Com o tempo, fomos levando tudo de forma mais leve, mas teve crise de choro, de estresse também. Em contrapartida, tivemos a oportunidade de participar e presenciar, com a minha filha menor, a terapia on-line, fonoaudióloga, terapia ocupacional, psicólogo, por conta do seu quadro, e foi uma vivência que não teríamos se estivéssemos no presencial.

Até mesmo a festinha de aniversário on-line da minha filha mais velha, em julho de 2020, foi um marco na vida dela por termos participado e os amiguinhos da escola também, em um período que, comumente, é o de férias escolares, ou seja, ela nunca havia comemorado com a turma no mês dela.

Na parte profissional, eu precisei me reinventar, estudar e me dedicar muito, mas consegui fazer as minhas entregas, estreitar o relacionamento com clientes e me integrei à equipe.

Agora, mesmo distante, fui indicada para substituir a minha gerente geral em suas férias. Foi uma grande conquista para mim, uma superação dos desafios na Caixa e em casa.”

Em março de 2020, durante as rodadas de negociações entre os representantes dos empregados e a direção do banco público para debater as medidas de proteção contra a Covid-19, a Caixa aceitou suspender a cobrança de metas durante a pandemia. No entanto, em junho, mesmo com o alto número de casos de contaminação, a Caixa retomou a cobrança de metas, com muito mais afinco.

A partir de então, foram muitas reuniões e cobranças dos representantes dos empregados para que a direção do banco desse o devido valor a seus trabalhadores em um momento tão delicado, mas não obtiveram sucesso quanto à retirada das metas.

Quase que a totalidade das ações tomadas para garantir a segurança e a saúde dos trabalhadores, durante a pandemia, foi fruto de cobrança ou negociação com os representantes dos trabalhadores. No entanto, a volta à rotina de cobrança de metas e o fim do teletrabalho para parte dos empregados são frutos de decisão unilateral.

Outro item importante, sem avanço nos debates, era o contrato de trabalho do home office, no qual a Caixa não contemplou o registro da jornada dos empregados em ponto eletrônico.

A marcação de jornada ainda é uma demanda que segue em discussão nas mesas de negociação, já que a extração foi algo recorrente durante a pandemia.

Se os bancos decidiram adotar o teletrabalho em determinados departamentos, é preciso que o direito à marcação da jornada seja respeitado.



Teletrabalho, banco de horas
e controle da jornada em
debate na Caixa



**Cobrança
de metas
fora de hora**

EMPREGADO DA CAIXA QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR

"A agência em que estou trabalhando é lotada. Loooottaaaada! Não tem quase banco na região, a Caixa é tudo aqui.

De manhã, SEV no pescoço perguntando quanto que nós vamos fazer de previdência. Até aí, sem novidade, eles lá querem saber que é dia de Auxílio Emergencial? Querem a meta e, já era, o resto você se vira. Ah, paciência! Nem me estresso, se der faço, se não der não deu.

Autoatendimento lá com a quantidade que pode dentro e uma galera na fila do lado de fora.

Distanciamento? Problema meu, né? Agora, vai exigir isso lá fora?

Pessoal tá com pressa, fica um colado no outro, a gente fala, mas quando vê, já era. Pelo menos, estão de máscara. Aí começa a cair uma chuva, mas uma chuva!

AAAAAdivinha? O povo quis saber se podia entrar ou se não podia?

Coronavírus, dengue, barbeiro... que

nada! A necessidade ganha.

Entrou todo mundo no auto-atendimento, uma bagunça, a fila se desfez, ninguém mais sabia direito quem estava na frente de quem, começou briga, a gente separando, atendente tentando ajudar, eu tentando pedir para o pessoal esperar lá fora. Você sabe que só precisa de uma foto do pessoal aglomerado

aqui para eu rodar, né? Mas o povo ia ficar na chuva?

Fomos caçando guarda-chuva na agência, sempre aparece uns que o pessoal esquece e fica numa gaveta. Foi o que salvou por um momento. 'Aeee, galera, calma que todo mundo vai ser atendido, vamos organizar aqui, olha o guarda-chuva! Que a chuva Deus mandou para abençoar, vamos lá, pessoal!' Uma parte da galera deu risada, foi saindo, organizando, mas, daí, sempre tem um, né... Ai caramba, ficou um (ou dois) lá que estava atrás na fila tentando passar na frente como quem não quer nada. Pessoal que se ligou já começou a xingar, entrou de volta, queria ir pra cima e já era tudo, guarda-chuva é nada! Confusão voltou dobrada. Galera entrou toda, eu já estava ligando para a polícia, pois ia ter gente se pegando!

Aí, é aquele momento que você precisa do gestor dando uma força, dizendo um pouco o que fazer, né. Pô, eu estou substituindo! Tinha tentado falar na SEV, não consegui, mas aí me retornaram.

'Oi, tudo bem? Como está aí?' Fui falar o que estava acontecendo, já logo me interrompeu! 'Não, não, não, não quero saber dos problemas aí não, você está de gerente geral, isso é com você. Quero saber quanto fez de previdência.' É mole?"

Com o retorno da cobrança por metas, que havia sido suspensa entre março e junho de 2020, os empregados da Caixa começaram a passar por situações extremamente delicadas.

Enquanto o presidente do banco público posava para foto ao lado do presidente da República, transmitindo a imagem de que a prioridade do banco era o atendimento da população que buscava o Auxílio Emergencial, os empregados ouviam que as agências tinham de atingir o índice de 200% da meta em determinados produtos.

Com mais de 150 mil mortes provocadas pela Covid-19, na época, o presidente da República dizia que o Brasil tinha de "deixar de ser um País de maricas" e que "lamentava" os mortos, mas que todos nós iríamos morrer um dia.



Prioridade na
Caixa não é
atender filas

**Lucro
exorbitante
e descaso
com os
empregados**

EMPREGADO DA CAIXA QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR

“A situação se repete (e piora!). Na época em que liberaram o FGTS, antes da chegada do coronavírus, foi o caos na Caixa. Mas isso, perto da pandemia, é brincadeira de criança, né?

Teve home office, então, algumas pessoas ficaram em casa, diminuiu o efetivo dentro da agência, aumentou o movimento, tinha o distanciamento, o pessoal não podia entrar na unidade com a mesma frequência de antes e o atendimento se estendia sabe-se lá até que horas! Se o banco fechava às 13h, tinha dia que ia até às 17, 18h no pagamento do Auxílio Emergencial, mesmo abrindo às 8h.

No começo da pandemia, tinha muita fila. Era grande a dificuldade das pessoas para usar o aplicativo, fora que o pessoal troca muito de celular, não tem e-mail fixo, o que complica muito na hora de acessar a conta.

Com isso, a maioria acabava tirando cópia do documento, indo direto para o caixa. Aconteceu muito de as pessoas pegarem o token na mesa e, quando iam para o caixa eletrônico, não funcionava. Daí, retornavam e a solução era ir para o caixa.

Nós somos em três caixas, um se afastou por 60 dias porque pegou Covid. Tem as férias e, com dois caixas, você não pode tirar mais um. Quando é a vez de o tesoureiro sair,

um caixa vai substituir, então, com dois é pouco para o volume. No princípio, parecia que a culpa era nossa!

Isso tudo é o que acontece sempre, mas o volume aumentou na pandemia. Boa parte dos clientes assíduos, que tinham condição de usar outros canais, como autoatendimento ou aplicativo, sumiram da agência. Ficaram os que têm mais dificuldade: pessoas com mais idade ou quase nenhuma capacidade de lidar com tecnologia. Esses continuaram a frequentar a unidade, contudo, em menor escala.

Na agência, a gente acaba pagando muito FGTS de dois, três meses, o que foi uma consequência da pandemia, quer dizer, não estão deixando nem chegar no fim da experiência para mandar embora e, assim, não ter de pagar a multa. A gente vê, de perto, muito desemprego, muita dificuldade. Isso torna nossos dias cada vez mais complicados.”

Asistématica inicial para o pagamento do Auxílio Emergencial não era, na prática, operacionalmente viável. As medidas, consideradas insuficientes por analistas econômicos de fora do governo, resumiam-se, além do Auxílio Emergencial, em liberar valores do FGTS dos trabalhadores e antecipar parte do 13º salário dos aposentados e pensionistas do INSS, além de pequenas mudanças em taxas de juros. Atendendo ao apelo dos empresários, o governo federal anunciou, em março de 2020, uma linha de crédito emergencial para financiar a folha de pagamento de pequenas empresas. Em abril, o governo anunciou medidas com o intuito de aumentar a oferta e facilitar a tomada de crédito no mercado, mas não havia uma definição clara de como os bancos deveriam utilizar os recursos injetados. Na prática, o crédito continuou caro e o *spread* bancário, alto. Todos os bancos tiveram lucros astronômicos em 2020 e 2021, a despeito da queda na atividade econômica de diversos setores econômicos e do aumento do desemprego no País.



Lucro da Caixa em 2021



Lucro da Caixa em 2020



**Emoção
à flor da
pele**



TANIA REGINA BASILE RIGO

Empregada da Caixa,
agência Campo de Marte

"Logo no começo da pandemia, fiquei internada por causa da Covid. Foi em maio de 2020: 13 dias de hospital, 11 deles na UTI, com balão de oxigênio, mais sete dias em casa, sem contato com ninguém, fazendo telemedicina, o que ocasionou até licença no INSS. Eu estava com o pulmão quase todo tomado pela pneumonia. Mas não tive sequelas, graças a Deus!"

Quando a médica me disse que eu ficaria no hospital, falei que estava com férias marcadas para aquela semana. Ela, educadamente (rsss), falou que esperava que eu estivesse melhor até lá, mas que eu ficaria internada. Não teve jeito, foi preciso cancelar tudo, estornar o dinheiro que eu havia recebido das férias, esperar passar a licença e receber alta. Na volta, continuei a trabalhar presencialmente. Entreguei para Deus, sabe? Pensei: se tiver de pegar de novo, na Caixa ou em casa, que seja! Eu já tinha sido infectada usando luva, máscara e álcool em gel, afinal! Meus colegas de trabalho estavam sozinhos, em número reduzido na agência, a gente precisava se unir!

No atendimento à população, houve muitos casos em que as pessoas nem sabiam que tinham dinheiro para receber, iam ao banco e acabavam emocionando a gente, né? Agradeciam tanto, falavam que

a gente era um anjo, que conseguiriam fazer compra, pagar conta atrasada. Por essas e outras que a gente acredita na humanidade! Tem um caso do qual me lembro bem. Eu paguei o Auxílio para uma senhora, ela recebeu o dinheiro e me disse: ‘não, moça, você me deu dinheiro a mais. Vai faltar para você!’ Foi quando eu respondi: ‘não está errado, é tudo da senhora, está aqui na conta’. Ela saiu toda feliz falando: ‘graças a Deus que eu vim!’ Tivemos picos de atendimento, com filas grandes do lado de fora, como em todo o lugar, mas o nosso time se organizou muito bem e só entravam os casos que não tinha como resolver no autoatendimento.

Foi um período de união, no qual todo mundo fazia de tudo para conseguir passar por aquele momento. Criamos um laço muito forte: éramos, todos, TUDO! Não tinha função, estávamos no mesmo barco. Até os terceirizados, os vigilantes, juntaram-se a nós nessa pequena família! Quando o pessoal que estava em home office voltou para a agência, aconteceu uma coisa, no mínimo, estranha para nós, que estávamos direto no presencial. Apesar de trabalhar com eles a distância, a gente não estava mais acostumado com tantas pessoas circulando dentro da unidade (rssss), com aquele barulho todo, bolsa pra cá, bolsa pra lá...rsss... Agora, já voltamos à normalidade!

De tudo isso, eu agradeço, a cada minuto, a minha recuperação, pois faço parte de uma pesquisa com pacientes pós-Covid e fico abismada com as perguntas sobre sequelas. Sou muito abençoada!”

T

odo mundo já ouviu a célebre frase "a união faz a força", mas essas palavras foram ressignificadas durante a tragédia que o Brasil viveu (e ainda vive) com a pandemia.

O sentimento de compaixão e solidariedade aflorou em muitas pessoas, como no caso dessa empregada e de tantos outros que não contaram sua história neste livro, mas viveram, intensamente, cada fase desse processo.

Pensar no outro, e não só em si, foi algo que se viu com frequência dentro da Caixa; pensar na população que precisava de atendimento e naqueles que estavam na linha de frente.

Empregados divididos, muitas vezes, entre o medo da contaminação e a vontade de ajudar os colegas, em número tão pequeno dentro das agências para atender à população.

Essa situação poderia ter sido evitada, ou ao menos amenizada, com a contratação de mais trabalhadores para a Caixa, uma vez que havia concurso vigente e não tinha processo de incentivo à demissão voluntária em andamento.

Um melhor planejamento da política pública referente ao Auxílio Emergencial seria outra forma de dar celeridade ao atendimento à população e evitar as filas que tomaram quarteirões, e até bairros, em todo o País, já que o benefício poderia ter sido pago, também, por outras instituições bancárias, dada a situação emergencial do momento.



Empregados
cobram
contratação
imediata na Caixa



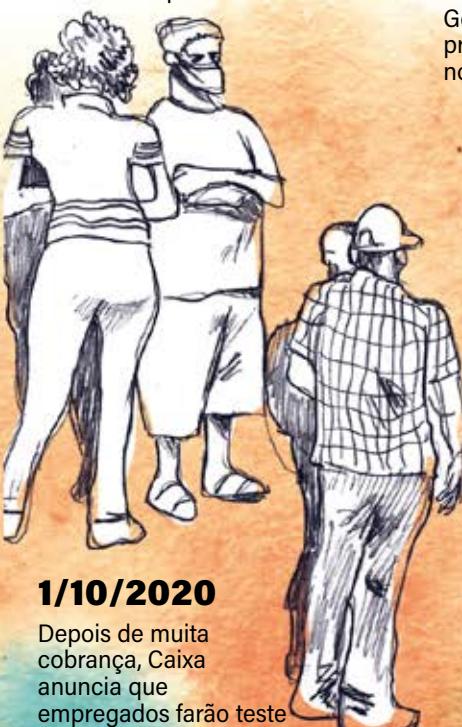
Linha do tempo

26/2/2020

Confirmado o primeiro caso de coronavírus no Brasil

11/3/2020

OMS decreta pandemia



1/10/2020

Depois de muita cobrança, Caixa anuncia que empregados farão teste para Covid-19

16/3/2020

Primeira rodada de negociação entre o Comando Nacional dos Bancários e a Fenaban trata das reivindicações apresentadas por causa do crescente contágio de coronavírus no País

17/3/2020

Governo anuncia primeira morte no Brasil



27/3/2020

Começam as denúncias de agências lotadas por causa de pagamentos de benefícios do governo feitos, exclusivamente, pela Caixa e de falta de equipamentos de proteção nas unidades, como álcool em gel e máscaras

18/3/2020

Conhecido o primeiro caso de coronavírus em uma agência da Caixa na capital paulista, na Chácara Santo Antônio

20/4/2020

Direção da Caixa determina a abertura de dezenas de agências no feriado de 21 de abril e no sábado, 25 de abril, para atender a demandas do Auxílio Emergencial, mas a procura é pequena

25/4/2020

Reunião Interministerial é exposta. Presidente da Caixa diz, em encontro, que home office é 'frescurada' e temor por coronavírus, 'histeria coletiva'

26/4/2021

Mortes por Covid-19 em 2021 superam o total de 2020

28/4/2021

No Dia Mundial em Memória das Vítimas de Acidentes e Doenças de Trabalho, manifestações lembram os trabalhadores vítimas da Covid-19

3/5/2021

Morte de idosos com 80 anos ou mais cai pela metade no Brasil após o início da vacinação

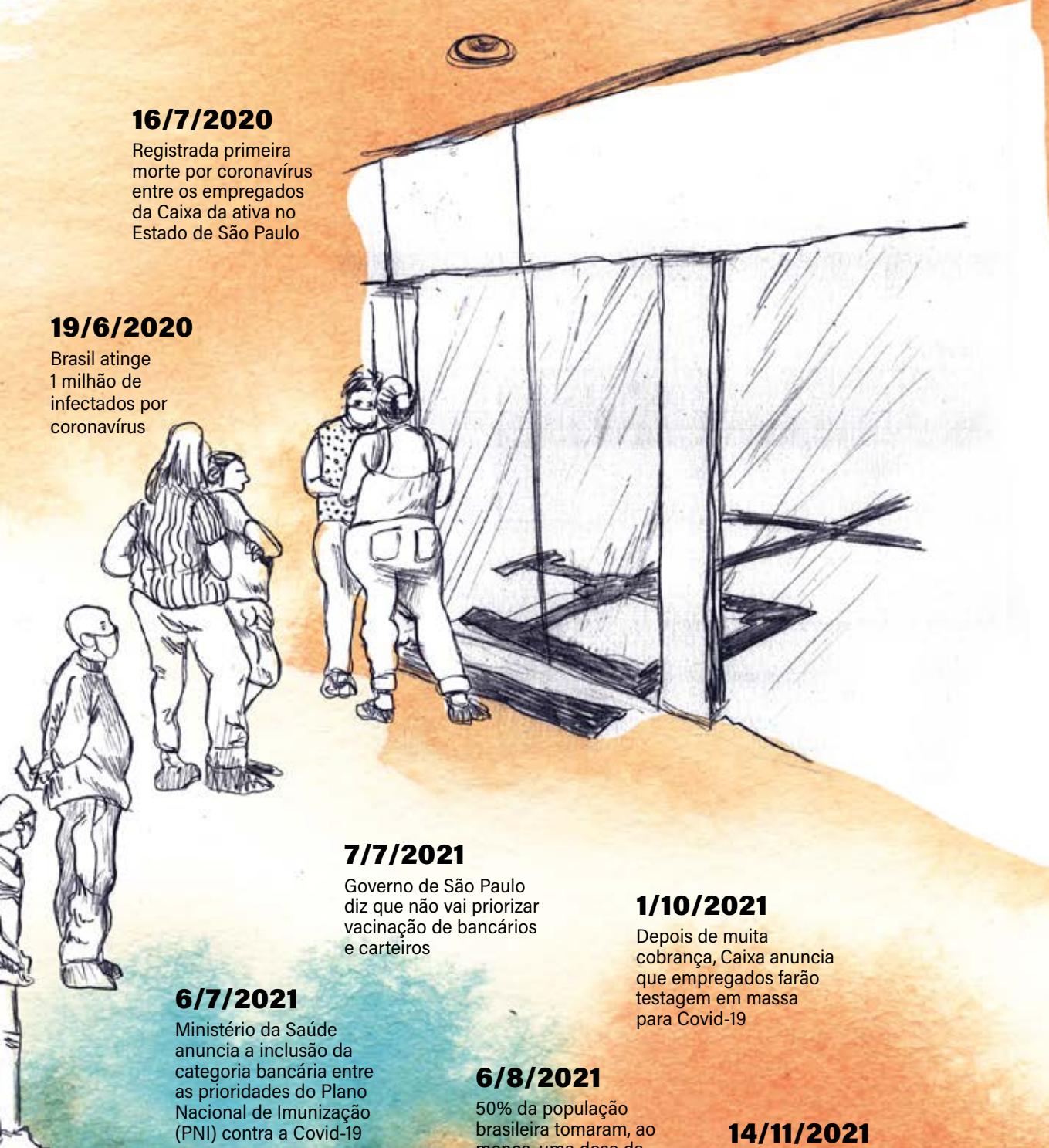


16/7/2020

Registrada primeira morte por coronavírus entre os empregados da Caixa da ativa no Estado de São Paulo

19/6/2020

Brasil atinge 1 milhão de infectados por coronavírus



7/7/2021

Governo de São Paulo diz que não vai priorizar vacinação de bancários e carteiros

6/7/2021

Ministério da Saúde anuncia a inclusão da categoria bancária entre as prioridades do Plano Nacional de Imunização (PNI) contra a Covid-19

17/1/2021

Enfermeira de São Paulo é a primeira vacinada contra a Covid-19 no País

1/10/2021

Depois de muita cobrança, Caixa anuncia que empregados farão testagem em massa para Covid-19

6/8/2021

50% da população brasileira tomaram, ao menos, uma dose da vacina contra a Covid-19

14/11/2021

Brasil ultrapassa os Estados Unidos em percentagem de vacinação completa contra a Covid-19

**Sem celular,
sem Auxílio
Emergencial**



ALEXANDRE THADEO SILVA

Empregado da Caixa,
agência Parque
Novo Mundo

“Desde o início da pandemia, estou no presencial. Não queria fazer o revezamento, pois entendia que, como não tinha comorbidade, precisava estar na linha de frente, assim como os médicos, enfermeiros, caixas de supermercado, o pessoal da farmácia - era necessário atender o público, mas minha chefe me fez ir para casa e cumprir as determinações, pois era preciso revezar, naquele momento, por orientação da Caixa.

Quando apareceu o ‘queroatender.caixa’, eu aderi, imediatamente, e avisei minha gerente que, a partir de então, não precisaria mais revezar. Foi difícil, a gente entrava às 8h e não tinha hora para sair. O tempo todo foi assim.

Para completar, a unidade entrou em reforma, na pandemia, para adequação da agência aos critérios da prefeitura. Além da lotação, da falta de empregados, a gente conviveu com aquela sujeira e bagunça todo dia, por meses de reforma. Era preciso ajustar para acessibilidade, elevador, os banheiros... quebrou piso... a obra foi grande!

Além de todo o transtorno, a gerente geral ainda tinha de cuidar de pedreiro, das coisas que, todo dia, dão errado em reforma.

No meio disso tudo, tem um fato, no começo da pandemia, que me marcou bastante. A gente estava começando a pagar o Auxílio. Foi na época da criação do Caixa Tem, que não

funcionava direito. A gente lidava com aquelas filas de virar a esquina.

Um dia, chegamos para trabalhar e tinha dado problema na abertura da agência, o vigilante não conseguia abrir. Estávamos todos do lado de fora, conversando, junto com o pessoal esperando na fila e chegou um rapaz, que abordou a gerente e disse: 'Eu não estou conseguindo sacar o Auxílio'. Na hora, ela o orientou a baixar o aplicativo para não ter de ficar na fila. Então, ele se virou e falou: 'Mas eu não tenho celular, eu moro no abrégue'.

Ele era, na verdade, morador de rua. Isso, para mim, deu a dimensão do tamanho do problema que a gente estava enfrentando. Não adiantava falar que se fazia tudo pela internet, pois havia situações em que a pessoa tinha de estar presencialmente lá. Muitas precisavam de nós para não passar fome.

Isso só reforçou o que eu tinha em mente, que era trabalhar na linha de frente, com máscara, proteção e tudo o que fosse preciso."

Alguns empregados da Caixa, como o Alexandre, enfrentaram uma difícil luta interior, além de todas as outras impostas por uma pandemia. Enquanto o vírus ameaçava a vida, a responsabilidade diante da necessidade de atendimento à população, especialmente a mais carente, batia à porta. As filas eram imensas, as pessoas estavam desesperadas para conseguir receber o Auxílio Emergencial e a direção da Caixa, em vez de ajudar com informações precisas e uma ampla campanha de divulgação sobre o serviço, só atrapalhava. Toda hora, havia mudança de data e de forma de pagamento do benefício, o Caixa Tem era instável e as pessoas precisavam do dinheiro para se alimentar.

O próprio presidente da Caixa admitiu, em entrevista a uma grande emissora de rádio, que havia problemas com o sistema e que a quantidade de pessoas atendidas pelo Auxílio Emergencial não havia sido dimensionada corretamente.

O Alexandre sofreu esse dilema na pele. Mesmo sabendo do risco que corria trabalhando no presencial, optou por não fazer rodízio com home office.

As entidades que representam os trabalhadores cansaram de alertar: colocar a vida dos empregados da Caixa em risco não era a solução para diminuir as filas do Auxílio Emergencial.

Era preciso melhorar o sistema, descentralizar o atendimento, aprimorar a comunicação com o cliente, contratar mais empregados. Em vez disso, a Caixa tomava medidas como abrir aos sábados e criar o QueroAtender.caixa, que tirava o empregado do rodízio e o colocava 100% em trabalho presencial.

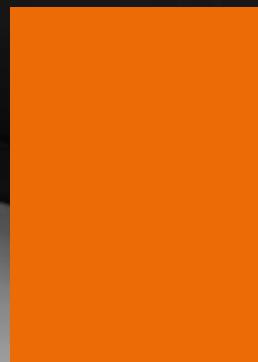
O resultado? As filas continuaram imensas e não se tem dimensão de quantas pessoas mais foram contaminadas e perderam a vida.



**Mexeu
Com A Caixa
Mexeu
Com O Brasil**



**Apcef
do seu
jeito**





ERICKA DE CAMPOS HILÁRIO

Empregada da Caixa,
agência Capão Redondo

"A história que quero contar tem uma conexão muito forte com o período em que eu e meu marido tivemos Covid-19. Eu sou asmática e entrei em home office em meados de março de 2020. Ele trabalha com decoração, visita clientes, faz projeto de adesivação.

Quando ele pegou, a gente não associou os sintomas ao vírus, pois eram bem parecidos aos de uma sinusite e, ainda, não existia muita coisa a respeito da doença. Então, tratamos como tal. Mas ele não sarava, veio a tosse, fez o teste e deu positivo. Na época, os médicos só internavam se a pessoa começasse a sentir falta de ar. Quando isso aconteceu, ele já estava com mais de 50% de comprometimento pulmonar e, mesmo assim, não o quiseram internar. Depois de menos de uma semana, levei-o até o hospital e, aí, o comprometimento já estava em 75%. O quadro era muito grave, mas não tinha quarto. Ele foi mantido com oxigênio e falavam em intubar. Travei uma verdadeira batalha para não acontecer a intubação. Eu pedia para esperar mais um pouco. O meu medo era ele ficar inconsciente e não lutar, pois eu acreditava muito que a força dele o faria superar. Ficou internado por 15 dias e conseguiu sair dessa! Estar em home office nesse período foi muito bom, porque eu não me sentia bem, suspeitava que fosse Covid-19,

mas estava com muita coisa na cabeça, tinha o meu marido, o trabalho, podia ser estresse, nervoso, eu usava a bombinha.

Quando ele voltou para casa, percebeu que eu estava com falta de ar. Por conta da asma, já estava acostumada. Mesmo assim, fui fazer o exame e a tomografia acusou 50% de comprometimento. A médica queria me internar e eu não quis. Tive de assinar o termo de responsabilidade e tomar remédios em casa. Eu não ficaria bem no hospital. Penso que a mente do ser humano impacta em qualquer situação. Eu tinha, dentro de mim, uma força que dizia: vai ficar tudo bem! Não me arrependo das minhas decisões.

Como sequela, tive a minha memória afetada. Depois que voltei da licença, tentei fazer a prova de certificação duas vezes - uma do CPA-20 e outra do CPA-10 - e não consegui. Eu estava me esforçando muito, estudando de madrugada, tinha feito o curso com o Tiago Malaquias, estava estafada!

No dia em que fiz a prova pela segunda vez, eu saí arrasada, meu estado de espírito estava péssimo, pensando em desistir, dar um tempo. Foi quando o pessoal da Apcef/SP me ligou, exatamente quando estava saindo da prova, para dizer que eu tinha sido sorteada, dentro da campanha "Apcef do seu jeito", e ganhado a taxa da Anbima para fazer a prova da certificação. Nossa, parecia um sinal de Deus dizendo para eu não desistir! Isso foi em setembro de 2021. Remarquei a prova, saí de férias para descansar e me preparar melhor. Foi uma injeção de ânimo!"

Diversos foram os relatos de colegas que só souberam que estavam com Covid-19 depois do início dos sintomas, pois esses eram muito parecidos com os de outras doenças.

A imposição de home office para quem apresentava sintomas associados à Covid-19, mesmo sem o teste positivo, foi fundamental para diminuir o contágio entre os trabalhadores, principalmente, em períodos nos quais havia dificuldade para a testagem.

Diante de situações complicadas - no trabalho e na vida pessoal - era importante poder contar, como sempre, com as entidades representativas dos empregados. Ainda mais em um momento tão adverso quanto uma pandemia!

Pensando nisso, a Fenae criou, em julho de 2021, em parceria com as Apcefs, a campanha "Apcef do jeito", uma forma de valorizar os trabalhadores da Caixa em meio a um período tão conturbado. O intuito era chamar atenção para a importância da união entre os empregados e as entidades que lutam pelos seus direitos. A campanha contemplava diversas áreas, especialmente, as ligadas aos serviços oferecidos pelas Apcefs de todo o País.

Em São Paulo, foi criado um formato para premiação dos associados, com cupons para quem utilizava os serviços da Apcef/SP. Entre eles, estavam os cursos de certificações oferecidos pela Rede do Conhecimento, uma plataforma de educação criada pela Fenae para os associados das Apcefs. Desta forma que a Ericka foi presenteada com uma taxa para a prova da Anbima e uma injeção de ânimo. Ela passou na prova!



APCEF do
seu Jeito

A morte próxima da gente



LARISSA CUNHA

Empregada da Caixa,
SEV Baixada

"Sou secretária do SEV que fica na agência Santos. Trabalhei durante toda a pandemia, só fiquei em home office nos períodos em que ele foi obrigatório mesmo.

Nesse tempo todo, duas situações me marcaram muito. A primeira delas foi quando houve o primeiro caso confirmado de Covid-19, que aconteceu na agência Boqueirão. A colega foi intubada e nós ficamos superimpressionados. Até então, você só ouvia rumores. Quando chegou dentro da nossa realidade, foi algo bem esquisito, uma sensação desagradável. Graças a Deus, ela saiu da internação e fizemos questão de levar, para essa colega, uma cesta de café da manhã.

Depois disso, em maio de 2020, os cuidados na unidade aumentaram. A máscara era algo a que resistíamos bastante. Falo isso por mim, inclusive. Como estávamos dentro do escritório e éramos apenas três pessoas, efetivamente, no presencial, mantínhamos a distância das mesas e acreditávamos que isso bastava. Estábamos bem resistentes. Com o caso do Boqueirão, acabou o achismo e passamos a usar máscara, a ter álcool em gel em cada mesa. Meu chefe recolheu até a mesa do café! Dentro da agência Santos, no primeiro andar, tem a copa. Foi

uma revolução lá: tiraram algumas mesas, colocaram as que ficaram a uma distância segura, álcool em todo o lugar. O horário de almoço passou a ser regrado para quem estava na unidade. É claro que isso não evitou que muita gente contraísse o vírus. Eu peguei também, mas o que pôde ser feito foi feito. A segunda situação foi a morte de um colega próximo, por Covid-19. Foi muito impressionante e machucou bastante a gente, de verdade. Era novo, tinha um filho de quatro meses, queria trabalhar, mesmo diante de tudo o que estava acontecendo por conta da pandemia. Foi complicado, porque ele negou que estivesse com o vírus, apesar dos sintomas, e não aceitou a doença.

O que fica, para nós, com toda essa vivência, dentro e fora da Caixa, é a valorização da vida!"

Uma canção gravada por Chico César, com letra do poema de Braulio Bessa, trata das histórias individuais da pandemia: "Inumeráveis".

Em maio de 2020, a algumas semanas do início do uso obrigatório das máscaras, o País contabilizava mais de 24 mil mortes pela Covid-19, sem imaginar que esses números ainda subiriam tanto.

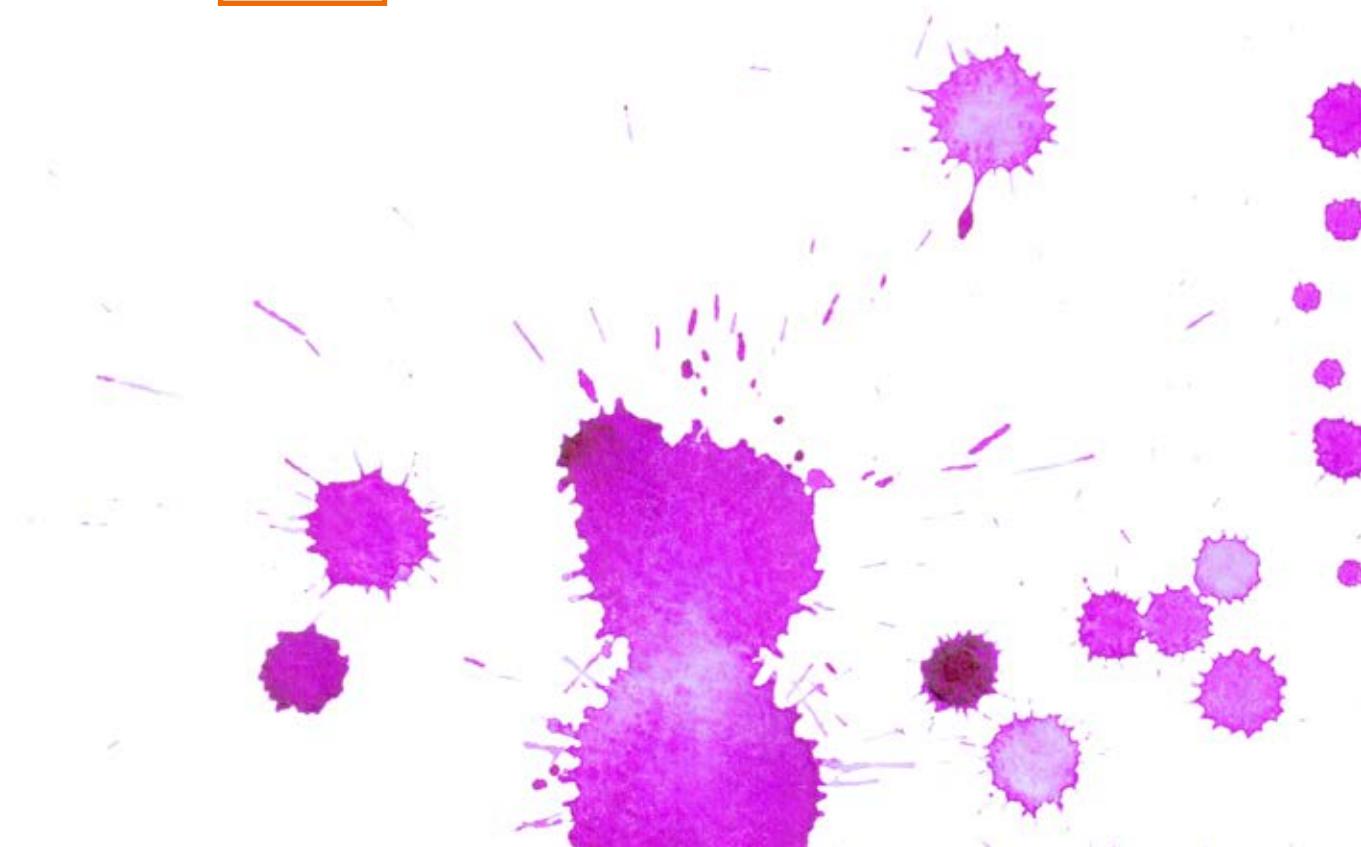
Quando o colega citado pela Larissa faleceu, o Brasil contava quase 60 mil mortes.

Cada uma dessas vidas que, somadas, tornam-se estatística, é percebida como a tragédia que define este tempo.

A ausência de pais, mães, avós, irmãos, filhos, amigos, colegas de trabalho é avassaladora. Todos nós conhecemos alguém que perdeu alguém ou, então, sentimos na pele a perda de uma ou várias pessoas próximas ou não. Isso dói demais!



Chico César - Inumeráveis
(Braulio Bessa)





**Saí da Caixa
no meio
da pandemia**





SÂMIA MANGINI SALLES

"Trabalhei por 17 anos na Caixa, sendo os oito últimos como gerente geral. Decidi me desligar do banco, no PDV de 2020, em plena pandemia.

A Caixa foi o meu primeiro emprego e, em vários momentos, na minha trajetória, eu cheguei a imaginar, sim, como seria a minha vida fora dela. Era um pensamento que fazia parte do meu mundo das ideias.

As mudanças e as cobranças muito acentuadas no banco já mexiam comigo durante esse período e me faziam refletir, mas nada que me levasse a uma decisão.

Eu morava em Mogi das Cruzes, mas não era lotada lá. Em 2015, com bons resultados, fui promovida a gerente geral em uma agência maior, na minha cidade. Voltei para Mogi depois de anos! Estava super feliz.

Em 2016, continuei com resultados muito bons e, em janeiro de 2017, com aqueles rodízios feitos pela superintendência, fui transferida para São Paulo, como se fosse um prêmio, poxa! Fiquei muito mal e, ainda, não estava bem de saúde.

Passei a viver insatisfeita e comecei a pensar nas minhas contas. Não cogitava sair da Caixa, mas não queria depender da função.

Em 2020, veio a pandemia, fiquei horrorizada com o comportamento



da direção da Caixa em relação aos empregados, pois parecia não estar nem um pouco preocupada com as pessoas. O tipo de cobrança que pediam para que eu repassasse para a minha equipe, como gestora, em um momento como o da pandemia, não era humano.

O pessoal ali, com filas gigantescas, exposto a um vírus, todo mundo com medo, sem proteção... e as pessoas falando em metas?

Fiquei um bom tempo combatendo esse tipo de orientação, priorizando a minha equipe em detrimento do resultado. Se a consequência disso fosse perder a função, que fosse!

Ali, era a saúde que importava! Eu fui a primeira a ficar doente na agência logo no fim de abril de 2020. Ainda era no começo, eu ficava muito na linha de frente. Foi em um momento no qual a máscara não era obrigatória para cliente, não tinha exigência das proteções necessárias. Os caixas da agência faziam parte do grupo de risco e eu fiquei sozinha no caixa e, por um período, também na tesouraria.

Nessa loucura toda, eu ainda tinha de parar o atendimento para reunião no celular. Insano!

Fiquei 32 dias afastada por conta da Covid. Nesse período, pensei: não é a vida que eu quero para mim.

A Caixa queria que eu voltasse a trabalhar após 14 dias, sem fazer o teste. Não voltei, pois ainda tinha sintomas e poderia contaminar alguém. Paguei o teste particular - ainda estava contaminada e

contaminando. Que bom que testei! Foi um período bem complicado. Ninguém sabia, ao certo, o que estava acontecendo e eu falava: gente, vamos nos preocupar com as pessoas! Por que o foco não está nelas?

A gente tinha de mandar foto da fila às 7h15/7h30 e, depois, às 8h, sem fila, ou seja, para isso acontecer teria de colocar todo mundo que estava lá para dentro da unidade; quase todo dia tinha reunião depois das 16/17h, trabalho aos sábados. Era tudo muito desumano!

Eu não queria, como gestora da agência, ser responsável pelo adoecimento de alguém da minha equipe!

Foi quando eu realmente decidi que, quando surgisse uma oportunidade, eu sairia.

O PDV foi aberto, mas duas pessoas da unidade pediram para sair também. Era um momento para se pensar em reforçar o time, mas o que estava sendo proposto era o esvaziamento. Daí, pela minha saúde mental, eu saí.

Meu desligamento da Caixa foi em 10 de dezembro de 2020.

Hoje, sou outra pessoa, não me arrependi da decisão e, agora, estou pensando apenas no meu próximo passo profissional, que está saindo do forno!"

Assim como a Sâmia, diversos gestores conversaram com a Apcef/SP para relatar os descasos cometidos pela gestão da empresa, sobretudo, após o retorno das metas, cerca de três meses depois do início da pandemia.

Mesmo quando não havia meta de vendas, a preocupação da empresa era com as fotos que saíam na imprensa com as filas na Caixa e a imagem que a presidência do banco e do País passariam acerca da incompetência no atendimento da população.

No entanto, essa preocupação não foi suficiente para contratar mais empregados, uma vez que havia concurso válido, judicialmente, com pessoas aguardando para serem chamadas. Enquanto os que estavam nas agências se viravam como podiam, e como não podiam, para dar conta do atendimento, foi aberto, na Caixa, um plano de demissão voluntária, o PDV 2020, no qual saíram milhares de trabalhadores.

O único sentido encontrado, nesse processo, era o de diminuir a folha de pagamento do banco e prepará-lo para o desmonte.

A pandemia estava longe de acabar e o desalento entre os empregados só aumentava.



Caixa perde 2,3 mil
empregados com
novo PDV





Contratado em meio ao caos

MEX
MEX

PR

É a Caixa
auxílio



re
em
(ab



R\$ 3
milhão
na economia da cláusula



**EDSON
OLIVEIRA LIMA**

Empregado da Caixa,
agência Vila Virgínia

"Entrei na Caixa em 15 abril de 2021, como técnico bancário, em plena pandemia, já na linha de frente. Fiz a bateria de exames para ingressar no banco, mas não fiz a integração por conta das restrições sanitárias.

O pessoal da agência estava tão atarefado que não conseguia me dar a atenção que poderia ou queria naquele momento.

Foi bem difícil. Entrei em uma quinta-feira. Na sexta, já teve um caso de Covid confirmado e tivemos de fechar a agência para higienização. Na segunda, entramos por volta das 11h30/12h, mas tinha de esperar os produtos secarem. Assustador!

Uma semana depois, outro caso. Uma telefonista terceirizada se infectou e, novamente, tivemos de fechar, fazer a higienização e retomar no dia seguinte.

Recentemente, tivemos dois casos na unidade - um deles era de segunda infecção da mesma pessoa - e a orientação da Caixa foi para seguirmos com o funcionamento do banco. Não deu nem para fazer higienização, pois os dois funcionários também estavam contaminados e não puderam limpar. Uma das pessoas que trabalha com a gente foi quem fez uma limpeza por

cima, sem ser especialista, e higienizou do jeito que pôde.

A gente fica exposto a um risco muito grande. O problema maior era ter de convencer as pessoas que iam à Caixa a usarem a máscara. Elas ficavam na fila sem máscara e a colocavam apenas para entrar. Acabavam levando o vírus para dentro, não tinha jeito. Virava e mexia tinha alguém doente na agência. Do outro lado, parecia que a direção da Caixa ignorava todas essas situações, só pensava nas metas, não queria saber se a unidade tinha número suficiente de empregados ou não.

Um dia, abrimos a agência às 14h. Nem havia chegado o fim da tarde e ligaram para saber quantos cartões de crédito tínhamos vendido! Insano!

Eu não me infectei. Tomo minhas precauções, sigo os protocolos, não almoço com mais pessoas no refeitório. Temos de nos cuidar!"



A Caixa iniciou um processo de contratação em 2021, tão lento e tão restrito que sequer deu conta de suprir as saídas do Programa de Demissão Voluntária de 2020.

Na verdade, o movimento buscava, principalmente, atender a uma ação judicial que determinou a convocação de Pessoas com Deficiência (PcD). A própria Caixa havia tentado invalidá-la, mas perdeu na Justiça.

A integração, citada pelo Edson no depoimento, é um processo que, no passado, chegou a ser feito em até três semanas, aplicada a novos empregados antes de seu ingresso na unidade de lotação. Correspondia a um treinamento da Caixa, que trazia informações, acesso aos sistemas e direitos dos empregados, como Funcef, Saúde Caixa e sindicalização, inclusive com a participação da Apcef/SP.

Antes mesmo da pandemia, quando a integração foi suspensa, a Caixa já havia mudado a maneira de receber os bancários, excluindo o tempo que as entidades representativas tinham no momento de recepção e treinamento da empresa, como tática para distanciar os empregados do banco das entidades representativas.

Se os trabalhadores não conhecem seus direitos, fica mais fácil para a direção os descumprir.

Outra tática utilizada pela gestão atual para mascarar a realidade, dentro e fora da Caixa, foi a manipulação de informações.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pela falta de trabalhadores no banco, a direção da empresa fez propaganda de um grande número de contratações. No entanto, quando a Caixa falava em contratação de "colaboradores", na verdade, referia-se, em sua maioria, a menores de idade ou terceirizados, que não podem oferecer o mesmo trabalho do empregado Caixa, atuando, apenas, como auxiliares.



Balanço da Caixa
fala em contratação
de 17,8 mil
"colaboradores"



18.3.2020

O anúncio da primeira morte em decorrência da Covid-19 no Brasil foi de um homem, 62 anos, em 17 de março de 2020, no Estado de São Paulo. No dia seguinte, 18 de março, foi conhecido o primeiro caso de coronavírus em uma agência da Caixa da capital.



O pranto
que
comove

CROSS
ELEPHANT

CROSS

T
R
AI
N



ELIZABETI FRANÇA ALVES COSTA

Empregada da Caixa,
agência Vale do Guaporé

“Hoje, estou lotada na agência Vale do Guaporé, que fica em Porto Velho, Rondônia, mas a história que venho contar é de quando eu estava lotada na cidade de Ibiúna, em 2021.

Aconteceu durante o atendimento a um senhor que havia ido receber o Auxílio Emergencial.

Verifiquei na conta que havia algumas parcelas acumuladas e perguntei por que ele não tinha sacado o valor até então. Foi quando ele caiu em prantos. Deixei de lado o profissional e fui ouvir seu desabafo. Ele me perguntou, então, se eu tinha visto a notícia, na época, de uma moça que havia sido encontrada morta na represa: era sua filha.

Fiquei ali com ele até que desabafasse e se acalmasse. Era filha única.

Contou que, todo dia, quando voltava do trabalho, ela vinha recebê-lo na porta, mas que, agora, ele não tinha mais ninguém em casa.

Naquele momento, percebi a importância de escutarmos as pessoas e termos empatia com o sofrimento do próximo.

Ele se acalmou, gerei o código e o senhor foi embora agradecendo o apoio.”

Os dias no atendimento da Caixa, na pandemia ou não, são sempre cheios de histórias do povo brasileiro.
Às vezes, o empregado torna-se o emissor de uma alegria ao fazer, simplesmente, uma pesquisa apurada e encontrar um valor esquecido para que alguém o receba.
Às vezes, esse valor é o que dirá se, naquele dia, a pessoa terá ou não o que comer.
Muitos vão à agência, por vezes, atropelados por suas perdas pessoais. Ir ao banco continua sendo necessário, o dia a dia não perdoa nem dá tempo para a tristeza.
Atender os clientes da Caixa é, também, ouvir como anda sua vida, dar um pouco de atenção, oferecer um ombro amigo, um sorriso, um consolo e isso pode mudar o dia de alguém.

A photograph of a smiling man with a beard and glasses holding a silver medal with a pink ribbon. He is standing next to a large Brazilian flag. Another person is partially visible behind him.

**Pedro Eugênio,
avante!**



RAFAEL DE CASTRO

Empregado da Caixa,
agência Clínicas

"Minha história é, principalmente, sobre o dia 24 de março de 2021, no meio da pandemia, com todas as dificuldades causadas pelo caos que as metas, a superlotação, o descaso da gestão da Caixa e o coronavírus nos impunham ao mesmo tempo. Esse dia foi muito ruim para mim, mas a parte bonita dessa história começou muito antes.

Eu entrei na Caixa em 2004. Minha primeira experiência com coletividade no banco foi por meio do esporte, em 2006, quando aconteceram os primeiros Jogos da Fenae, do qual participei. O Pedro Eugênio era presidente da Fenae naquela época. Tive, então, a minha primeira interação com ele de um modo nada convencional. Saiu uma briga no jogo de futebol e ele, na tentativa de acalmar os ânimos, disse: 'vamos colocar uma pá de cal aí!' Foi assim que o conheci. Em 2008, quando fui atuar na Apcef/SP como diretor, comecei a participar das reuniões, fiquei mais próximo dele. Um cara superaprazível, não tinha quem não gostasse dele. Mas a aproximação maior aconteceu mesmo quando eu voltei a trabalhar diretamente em agência - depois do período como dirigente liberado

- e ele começou o Datagênio, uma página no Facebook.

Ele tinha uma linha de divulgação, de fala, de escrita, de comunicação que eu admiro muito, que fazia efeito e chegava às pessoas, sabe?

Comprovadamente, teve grande repercussão, tamanha a notoriedade do nome dele.

Conversávamos sempre: ele aposentado, eu trabalhando, dois ex-dirigentes sindicais fora dos sindicatos, discutindo o que estava acontecendo à nossa volta.

Na noite anterior à morte dele, estávamos falando sobre duas coisas que eram recorrentes entre nós: comunicação no meio sindical e comida. Mandei até o print de um prato que estava cozinhando naquele dia. Pedro Eugênio era assim: a gente não estava próximo, mas parecia que era de casa! Esse era ele.

No dia em que partiu, eu estava na agência, às 8h, vendo mensagens nos grupos de WhatsApp e alguém falou que ele havia caído em casa e sido levado para o hospital. Em questão de um pouco mais de uma hora veio a notícia do falecimento! Foi um choque, uma perda súbita e muito dolorosa.

O clima na minha agência foi de comoção e o gerente geral disse que eu poderia ir embora, se eu quisesse, tamanho o baque!

Em sua homenagem, fiz um texto que, posteriormente, foi solicitado pela esposa do Pedro Eugênio, a Isabel. Para mim, foi uma honra sem tamanho!

Pedro faz falta demais! Insubstituível!"



O melhor de nós



O medo de
um abraço



ADRIANE YOKODA TEIXEIRA

Empregada da Caixa,
agência Pátio do Colégio

“Meu filho de 12 anos tem asma, então, no início da pandemia, eu estava com muito medo de levar o vírus para casa. Naquela loucura de atender o Auxílio Emergencial, eu ia trabalhar com luvas, em alguns momentos usava duas máscaras, passava álcool em gel o tempo todo (até nas luvas), lavava meus óculos quando dava. Um dia, atendi uma senhora que iria receber a primeira parcela do Auxílio. Ela estava ansiosa e não sabia usar o autoatendimento. Então, fui com ela até lá para a ensinar e, quando o dinheiro foi liberado, ela o retirou e me deu um abraço! Eu não esperava por aquilo e, com a minha neura, disse, assustada: ‘a senhora não pode me abraçar!’ Ela sorriu e eu confesso que, logo em seguida, eu também sorri e fiquei muito feliz com aquele gesto! Foi um carinho que também expressava um alívio naquele momento tão difícil! Hoje, eu me cuido normalmente. Não fico sem a máscara, claro, mas não uso luvas. Até o momento, não peguei Covid-19!”

Apandemia fez com que todos, incluindo quem atendia o público, como os bancários da Caixa, questionassem: como garantir o distanciamento o tempo todo? Mais difícil ainda, como não gostar de um abraço?

Tão carinhoso quanto perigoso em tempos de pandemia, até um abraço confunde nossos sentimentos com a Covid-19, mas tão bom quanto saber que a Adriane não pegou a doença naquele gesto foi perceber que aquela cliente valoriza o que os bancários da Caixa fazem todos os dias.

É por isso que os empregados não defendem apenas seus direitos como trabalhadores, mas, também, a Caixa pública e seu importante papel social no País.

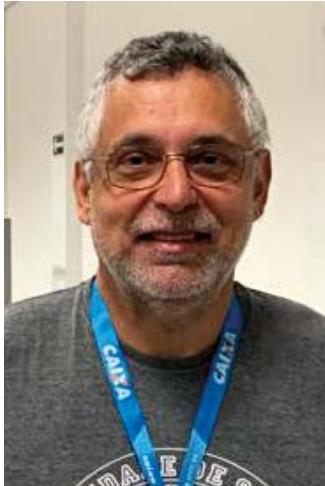


O Brasil não precisa de um banco, precisa da Caixa





**Ivan Furtado,
nosso camarada**



TESIFON QUEVEDO NETO

Empregado da Caixa,
agência Visconde
de Inhaúma

“Era fevereiro de 2021. A pandemia, tão contundente e mortal da porta para fora do nosso dia a dia, arrombou a porta da casa do camarada Ivan Furtado. Ao sair para uma breve visita a um imóvel da família, ele voltou para seu lar carregando o silencioso, desconhecido e voraz coronavírus. Não demorou para ser internado e, ainda sem vacina disponível, seu quadro piorar. Intubação, hemodiálise, febre. Ele lutou, bravamente, por mais de um mês, até que sucumbiu.

Nas palavras da esposa e companheira Fátima, naquele triste dia 19 de março de 2021, ‘o Ivan não aguentou e foi morar com Deus’.

Ficaram sua esposa, seus filhos, um lugar vazio na mesa, no sofá, na casa inteira e, também, no Sindicato dos Bancários de Ribeirão Preto, onde foi atuante diretor por mais de 20 anos.

Com muita voz e energia para defender a sua categoria, o sindicato foi o primeiro passo, que o levou a participar, também, da Apcef/SP, como diretor e conselheiro.

Ivan seguiu atuante no meio sindical mesmo depois de se desligar da Caixa, por merecida aposentadoria por tempo de serviço.

Merece nossa gratidão e nosso reconhecimento!”



Perdas



**EDUARDO
REGIANNO
RIBEIRO CHAVES**

Empregado da Caixa,
agência Parque
São Domingos

"A devastação da Covid-19 chegou à minha família pelo meu avô paterno, sr. Eustáquio, que, apesar da idade avançada, era capaz de subir a ladeira da rua onde morava, em Belo Horizonte (MG), com sacolas de compras do mercado e, ainda, fazer a gente rir de suas piadas com a conhecida graça mineira.

Infelizmente, a chegada da doença foi fatal e muito cruel. Em dezembro de 2020, levou meu avô e contaminou meu pai, Edu Chaves, 67 anos.

Mesmo saudável, praticante de atividades físicas e grande estusiasta do futebol e do carnaval, não resistiu e, em janeiro de 2021 (um mês depois de seu pai), tornou-se mais uma vítima desse massacre.

A onda da pandemia não demonstrava sinais de chegar ao fim e, sem piedade, no mês de março de 2021, contaminou minha sogra, Cleide, 76 anos, pessoa muito ativa, porém, também não resistiu. Mais um golpe fatal. O terceiro em um período de quatro meses.

O quarto golpe chegou logo em seguida. Em abril de 2021, minha mãe, Regina, testou positivo.

Aos meus olhos, o fim do mundo estava muito próximo. O clima de isolamento social e desolação com as perdas de parentes nos levavam às mais tristes projeções.

Mas, como uma injeção de felicidade e contrapondo toda a tristeza que já tínhamos passado, recebemos o maior presente de nossas vidas: a notícia de que minha mãe havia se recuperado da Covid! Festa! Alívio! Esperança!

É assim que temos vivido, valorizando cada segundo e cada oportunidade de respirar e continuar a nossa caminhada. Afinal, ainda existem muitos sonhos a serem realizados! Eu ainda quero colaborar, cada vez mais, com a história da Caixa, com a aquisição de minha casa própria, com o sucesso de meus filhos, Arthur e Isabela, e com a realização do meu desejo de ter minhas músicas gravadas. A música é uma paixão nata, herança deixada pelos meu pais, que sempre torceram por mim e me apoiam.

Agradeço demais minha esposa, Ana Cláudia, sempre firme ao meu lado, fazendo-me acreditar que ‘tudo vai dar certo’ e minha família pelo amor que nos mantém firmes. Destaque e agradecimento especial ao colega de Caixa, Davi Alves, gerente geral da agência Parque São Domingos que, nos momentos mais difíceis dessa pandemia, esteve presente e, com um olhar muito humano, ajudou a tornar os meus dias de luto e de trabalho mais confortáveis.”

Manter-se firme diante de propósitos pessoais, profissionais, de estudo, de formação de família em meio a uma pandemia, com a perda de tantas vidas, é uma tarefa difícil para todos nós. As empresas nem sempre foram compreensivas com as situações vivenciadas pelos empregados nesse período e a gestão da Caixa, em diversos episódios, demonstrou que não era uma exceção.

Um episódio emblemático foi o pagamento da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) menor do que o acordado, sem qualquer explicação, em plena pandemia. Após questionada, a direção apresentou uma tabela - nunca antes vista em mesa de negociação - para justificar a "garfada" no dinheiro do pessoal que tanto se esforçou.

É óbvio que o valor não recebido da PLR Social é problema pequeno perto de tantas situações vividas em todo o cenário da Covid-19, mas o "furo" no pagamento no meio da pandemia - justamente relacionado ao trabalho social dos bancários da Caixa - foi, no mínimo, emblemático.

De qualquer maneira, a gente não pode esquecer: a Caixa não é a gestão atual. A Caixa Somos Nós, empregados, que estamos aqui, há décadas, enfrentando desafios, governo após governo. Um exemplo disso é o Eduardo, que enxerga seu papel na história da Caixa, apesar de todos os problemas do dia a dia.



Heróis de crachá não
merecem PLR?



A morte de um amigo do futebol



**LAURO JESUS
PORCIÚNCULA
FERNANDES**

Empregado da Caixa,
PAB Justiça Federal
Baixada

“É tão grande o espaço de tempo desde o início da pandemia até agora, tantas coisas aconteceram, mas, para mim, o que ocorreu de mais marcante foi em março/abril de 2021, quando um colega nosso partiu por conta de complicações da Covid-19. Em menos de um mês, ele foi embora.

Teve um caso anterior ao dele, de um outro colega que ficou bastante tempo internado, durante uns 30 e poucos dias - em coma direto - e havia saído dessa. Fez traqueostomia e, graças a Deus, melhorou! Continua com a gente!

Logo na sequência, teve esse outro amigo que, aparentemente, era mais saudável.

O fato é que ele foi intubado depois de duas semanas de internação, tinha 31 anos, bem novinho, e não resistiu.

Foi muito marcante para todos porque, além de ser jovem, ele tinha três filhos pequenos, inclusive, o mais novo nasceu durante a pandemia, tinha meses quando ele partiu. Foi bem chocante mesmo... Depois do ocorrido, um colega teve a iniciativa de a gente juntar um valor simbólico para entregar para a esposa do rapaz fazer algumas coisas antes de desenrolar a parte burocrática do inventário.



Esse jovem colega que nos deixou nem era da minha agência, mas fazia parte do nosso grupo do futebol de quinta-feira.

Inclusive, quando teve o afrouxamento das regras de proteção determinadas pelo governo, com a abertura para várias atividades, ele não tinha ido mais jogar.

Essa história me marcou muito!"

Mais de 100 trabalhadores da ativa da Caixa perderam a vida por causa do coronavírus - de diversas idades, de grupos de risco ou não, de áreas-meio e de agências. O banco sequer prestou homenagem àqueles que se foram.

Na capital e em algumas cidades do interior do Estado, ocorreram atrasos na abertura das agências, organizados pelas entidades que representam os trabalhadores do banco público, na quantidade de minutos referentes às perdas sofridas na Caixa. Infelizmente, os minutos aumentaram desde a primeira homenagem e continuaram aumentando. Não existe informação oficial sobre a quantidade de trabalhadores terceirizados que perderam suas vidas nesse período.

Foram apenas minutos no atraso da abertura das agências, mas foi a forma que os colegas tiveram para parar suas rotinas e pensar sobre a importância de cada vida perdida, já que nem mesmo os rituais tradicionais de despedida puderam ser vivenciados durante a pandemia.



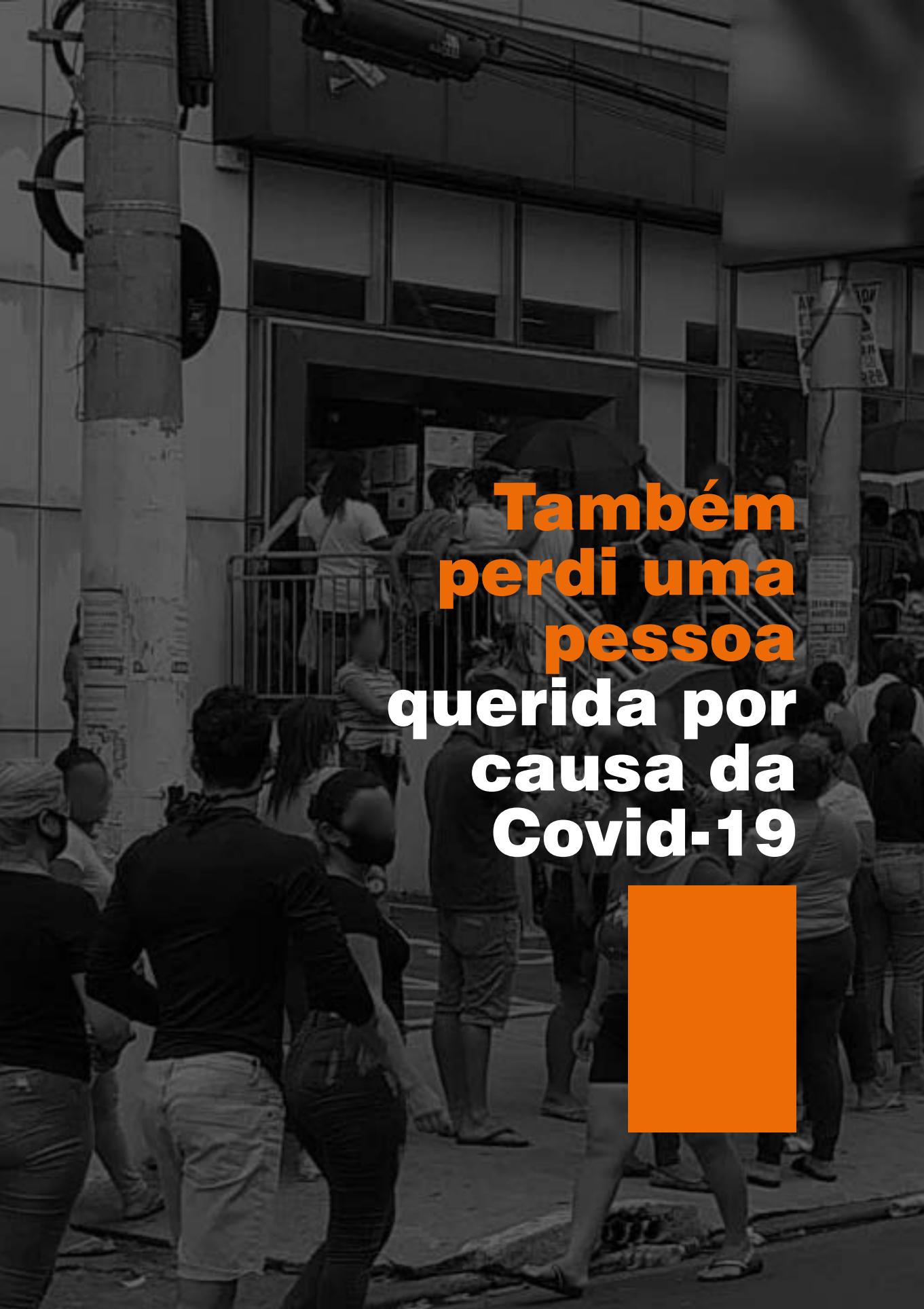
**Dia de luta e de luto
na Caixa**



**Plano São Paulo -
Retomada consciente**



**Homenagem
às vítimas
da Covid-19**



**Também
perdi uma
pessoa
querida por
causa da
Covid-19**





**DIEGO
MORENO DIAS
DE SOARES**

Empregado da Caixa,
agência 14 de Abril

"Meu depoimento não é sobre uma coisa agradável. Eu atendi uma cliente que veio dar entrada em um seguro que tem vinculado a um contrato habitacional. Isso porque o marido dela tinha falecido de Covid-19. Foi em maio de 2021. Ela tinha até uma cicatriz no pescoço, de traqueo (traqueostomia), e já começou a falar que o marido tinha falecido. Eu vi aquela marca e pensei: 'ela deve ter pegado também'. Aí, ela contou que tinha várias comorbidades e que pegaram Covid, ela e o marido. Ela me disse que ele não tinha nada, era saudável, o cara! Mas os dois tiveram de ir para o hospital, foram intubados. Ela ficou tanto tempo internada que teve de fazer a traqueo. O marido faleceu quando ela ainda estava intubada, nem soube. Foi depois que melhorou e acordou que ficou sabendo o que tinha acontecido. Ela chorava muito na minha mesa e isso mexeu comigo porque, bem neste dia em que ela foi à agência, meu cunhado estava internado com Covid-19, ele morava em Rio Preto. Tinha sido intubado também. Inclusive, ele veio a óbito três dias depois que ela esteve comigo. Ele faleceu com uns dez dias de internação, muito rápido! Foi uma história que me marcou"

bastante porque eu ficava pensando: uma mulher nova, com 36, 37 anos, tinha uma história com o marido, os dois tinham comprado a casa. Ela me disse: 'Vou dar entrada nesse seguro, que vai quitar a casa, e vou vender, não tenho condições de entrar nela'.

Fiquei pensando na minha irmã naquele dia, que estava com o marido intubado. Ela, assim como a moça que atendi, acabou fazendo a mesma coisa quando ele faleceu: colocou a casa à venda e saiu de lá porque não conseguia mais ficar onde moraram juntos."

Muitas histórias passaram pela Caixa, sejam por meio dos empregados que as vivenciaram sejam por meio dos clientes que as trouxeram.

Não foi só o Auxílio Emergencial que levou o povo, de maneira especial, para dentro da Caixa, pois ela é o banco referência da poupança, do FGTS, da habitação.

O banco também recebeu os clientes para lidar com a burocracia cruel, porém, necessária, das perdas da Covid-19.

Os empregados foram ouvintes e protagonistas de muitas das histórias trágicas vivenciadas pelo povo brasileiro durante a pandemia.





Salgados no meio do caos





JEAN JADACH DOS SANTOS

Empregado da Caixa,
agência Mairiporã

"Eu sou caixa, da Caixa, aqui em Mairiporã. Trabalhei, presencialmente, o período todo da pandemia, tirando o período de licença por Covid-19, que acometeu cerca de 90% dos colegas de minha unidade desde o começo até agora. Foi bem corrido e pesado, com uma demanda insana. Teve dia que a gente atendeu 120 senhas somente no guichê de caixa! O carro-forte vinha duas vezes por dia para abastecer. Tinha de parar e pensar por onde começar a trabalhar. O pior período foi o início do pagamento do Auxílio Emergencial, de R\$ 600, com o Caixa Tem insipiente, a gente sem treinamento, o pessoal de TI ainda acertando o sistema. Como dizem, passamos essa fase trocando o pneu com o carro andando.

No meio disso tudo, eu e os poucos empregados que estávamos trabalhando presencialmente, nos dávamos ao luxo de comprar salgados às sextas-feiras. Lembro que a agência estava cheia em uma dessas sextas e, no caminho para o nosso 'reduto do café', com a caixa dos salgados na mão, eu me deparei com a filha de uma cliente, que soltou um: 'Pizza, mamãe!' Foi tão inusitado e espontâneo que, na hora, eu perguntei para a mãe dela se

eu poderia servir um pouco para a menina. A mãe consentiu e foi aquela coisa: a criança se deliciou com os salgados e o refrigerante. O que a gente não contava era que a mãe da criança iria postar essa história em uma rede social, falando que eu tinha sido um anjo ao servir a filha. Isso gerou um movimento dos colegas para que eu respondesse a postagem... rsss... No meio de tanta correria, foi um momento bem bacana, que marcou meu dia."



A missão da Caixa é, e sempre será, diferente a de qualquer banco privado.

Apesar de ter todos os produtos bancários como qualquer banco comercial (seguros, cartões, contas, capitalização), a Caixa é responsável pela implementação de diversas políticas públicas financeiras, que colocam toda a população dentro do banco.

Algumas agências são referência em seus bairros e outras até são "o" banco da cidade. Única agência e único banco.

Nesses locais, a população inteira passa pela Caixa. Os bancários tornam-se tão conhecidos que, muitas vezes, têm sua experiência de aquisição de casa própria sempre de maneira muito emocionante.

As pessoas vão ao banco para acertar dados do CPF, FGTS, PIS. Algumas vezes, buscam a agência na esperança de sair de lá com a possibilidade de comprar o alimento do dia, recebendo algumas das transferências de renda feitas pela Caixa.

Muitos entram em momentos de tensão e fragilidade.

Atendimentos como o do Jean podem tornar o dia tão especial a ponto de gerar momentos inesquecíveis tanto para a moça que foi atendida como para o empregado que a atendeu, para a pequena que recebeu uma atenção especial, para os colegas da agência e, agora, para todos nós.



De privatizável a
imprescindível



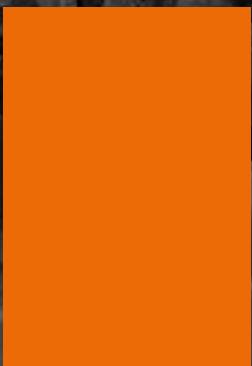
18,2 MILHÕES DE VIDAS

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) confirmou a pandemia da Covid-19. Nessa época, registrava-se 4,2 mil mortes no mundo. Dois anos depois, um estudo apontou que a doença matou cerca de 18,2 milhões de pessoas, mais do que o triplo da soma dos números oficiais divulgados pelos governos ao redor do globo.

O estudo foi publicado pela revista científica *The Lancet*, uma das mais antigas e conhecidas publicações médicas, em uma colaboração internacional de 97 cientistas de 20 instituições diferentes.



CAOS
também na
gestão de
carteira de
clientes
investidores



EMPREGADO DA CAIXA QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR

“A gestão de carteira de clientes investidores (alta renda) foi uma área muito sensível durante a pandemia, pois tudo perdeu valor, ou seja, o que você tem de preço, associado à Bolsa de Valores, caiu demais.

A Caixa sempre foi muito voltada para a renda fixa, com clientes investidores conservadores. Foi esse o foco até 2016, quando o banco perdeu muita competitividade porque entendeu ser necessária a redução do custo de captação. De 2018 para cá, especialmente, para reter os clientes, teve de passar a trabalhar com produtos de renda variável - os que mais tiveram queda durante a crise sanitária no País. Quando começou a pandemia, o cliente que não estava experimentado no risco foi experimentá-lo no pior evento que já aconteceu no mercado financeiro. A gente não tinha material elaborado pela Caixa para dar suporte. O banco não nos atualizava com a mesma velocidade da demanda do cliente investidor. Precisávamos tomar decisão e não tínhamos como fazer isso apoiados em uma informação institucional, pois ela, simplesmente, não existia. Eu elaborava prestação de contas para cliente até de madrugada porque ele queria respostas: o que eu

faço com o meu dinheiro que está exposto ao risco, derretendo? Fico ou não? Saio ou não? A Caixa falhou muito com o cliente investidor. Quando soltava notas, eram evasivas, não dava um direcionamento claro sobre qual caminho tomar. Também não tínhamos uma opção competitiva para quem queria fugir da renda variável.

As consequências disso foram a evasão de clientes e uma pressão absurda em cima da gente.

Tivemos, ainda, por falta de comunicação efetiva da Caixa, outros problemas. No momento em que o cliente estava impedido de entrar na agência, por conta da pandemia, os canais de comunicação do banco direcionava-os justamente para o presencial. Na hora em que era preciso reforçar os canais digitais, falharam novamente. Muitos problemas em sistemas. Insano!

Ainda teve mais. Participamos de processos de ofertas públicas e aberturas de capital gigantescos em um cenário totalmente adverso para renda variável, com metas altíssimas - era como se todos os clientes da minha carteira tivessem de aceitar e entrar, com percentual grande, o que não faz sentido: concentrar tanto em um único ativo - e de risco. Fora que esse IPO era para cliente de alta renda com perfil agressivo e arrojado!

As entidades representativas dos empregados até protocolaram denúncias, questionando a abordagem agressiva da Caixa, as orientações de oferta a clientes sem perfil e a ausência de habilitação de parte dos empregados, que eram cobrados pela venda de ações. O banco não estruturou os sistemas para dar suporte a esse

volume de gente que passou a ter custódia de ações. Tínhamos pouquíssimos operadores de mesa para atender o Brasil inteiro. O suporte às ações on-line simplesmente parou de atender em vários momentos! O nosso sistema, que faz compra e venda de ações, chegou a ficar fora do ar por vários dias! Nesses períodos de ofertas públicas, não foi respeitado home office porque a meta veio tão alta que os gestores mandaram-nos ir, presencialmente, para cobrar, in loco, o resultado. Trouxemos o cliente para a renda variável, ele confiou no gerente que fez a oferta e faltou estrutura da empresa para que tivesse o suporte que precisava. Teve cliente que fazia 26 interações no mesmo dia porque o sistema da bolsa estava fora do ar. Ligava para mim, que não podia fazer nada, reclamando que precisava vender e comprar ações.

Isso mexeu com a credibilidade, muitos clientes foram embora e, provavelmente, não voltarão mais, prejudicando a perenidade do negócio da Caixa. O prejuízo que foi causado, nesse período de pandemia, em que limitamos o atendimento, vai demorar muito para ser sanado. Fora que esse cliente investidor é o que traz uma receita interessante para que a Caixa possa cumprir o seu papel social. A falta de organização e de respeito marcaram esse período e o cenário ainda permanece assim.”

A Caixa é uma empresa imensa e, às vezes, até os próprios empregados esquecem de tudo o que ela faz, do que tem a oferecer à sociedade. Não é apenas a população de baixa renda que procura o banco. Compreendida como empresa segura para a maior parte da população, pelo seu histórico, muito mais do que pela gestão atual, é, também, avaliada com nota máxima pelas agências de classificação e, de acordo com recente ranking da Anbima, ocupa a terceira posição entre os maiores gestores de fundos, com quase R\$ 600 bilhões em ativos administrados.

Essa área, inclusive, está sob a mira da privatização. Antes era apenas uma área da Caixa, agora uma subsidiária, a Caixa DTVM, e, desde setembro de 2021, pode ter seu capital aberto. O processo foi semelhante ao que ocorreu com a Caixa Seguradora - hoje, subsidiária com capital aberto na Bolsa.

A abertura de capital desse braço da Caixa é um capítulo à parte na história do banco e ocorreu no meio da pandemia.

Como bem conta o empregado, a Caixa não deu suporte tampouco treinamento necessários para a efetivação da venda das ações. Ao contrário, colocou trabalhadores, que atendiam filas gigantescas em meio à pandemia, para oferecer um produto que, muitas vezes, nem poderiam vender a seus clientes.

O presidente do banco tinha um único objetivo: iniciar o processo de privatização a qualquer custo, com ares de sucesso, por isso, determinou metas absurdas e empregados foram pressionados a vender, quando não a comprar, ações desse pedaço da Caixa.

Muitos o fizeram a contragosto. Primeiro, porque não queriam colocar recursos nesse tipo de investimento, pois não têm esse perfil. Em segundo lugar, porque não queriam fazer parte do processo de privatização vinculado à meta colocada. Mas a pressão era grande e as denúncias feitas pelas entidades à CVM seguem sem análise.



Caixa conclui criação
da Caixa-DTVM de olho
em IPO



Novela IPO: se houver
algo errado, culpe o
empregado

O BRASIL
PRECISA DA
CAIXA
100%
PÚBLICA

#MEXEUCOMOCAIXA
MEXEUCOMOBRASIL





SUPERAÇÃO





LUANNA SAMPAIO DE ALMEIDA ESCOBAR

Empregada da Caixa,
agência Registro

“Em 13 de março de 2020, eu tinha acabado de retornar das férias. Coincidiu com o aumento da veiculação de notícias sobre o vírus, de forma mais contundente, de que ele estava ativo no Brasil. Eu tenho asma. Meu pai, aos 49 anos, faleceu dormindo por insuficiência respiratória. Então, embora eu seja corajosa, tenho medo também, sabe? No dia em que eu voltei ao trabalho, já fui de máscara. Foi engraçado, porque o meu gerente olhou para mim e disse: ‘o que está acontecendo?’ A maioria das pessoas não tinha noção da gravidade. Como era tudo muito no começo, tiraram sarro da minha cara, pois eu, realmente, parecia uma personagem dos filmes sobre pandemia.

Com muita sensibilidade, meu gerente disse para eu pegar meu note e ir trabalhar em casa. Eu fui. Desde então, fiz o possível e o impossível para ajudar o pessoal da agência e, também, os clientes. Dois dias depois, a Caixa colocou 80% dos empregados em home office e, assim, fiquei por 20 meses.

O meu desespero era ver que, enquanto eu estava trabalhando de forma remota, meus amigos estavam enfrentando o vírus, sem saber direito como lidar com tudo.

A única certeza era de que ele era extremamente transmissível e que matava. Para ajudar, autorizei o pessoal da agência a dar até o número do meu WhatsApp para quem estava na fila. Obviamente que, no começo, muitos colegas ficaram perdidos em home office. Não tínhamos suporte. Apesar disso, foi incrível o que os empregados da Caixa fizeram para conseguir colocar milhares, remotamente, em pouquíssimo tempo. Eu costumo dizer: se a gente tivesse o empregado Caixa, ‘raçudo’ do jeito que é, em um banco com investimento pesado em tecnologia, seríamos o maior banco do mundo!

Meu momento de superação foi substituir meu gerente geral, já no trabalho remoto. Utilizei todas as ferramentas possíveis e disponíveis - que eu nem sabia que existiam. Tinha de conduzir as equipes do home office e da agência, alcançar o resultado, já tinha voltado o Conquiste e, ainda, havia a gestão do atendimento da unidade. O pessoal mandava foto da fila, do RG das pessoas para adiantarmos o cadastro, token. Até os seguranças, as recepcionistas, a telefonista se engajaram. Eu enviava, diariamente, o agendamento de assinatura de contrato de crédito para eles.

Tive momentos de pânico quando colegas adoeceram, clientes faleceram. Tenso! No fim de novembro de 2020, 12 empregados da agência tiveram Covid ao mesmo tempo. Durante esse período, o trabalho remoto seguiu firme. Gostaria de terminar esse relato com um fechamento de ouro em todos os sentidos.



A experiência de superação para todos da agência foi única e premiada, pois todos saímos ilesos da Covid. No entanto, no fim do ano, a famosa rádio-peão tomou conta, trazendo notícias de conversas sobre descomissionamento para aqueles empregados que não manifestassem sua vontade em retornar ao presencial.

Ouvi muitos colegas extremamente abalados e eu mesma senti que tinha alcançado meu limite por algumas vezes, pois a estafa, o distanciamento social, a falta de liberdade, o medo, tudo isso, junto e misturado, nos testava dia após dia.

O que eu acho que poderia ter sido diferente? A Caixa, de alguma forma, ter homenageado todo esse time fenomenal. Tanto os guerreiros que se mantiveram firmes na linha de frente quanto os resilientes que se superaram em suas casas. Milhares de heróis e de heroínas que fizeram acontecer durante esses meses tão difíceis. Tenho orgulho do que construímos na agência 0903. Separados por um detalhe físico, mas juntos pelo mesmo objetivo.

Superação é a palavra que resume a pandemia para a família Caixa. Todo o País deveria saber e aplaudir os guerreiros e as guerreiras que mataram um leão por dia para que a Caixa mantivesse seu papel essencial aos cidadãos brasileiros.”

Os relatos na pandemia são um misto de superação da doença e de pressão por cumprimento de metas.

Os bancários da Caixa, de fato, foram resistentes em diversos sentidos. Mesmo vivenciando todos os cenários trágicos que o momento trouxe, houve, desde a retomada das metas, um outro fantasma: o descomissionamento. Assustava menos que a Covid-19, com certeza, mas, muitas vezes, tornou-se mais presente. A Apcef/SP atuou, em diversos momentos, quando as ameaças de descomissionamento fizeram da vida dos empregados um verdadeiro inferno.

O trabalho de gestão a distância, principalmente nas agências, era percebido como sendo mais difícil, alguns gestores sentiam-se pressionados a estar presentes para manter suas remunerações, mesmo fazendo parte dos grupos de risco.

A atuação das entidades também aconteceu individualmente, acalmando as pessoas, conversando com gestores imediatos, lembrando, a todos, de que o primeiro objetivo a ser atingido durante a pandemia era sair vivo do outro lado.



Descomissionamento em
meio à pandemia é imoral
e incoerente



Recebeu o “MO de
descomissionamento”?
Fale conosco





**Sem lugar
para todos**



ELISABETH SOARES

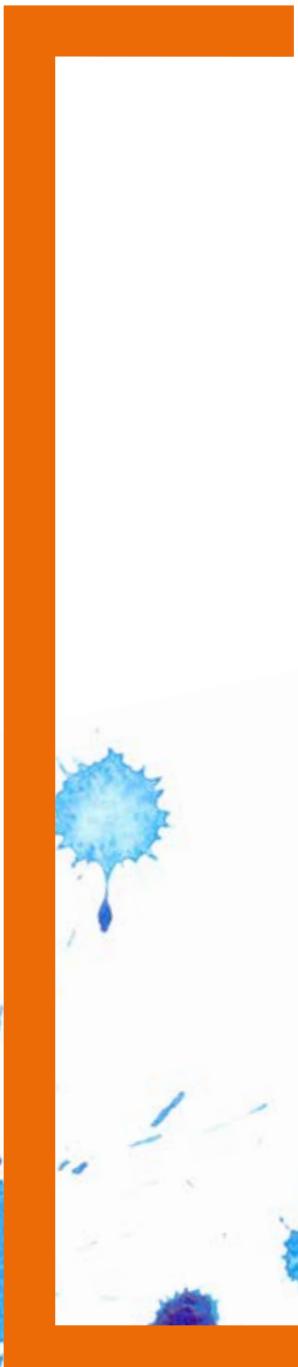
Empregada da Caixa,
Gigov, Santos

"Posso dizer que, na pandemia, tive uma transição tranquila nos dois momentos em que precisei trabalhar home office: bem no início, em março de 2020 e, depois, no começo de 2021. O gerente teve uma participação importante, pois se mobilizou para que a equipe tivesse todas as ferramentas para o trabalho remoto.

Por conta do volume de empregados em sistema de teletrabalho, muitas unidades da Caixa passaram a funcionar em espaços menores, como no caso das áreas-meio. Se o banco ocupava três andares de um prédio, por exemplo, passou a ocupar um. Uma questão de economia.

Só que o banco não queria saber de pandemia. O show tem de continuar. Com a volta ao trabalho presencial, muita gente das áreas-meio passou perrengue, pois não tinha espaço físico para onde voltar. Precisou ficar arrumando cantinho em alguma agência para fazer o trabalho, sem infraestrutura alguma. Também não foi um retorno para a agência de origem.

No meu caso, falo que tive sorte porque o meu gerente viu que poderia fazer uma adequação de layout no andar que restou, chamou o pessoal da parte técnica, enviou o projeto para a Caixa e ele foi



aprovado, ou seja, sem custo a mais de aluguel ou de reforma, ficamos no mesmo prédio, sem prejuízo para os empregados. Como não tem como comportar todos os trabalhadores de uma vez, fazemos rodízio para que a lotação toda trabalhe no escritório e em home office.

Ainda lidamos com volume alto de papel. É preciso imprimir tudo para arquivar nos processos, aqui ainda não é 100% digital. No fim, cada um se virou com o que tinha em mãos e um ajudou muito o outro.”



Alguma áreas-meio da Caixa ficam em prédios, juntamente com diversas outras. Mesmo sem atendimento, há grande circulação de pessoas, sobretudo nos elevadores, nas copas e nos banheiros.

Desde o início da pandemia, sabendo da possibilidade de os empregados terem condições de realizar o mesmo trabalho em home office, as entidades cobraram que todos os trabalhadores dessas áreas permanecessem em suas casas, cumprindo suas atividades rotineiras.

A demanda, além de necessária para proteger os empregados, era importante para a sociedade, pois visava a diminuir a circulação de pessoas e, consequentemente, do vírus.

Antes mesmo do início da vacinação, durante reunião ministerial em 22 de abril de 2020, que teve o sigilo quebrado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o presidente da Caixa afirmou que, no banco, "não havia frescurada de home office".

Os sentimentos em relação ao desrespeito contido na declaração foram diversos: raiva, tristeza, desalento e, até mesmo, indiferença, já que, diante de tantas outras ações dessa gestão do banco, essa não surpreendeu tanto assim.



Declarções do presidente
da Caixa não representam
pensamento dos empregados

**Dinheiro
para comprar
um frango**



ANSELMO DE OLIVEIRA LIMA

Empregado da Caixa,
agência Nossa
Senhora do Sabará

“Sou técnico bancário, tenho um conhecimento profundo de FGTS e das liberações e, durante a pandemia, fui destacado para mais de cinco agências diferentes para ajudar no pagamento do Auxílio Emergencial.

Só fiz rodízio entre o presencial e o home office por duas semanas nesse período todo, além de ter ficado afastado, no fim de abril de 2020, por conta da licença da Covid-19. Tirando essas duas situações, trabalhei direto no atendimento.

Logo depois da licença, comecei a rodar pelas agências porque o contingente de empregados era pequeno nessas unidades: Largo do Capão, Ayrton Senna, Grajaú, Granja Julieta, Washington Luiz, entre outras da região.

Claro que o deslocamento é desconfortável em um primeiro momento, pois eu moro perto da minha agência, a Nossa Senhora do Sabará. Mas quando a gente chegava aos locais e via o caos que estava, percebia que era necessário mesmo estar lá. Não sabia dizer de onde saía tanta gente! Como essas agências ficam na periferia, a gente se depara com muitas situações. A população é carente, necessitada não só de dinheiro, mas, também, de atenção, carinho. Como eu sou muito brincalhão, acabo quebrando o gelo na hora do atendimento. Nesse momento, meu olhar não é de atendente para cliente. Acho que, como tenho bastante experiência com a parte

do FGTS, as pessoas vinham com problemas e eu já resolvia logo, sabe? Daí, sempre tinham aquelas brincadeiras do tipo: 'eu resolvi, mas isso vai custar um almoço'... e tudo ficava bem.

O sofrimento no olhar dessas pessoas, a angústia, a necessidade do dinheiro - por pouco que fossem, fazem a gente se sensibilizar, não tem jeito.

Houve ocasiões em que eu estava na Grajaú com uma fila de espera de três horas e meia. Tudo isso para a pessoa pegar o dinheiro e se virar o mês inteiro. Um dia, eu pensei: sabe de uma coisa?

Eu vou guardar essas senhas e atender todo mundo que está na fila. Foram 159 atendimentos naquele dia. Depois desse período de pandemia, passei a ter um olhar diferente, pois a briga das pessoas na fila é pela necessidade que elas têm de receber e a demora, claro, deixa todo mundo muito mais agitado.

A gente se emociona muito, também, porque recebe muitos elogios pelo trabalho prestado, é chamado de guerreiro, pois o pagamento do Auxílio não foi fácil. Escuta coisas do tipo: 'hoje eu vou poder comprar um frango! Vai ter mistura dentro de casa!' Todo mundo que esteve na linha de frente vai ter uma história diferente para contar.

Eu estava fazendo tanto rodízio para ajudar as outras agências que a minha gerente, ao voltar das férias e se deparar com um alto contingente de pessoas na unidade, perguntou: 'Cadê o Anselmo? Eu quero ele aqui'. É bom ter esse reconhecimento, não é mesmo?

O que fica, para mim, é que a Caixa precisa voltar seu olhar para o atendimento, valorizar o técnico bancário, pois é ele quem está na linha de frente todos os dias e quem fez a diferença nessa batalha que enfrentamos com a Covid-19."

Pois é, a pandemia deixou claro para todos: o trabalho fundamental da Caixa é seu atendimento social. Gestão após gestão, o banco vem criando sistemas e métricas que, cada vez mais, tentam se distanciar disso, valorizando produtos comerciais, dando mais ênfase aos atendimentos com maior retorno financeiro.

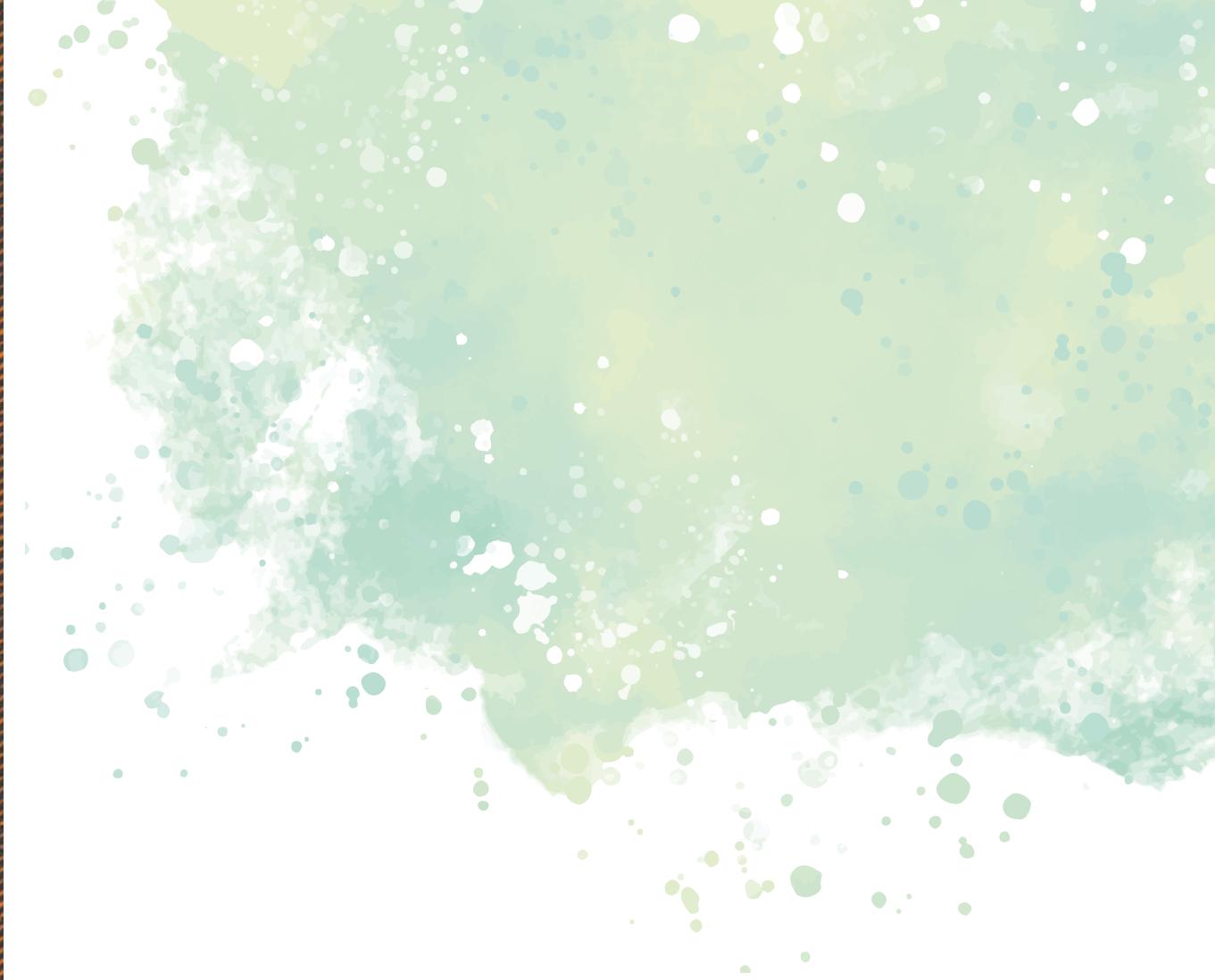
A pandemia jogou um balde de água fria em todo mundo que pensava assim. O atendimento social foi a base do trabalho e, hoje, é a base da defesa da importância desse banco perante a sociedade.

Ainda é necessário institucionalizar, na Caixa, o reconhecimento dos trabalhadores do atendimento social, independentemente da sua função, muito mais do que em eventos específicos e de frases de efeito sobre “heróis de crachá”.

É primordial valorizá-los no dia a dia, afinal, o objetivo de um país ter um banco público deveria contemplar, especialmente, os objetivos diários dos empregados dessa instituição.



Lucro da Caixa, uma discussão que vai além dos números



“A desigualdade social e econômica garantirá a discriminação do vírus. O vírus, por si só, não discrimina, mas nós, humanos, certamente o fazemos, moldados e movidos, como somos, pelos poderes casados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo”.

Judith Butler, filósofa e escritora

A black and white photograph of a city street scene. In the foreground, a group of people are standing on a sidewalk. The background shows a street with cars, traffic lights, and utility poles with many wires. The sky is overcast.

**Nem sempre
é bom ter
“uns dias
em casa”**



**LÚCIA MARA
APARECIDA
PEREIRA**

Empregado da Caixa,
agência Cidade do Sol

“Este caso aconteceu durante a pandemia, quando eu era gerente de atendimento. Pensa em um ser que se arrependeu até os fios de cabelo! Juro que não tenho inveja de absolutamente nada nem de ninguém. Se você perguntar sobre mim para qualquer um, vão dizer que sou uma pessoa fora da caixinha, que acha que tudo e todo mundo são bons. Mas, quebrei a cara comigo mesma! Desde que a pandemia começou - e por conta de trabalharmos diretamente, frente a frente com os clientes, o cuidado para minimizar o risco e evitar a contaminação era muito, mas muito grande. Nós usávamos máscara, um suporte de material acrílico - que deixava a gente parecendo um apicultor, álcool em gel e ficava a 10 km do cliente. Mesmo com todos esses cuidados, tinha sempre um ou outro colega com sintomas de Covid-19. Nisso, eu via o povo ficando em casa por conta de coriza, olhos vermelhos, dor no estômago. Na época, levava de quatro a cinco dias para sair o resultado do exame. Um ou outro dava positivo. A maioria era negativo. A minha agência tem pouco mais de 20 funcionários. Nesse vai e vem, tem Covid, não tem Covid, querendo ou não, a pessoa acabava ficando em casa quase uma semana. Não tinha como voltar antes. Além disso, estávamos trabalhando, inclusive, aos sábados por

Conta do Caixa Tem. Eu, na minha inconformidade, doidinha por umas férias, desejava um descanso, pois acreditava ser ‘merecido’. Além disso, tinha certeza de que jamais pegaria o vírus e, se um dia ele chegasse a se instalar em mim, seria para me fazer bem. Jamais me faria mal. Então, no dia 23 de maio de 2021, senti dor de estômago e me mandaram fazer o teste. Adivinha? A pessoa que se achava a mais saudável no mundo estava com Covid. E, como mandava o protocolo, fiquei em casa por 14 dias, literalmente, descansando. Por quê? Porque não sentia absolutamente nada. Nem remédio o médico receitou. Descansei, descansei e descansei. Em 6 de junho, voltei ao trabalho, no home office, para dar mais um tempinho e assegurar que não transmitiria nada aos colegas.

Porém, em 8 de junho de 2021, fui levada, às pressas, para o hospital e descobri que estava com um tumor de 6 cm no cérebro. Passei 13 dias internada e, hoje, tenho uma baita cicatriz na cabeça. Foram sete meses de afastamento e, detalhe: sem poder fazer praticamente nada, só comer, beber, assistir a séries na Netflix, fazer fisioterapia (engordei quatro quilos!). Bem, e como nem tudo são flores, em 10 de janeiro de 2022, 12 dias antes de voltar ao trabalho, lá estou eu, de novo, com Covid. Agora, a Ômicron (chique, né?).

Conclusão: perdi minha função por afastamento maior do que seis meses e, consequentemente, sofri redução de salário. ‘Algumas vezes, a inveja pode não matar, mas chega perto’. Depois de tudo isso, aprendi a importância de manter o equilíbrio entre profissão e vida pessoal. Essa decisão mantém a saúde física e emocional (deu rima). Acreditamos que somos saudáveis quando não temos sintomas de doenças, mal-estar. Não se engane, muitas são silenciosas e surpreendem quando você menos espera!

Hoje, quando me perguntam como estou, respondo: acordo agradecendo e durmo rezando, pedindo que, pela misericórdia do universo, o outro dia amanheça também para mim.”

A Lúcia cita, no início do texto, um dos objetos de proteção contra a Covid-19 chamado Face Shield. Esse e outros foram sendo acrescentados nos protocolos de prevenção à medida em que os estudos traziam novas informações sobre a transmissão da doença e as entidades faziam cobranças aos bancos. Em abril de 2020, em conversa com os empregados, surgiu a sugestão de instalação de protetores nos guichês de atendimento, que foi levada, pelos representantes dos trabalhadores, à direção da Caixa e implementada posteriormente.

Mesmo com os protocolos para procedimentos nos locais de trabalho, com o passar do tempo, alguns começaram a "amolecer" os cuidados, que só foram intensificados novamente com a atuação das entidades representativas.

Em 24 de março, até meio-dia, a Apcef/SP havia recebido demanda sobre o assunto de 48 unidades, de 26 SEVs e de oito SRs diferentes do Estado, sem contar as áreas-meio.

O tempo foi passando, a Covid-19 foi se espalhando, chegando perto de todos, as pessoas foram se conscientizando da gravidade da doença e as medidas de proteção à saúde mostraram-se imprescindíveis para salvar vidas.

Jamais saberemos, exatamente, quantas e quais vidas foram salvas por conta dos protocolos de saúde. Só temos conhecimento das que, mesmo com todos os cuidados, foram perdidas. Na Caixa, no Estado de São Paulo, a pessoa mais jovem que nos deixou, sem comorbidade alguma, tinha 30 anos.



Reunião com SR discute protocolos de prevenção



Entidades cobram instalação de proteção nos guichês



Home office, o desafio

EMPREGADA DA CAIXA QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR

"E a pandemia nos pegou, a mim não, fisicamente, mas psicológica e emocionalmente. Primeiro, a restrição de entrada na agência, o uso de máscara, de álcool em gel. Perdi muitos amigos para a Covid-19. Depois, o home office. O sentimento de medo persistiu por um bom tempo, não foi fácil, mas, felizmente, tive apoio do pessoal da agência nas partes psicológica e emocional. Conseguí retornar ao trabalho presencial.

Foram quase dois anos em casa. Em alguns momentos, o trabalho não tinha o efeito esperado; nós, que estávamos em home office, fomos tratados como pessoas preguiçosas e acomodadas. Fazer 'o seu melhor' era difícil, com uma sequência de mensagens 'meigas', vindas da agência. Foi um período horrível, que maculou minha história, tanto como funcionária da Caixa como em termos particulares. Mas estou começando a virar essa página, finalmente!

Nos meus quase 20 anos de Caixa, já convivi com todo tipo de pessoa. Contudo, em um período tão soturno, fiquei decepcionada com o comportamento de algumas. Para mim, faltou luz a elas.

O retorno ao presencial me causava surtos, o medo me invadia, tive



problemas de saúde por conta da ansiedade, mas retornoi. Hoje, não falta luz para a equipe. Às vezes, um gestor diferente transforma o inferno em um paraíso e tive a sorte de, agora, ter um gestor assim.

Espero que a noite finde e que o céu se ilumine novamente. A pandemia não acabou e os temores ainda existem, mas, com tranquilidade e respeito a todas as regras, vamos superar esse período de trevas, esperando o tão sonhado amanhecer.”

O nível absurdo de dificuldade e estresse a que foram expostos os empregados da chamada "linha de frente" fez com que outras atividades das agências e áreas-meio parecessem relativamente simples ou fáceis, no entanto, o trabalho em home office teve seus desafios particulares.

Um deles foi, especialmente, experimentado pelos trabalhadores das agências que, ao serem encaminhados ao home office, tiveram mudanças consideráveis em suas tarefas e, muitas vezes, dificuldade para as realizar: por instabilidade no sistema, por falta de treinamento, pela característica do trabalho bancário misturado ao ambiente familiar que, como observado em outros relatos, causava dificuldade de concentração e dedicação, diferentemente do que acontece no ambiente da empresa. O sistema Interaxa, criado para que houvesse um canal de atendimento para demandas que não fizessem parte dos serviços essenciais, definidos pelo Decreto 10.282/202, foi uma dificuldade à parte.

Se, muitas vezes, auxiliou, pois tirou do ambiente da agência o cliente que conseguiu ter seu problema resolvido por meio do WhatsApp, por outro lado, mal organizado, encaminhava pessoas com diferentes tipos de solicitação para qualquer atendente, tivesse ele senha de acesso e treinamento para realizar aquele tipo de atendimento ou não.

A parceria entre os colegas nas agências foi o que garantiu que eles dessem conta de grande parte do trabalho nesse formato. Do ponto de vista dos representantes dos trabalhadores, a Caixa poderia ter criado uma área específica para os atendimentos via Interaxa, que hoje estaria funcionando separadamente do atendimento presencial. Em vez disso, ainda hoje, os colegas atendem, muitas vezes, ao mesmo tempo, alguém sentado em sua mesa e alguém no celular.



O Interaxa



**O verdadeiro
sentido de
“banco social”**



RAÍSSA MILENA LEITE DE ALMEIDA

Empregada da Caixa,
agência José Bonifácio

“Desde dezembro de 2020, estou de volta ao trabalho presencial na minha agência. Tenho um pouco mais de dois anos no banco e, logo que retornei, fiz o curso de caixa. Então, divido o meu trabalho entre auxiliar a caixa efetiva na abertura da unidade e no almoço e o atendimento à pessoa física. Na minha agência sempre entra muita gente, mais ainda na pandemia, por conta do Auxílio Emergencial. O começo mesmo, aquele bem complicado, eu não peguei não, por conta do home office. Apenas uma vez, antes de ficar no trabalho remoto, eu estava lá quando a fila ia até o outro quarteirão. Todo dia hora extra, quando dá aquelas duas horas cravadas, sabe? No meu dia a dia na Caixa, o que mais pega é a necessidade mesmo das pessoas. Fico comovida com essa parte realmente social que ela tem. Eu sei que o trabalho do banco não é uma coisa muito bem vista pelos outros, mas essa área social, caramba! Como vale a pena, sabe? Tipo assim, como a gente realmente é importante aqui para as pessoas! Por exemplo, a história da geração de código no aplicativo para a pessoa receber. A gente sempre ajudava todos os clientes da melhor maneira possível, mas os necessitados, os

que não conseguiam lidar com tecnologia, os que não tinham acesso à internet, os que não sabiam ler ou escrever ou não tinham celular, enfim, esses a gente dava uma atenção maior, né? Nossa vontade é de que eles possam ter independência. Faz parte do atendimento e, além de explicar, a gente gerava o código para eles sacarem no caixa eletrônico.

Fora o Auxílio, teve, ainda, a questão do pagamento emergencial do FGTS e da conta digital. A maioria não sabia que tinha esse direito. Então, muita gente que chegava na agência era só para sacar aqueles R\$ 150, R\$ 375, mas, quando via, tinha mais para receber. Tem dinheiro que está lá até hoje! Essa conta digital é nova, nem todo mundo tem ciência do Caixa Tem.

Teve um cliente que foi sacar o seguro dele, estava precisando muito daquele dinheiro. Quando a gente foi ver, ele tinha R\$ 1.000 a mais para receber. Ele me agradeceu tanto! Disse que Deus tinha me usado para o honrar e iria me colocar em suas orações. A gente fica feliz, né? Esse tipo de coisa que faz tudo valer a pena. Compensa o estresse que a gente passa. Quando eu entrei na Caixa, jamais pensei no viés social. Eu me lembro de ter falado com a minha psicóloga uma vez. Fiquei maravilhada com o atendimento do PIS, do FGTS, sabe? Para mim, eu me encontrei profissionalmente e é isso que quero fazer para o resto da minha vida. Quero ajudar as pessoas.”

A Raíssa é nova na Caixa, mas a Caixa é antiga na vida do povo brasileiro e até na dela que, possivelmente, já havia sido atendida como cliente antes de entrar como bancária no banco público. Assim como aconteceu com nossos pais e os pais dos nossos pais, que, provavelmente, foram à Caixa abrir uma caderneta de poupança, assinar um financiamento habitacional, tirar um extrato de FGTS.

No ano de lançamento deste livro, a Caixa completa 161 anos. Se, por um lado, é motivo de comemoração, por outro, há uma grande preocupação. Ela chega a essa idade grande, de maneira presente e imprescindível para a população brasileira, porém, sofrendo ataques.

O banco, hoje, tem menos empregados do que em 2014 - quando contava com 101,5 mil trabalhadores - e passa por um desmonte, com a abertura de diversas subsidiárias e com a atual gestão tentando burlar o legislativo para vender partes rentáveis para exploração de empresas privadas. Isso tudo durante uma pandemia.



161 anos da Caixa







ÊNIO INÁCIO SILVA DOS SANTOS

Empregado da Caixa,
agência Itaquera

“Quero relatar minha história aqui para que ela seja um alerta às pessoas e, também, para que fique registrada como um caso de superação. Vou lembrando coisas aos poucos, sabe? Estávamos tomando todos os cuidados possíveis e impossíveis: álcool em gel pra cá, álcool pra lá. Era uma época em que tudo desapareceu: álcool, máscaras. Quando chegava um colega com spray, o outro já dizia: dá, aí! Em julho de 2020, eu estava com sintomas de uma gripe forte e um colega de trabalho disse: ‘você está tossindo muito, procura um médico!’. Era uma quarta-feira. Eu não estava me aguentando e fui para o hospital. Por orientações dos amigos da agência, fui ao São Luiz, no Tatuapé. Passei por uma triagem, fiz coleta de exame nasal. Fiquei na expectativa do resultado, que sairia em 48 horas. No retorno ao consultório, a médica informou que, com os meus sintomas, possivelmente, seria Covid e que eu, provavelmente, seria internado. Na hora, tive medo, um filme começou a passar em minha mente, as lágrimas já desciam.

Naquela época, as informações em relação à internação não eram nada agradáveis. Com medo, já fiz a famosa pergunta: ‘posso

fazer o tratamento em casa?' A médica autorizou, mas com recomendações, como tomar os comprimidos e retornar, caso piorasse. Eu estava temeroso, mas, ao mesmo tempo, confiante de que seria só uma gripe forte. Retornei e acalmei a minha família. Estava afastado por quatro dias.

O resultado saiu na sexta-feira e deu positivo. Acreditava que seria leve, mas, do domingo daquela semana, eu só tenho flashes: todo mundo ligando dizendo que iria me levar ao hospital e eu relutando, ficava muito tempo deitado e com frio. Por fim, meu irmão chegou em casa e me levou. Lá, lembro que fui realizar uma tomografia. Tudo muito rápido. Quando menos esperava, estava sendo encaminhado para a internação, meus pulmões estavam com mais de 50% de comprometimento.

Meu irmão disse que eu dei um pouco de trabalho, não ficava quieto no aparelho de tomografia. Não lembro nada, quase nada! Recordo que, durante a internação, dei tchau para eles entre lágrimas. Minha irmã também havia chegado ao hospital. Para mim, eles subiram para o quarto, mas eu já estava na UTI.

No dia seguinte, eu só tenho,

vagamente, uma lembrança de alguém falando comigo: oi, tudo bem? Eu respondia: tudo. Mas não estava tudo bem. Fui intubado. Fiquei assim por 20 dias.

O que aconteceu nesse período eu, praticamente, não sei, só tenho o relato da minha mãe e da minha irmã. A situação ficou bem descontrolada. A Covid, além dos pulmões, afetou os rins, eu fiquei muito inchado. Sobre esse período, poucas coisas foram ditas pela minha irmã, porque foi um tempo muito doloroso para a família. Ela falou que, além da intubação, eu tinha dez equipamentos conectados a mim, que ela chegou a parar para contar.

Imagina no leito hospitalar: você é gordo, estava inchado e os equipamentos conectados. De um lado, recebia a medicação e tinha o monitoramento; do outro, tinham os catéteres de diálise.

Depois de alguns dias de intubação, minha família foi chamada ao hospital, pois a situação se agravou. Eu tive um choque anafilático e os médicos orientaram, se tivessem fé, a orar e se prepararem. Foi uma notícia bombástica!

Um intensivista falou, uma vez, para a minha irmã, quando ela foi fazer a visita, que todas as

drogas que tinham no hospital já estavam no meu corpo, que tudo já havia sido ministrado em mim e que o jeito era aguardar. Em uma outra visita, tinham perdido um paciente para a Covid e ele garantiu para ela que eu não seria perdido!

Graças a Deus, eu consegui passar dessa! Eu fui extubado em 9 de agosto, mas não acordava. Não precisei fazer traqueostomia. Não lembro muita coisa de quando acordei. Fiquei um bom tempo desnorteado. Não sabia direito onde estava, só que estava com Covid, mas eu pensei que estivesse em um lugar isolado de tudo, bem distante. Muitos profissionais falavam, mas eu não memorizava nada. No fim de agosto de 2020 é que eu passei a entender melhor o que estava acontecendo.

Fiquei paralisado das minhas pernas e dos meus braços. Recordo-me da reabilitação respiratória, da diálise. Só depois eu fui entender que eu ganhei algumas escaras por ficar muito tempo deitado na mesma posição. Não tinha condições de permanecer deitado de lado a cada duas horas. Depois que eu estava consciente, tentaram fazer isso, mas as minhas pernas não ajudavam. Usava meias para evitar trombose, que eram

conectadas a um dispositivo para comprimir. Que desesperador! Tentaram, novamente, me deixar de lado, eu tinha de aguentar duas horas, mas sem sucesso, eu acho que aguentei quatro minutos, as dores em todo corpo eram insuportáveis.

Além disso, a independência já não existia. Você precisa entender que alguém está te virando, que é para trocar sua fralda e que vai tomar banho na cama; alguém vem e você tem de comer naquele horário, tomar água... a sua privacidade e intimidade estão expostas.

Relembrando as situações, há algumas que levo com humor. Quando vinham fazer os exercícios respiratórios, eu ficava gritando com a máscara: ‘socorro, socorro, querem me matar!’

‘Alguém me tira isso!’ Mas era necessário, tinha de fazer de três a quatro vezes por dia, de uns 40 minutos a 1 hora, os pulmões tinham de responder. Mas até eu entender isso, foi muito doloroso. Queria poder ir até a janela, saber onde estava, ir ao banheiro, mas estava imóvel. É impactante, tudo muda, fazia uma força imensa e nada se movia. Aí vêm as fraldas, banho no leito, você nu para os profissionais, a vergonha lá em cima, o rosto vermelho rsrsrsrs. Também queria ver minha família.

Lembro quando falei com minha mãe pelo celular da psicóloga, foi emocionante, um dos melhores momentos, deu um ânimo e tanto. O isolamento era total. Os profissionais que entravam no quarto se diferenciavam pela voz e altura, no restante, eram todos iguais, com roupas, luvas, máscaras, toucas, óculos... Entre as dores, havia, também, os delírios... achava que estava em um treinamento da Caixa. Tinha um quadro com meu nome e orientações, mas não entendia o que significava. Daí, eu olhei para o lado e tinha um saquinho que parecia estar sempre do mesmo jeito e aquele barulho dos monitores. Eu estava delirando tanto que o saquinho falou pra mim: é só um treinamento, só um treinamento! Era a bolsa de medicação!

Certa noite, estava gemendo muito, a profissional me disse: ‘por favor, tente se controlar, é necessário descansar, qualquer coisa você aperta a campainha que está aqui do lado’. Eu, na sátira, disse: ‘você está brincando comigo, né? Não movimento nada, meu nariz não alcança aí!’ Foi quando ela falou: ‘tá bom, tá bom, a cada tanto eu venho aqui!’. E me trouxe uma medicação que me fez dormir como um anjinho. Quando a minha situação ficou

mais controlada, fui transferido para uma UTI mais leve, mas continuava isolado e, nessa troca, eu fiquei vermelho de tanta vergonha! Eu ficava bem próximo daquela ilha da enfermagem e como no quarto eu gritava muito - de manhã, de tarde, de noite, imagino o que não foi dito sobre mim - acabei rindo da situação. Como são as coisas do delírio e das dores, né?

Os dias passavam com medicação, exames, além disso, orações, pensamento positivo. As orações e o incentivo dos profissionais da saúde faziam os dias ficarem mais leves. Ah! Também havia televisão, pedi para deixar em um canal com filmes, mas dormia e acordava já não estava no mesmo rsrsrs... e, algumas vezes, pedi que fosse desligada. Lembro que estava assistindo a algum filme do Harry Potter e, aí, quando acabou, tive a sensação de que todo mundo havia ido embora do quarto e me deixado sozinho! Com o tempo, já não delirava tanto, estava mais consciente da minha situação, do turbilhão de coisas que passavam pela mente. Estava fazendo amizade com todo mundo e na dependência para me alimentar, trocar fraldas e por aí vai... Era fim do mês de agosto e fui transferido para outra UTI,

onde pude receber visita dos meus familiares! Emoções à flor da pele. Meus irmãos foram os primeiros, queriam ver meu estado físico para depois ir a minha mãe. Viram que eu não me movimentava. Os médicos diziam que, aos poucos, eu iria me recuperar e seria lento.

Mais boas notícias: fui transferido para um quarto! As visitas dos meus familiares duravam mais tempo, já estava conseguindo movimentar a mão esquerda, conseguia, ao menos, levar o talher até a boca rsrsrs.

Os exercícios respiratórios continuavam, a fisioterapia, já conseguia ficar sentado na cama, tudo estava caminhando bem. Conseguia usar o celular - ainda bem que o WhatsApp tem o recurso de áudio! -, uma pequena mensagem demorava horas se fosse digitada... rsrsrs

Um dia, durante a visita de meus irmãos, eu estava ansioso porque queria levantar da cama e ir até a poltrona. Insisti tanto que eles me atenderam. Colocaram a poltrona do lado cama e me ajudaram a ficar em pé! Mas foi por segundos e eu desabei, não tinha força nas pernas. Ficaram desesperados e eu disse: não fala pra mãe senão ela vai me matar! rsrs Desobedeci, né? Os enfermeiros vieram e ajudaram. A gente riu pra

caramba disso! A teimosia! rsrs Mas, no fim de setembro, eu tive uma recaída - uma pneumonia - e voltei para a UTI. Daí, o meu coração bateu mais depressa porque você pensa: agora eu morro! Já não consegue andar, depende de outras pessoas para tudo e lá se foram mais alguns dias na UTI.

Já de alta para o quarto, onde pude rever, com muito mais tempo, meus familiares, continuei com os tratamentos e a fisioterapia, já conseguia andar apoiado em um andador. Surgia a possibilidade de alta hospitalar, que estava prevista para 26 de outubro de 2020, com home care e diálise, que seria feita em outro hospital. Tudo certo, fiz os exames necessários na outra unidade hospitalar, estava todo feliz, quando tive outra recaída, uma infecção. Mais exames e medicação. Minha expectativa foi toda para o espaço!

Enfim, consegui contornar. Durante esse período, já andava apoiado no fisioterapeuta, sem o andador. Claro, um trajeto de 20 metros demorava bastante e quando aumentava, nem se fala, tinha de calcular a força que gastava para ir, era o dobro para retornar. Conseguia tomar banho sozinho, na cadeira... mas as fraldas continuavam. Também



houve uma notícia maravilhosa: saí da zona de diálise, aplausos e choro de alegria!

Finalmente, em 17 de novembro de 2020, tive alta hospitalar com home care e fisioterapia. Fui para a casa dos meus pais, no quarto da minha irmã. Recordar é viver, né? Fiquei uns oito meses lá.

Nesse período, em maio de 2021, eu tive febre, fiquei com muito medo. Meus irmãos me levaram para o São Luiz novamente por conta de todo o meu histórico.

Fiz exame e não era Covid, mas dengue. Além da medicação que tomava, acrescentou paracetamol e, três dias depois de ficar em casa, no retorno para saber da dengue, não deu outra: precisei ficar internado novamente, por conta da dengue mesmo. Outra crise de choro. Mas a internação foi apenas por precaução. Meus rins estavam danificados, a desidratação estava grande. Fui para a UTI de novo e após alguns dias já estava no quarto.

Hoje, continuo com o home care a cada 48 horas, fisioterapia três vezes na semana e medicação.

Aos poucos, vou tomando conta da minha vida dentro das minhas possibilidades. Não dá para dar piruetas agora, mas dá para andar um pouquinho, ver como vou me virar no meu dia a dia, como conseguir pegar um prato, um

talher, tomar banho. Uma vitória! Hoje, consigo andar bem com o apoio da bengala. Ficaram sequelas: insuficiência renal não dialítica, neuropatia nos membros inferiores e superiores (nervos danificados), mais do lado direito. Algumas coisas, minha irmã não me fala sobre o período da internação: ela diz que é muito aterrador. Hoje, eu consigo ficar sentado durante um tempo. Para dar o depoimento, eu tive de ficar a maior parte do dia deitado.

O que aprendi: a ter mais positividade, viver bem o dia que tenho, procurar ser mais amável com os que estão ao meu redor, ser grato! Fazer meus exercícios e vibrar a cada melhora. Estou a caminho dos 100%. Devagar eu chego lá!

Para a recuperação, é preciso dar tempo ao tempo. É lenta, não adianta correr.

Meus parâmetros para a melhora são diferentes: olho para trás, em como eu estava há 90, 60, 30 dias, há uma semana... com certeza, hoje eu estou muito melhor!

Agradeço a Deus, aos meus familiares, amigos, aos amigos da Caixa e a todos pelas orações, pela energia positiva."

(No dia da entrevista, fazia um ano e quatro meses que Ênio estava afastado da Caixa).





Histórias da história do Brasil

Cada história contada neste livro traz uma reflexão, revela um momento, algo que aconteceu com o interlocutor, mas que, na verdade, ocorreu com quase todos nós, em algum dia durante a pandemia.

Teve o dia em que perdemos alguém querido para a Covid. Teve o dia que pegamos Covid e tivemos medo. Teve o dia em que achamos que estávamos contaminados e nem estávamos. Teve o dia, também, que olhamos a fila da agência e pensamos: Deus, me ajude! E outro dia (ou no mesmo) em que olhamos e pensamos: Deus, ajude essas pessoas!

Um dia em que o sorriso do cliente que conseguiu sacar o Auxílio, mesmo debaixo da máscara, ficou evidente. Um dia em que o cliente, nervoso, pois não conseguiu receber, responsabilizou o empregado da Caixa e deixou todo mundo um pouco bravo



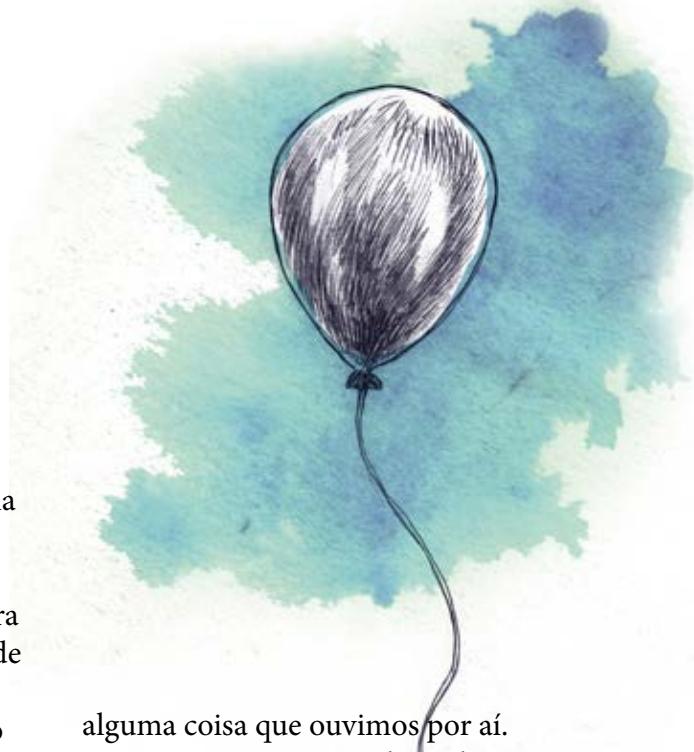
também.

Talvez algum leitor, empregado Caixa, lembre-se de, algum dia, ter passado na porta de sua agência, à noite, e ter visto a fila que já o aguardava para o dia seguinte. Ou, talvez, isso tenha acontecido em um fim de semana. Talvez tenha feito parte de uma campanha de arrecadação de alimentos, de valores para alguma causa, de produtos de limpeza, de máscaras ou assistido a uma live. Talvez tenha pagado um almoço a um cliente faminto que, confundido pelas



informações iniciais, tenha ido no dia errado sacar o valor, contando com o dinheiro para se alimentar.

Talvez tenha pegado um pacote de bolacha na bolsa e dado à criança no colo da mãe. E o celular? Tinha tudo. Um Pix para comprar cesta-básica, uma mensagem para oferecer um produto a um cliente, a foto de um colega Caixa com uma nota de pesar, a cobrança da chefia, a meta alta. Tudo no mesmo dia ou dentro de cinco minutos. Quando iniciamos esse projeto na Apcef/SP, em um dos textos, no qual convidávamos as pessoas para participar, dizíamos algo assim: a história dos empregados da Caixa na pandemia dá muitos livros, mas nós queremos fazer um! Na medida em que as histórias foram chegando, isso se tornou uma certeza absoluta. Esse livro acaba, mas há um infinito dentro do universo de cada pessoa, de todas as vivências, de cada cliente, de cada empregado Caixa e ficamos aqui com vontade de contar sempre mais



alguma coisa que ouvimos por aí. Não citamos os nomes dos colegas que perdemos. A homenagem a eles foi feita de uma maneira simples, porém, pessoalmente, em todos os locais onde pudemos chegar, mas fica aqui, também, registrado nosso respeito a suas histórias pessoais, nosso agradecimento pelo trabalho lado a lado e nosso sentimento a todos em volta. Para a gestão da Caixa, temos a sensação de que podemos ser apenas matrículas, números. Mas, para nós, que podemos ser colegas e amigos, somos nomes, vidas. Somos o Brasil real e não o Brasil burlesco, criticado por Ariano Suassuna e exemplificado nas caricaturas atualmente à frente da nação. Somos trabalhadores. Somos a Caixa, principalmente, agora, somos histórias na história desse País.

Vivian Carla de Sá

Diretora de Imprensa da Associação de Pessoal da Caixa de São Paulo



■ Links QR Codes

André, pág. 16

- CONTRAF/CUT. **Mortes na categoria fazem bancários reivindicar prioridade na vacinação.** Apcef/SP, São Paulo, 25 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/mortes-na-categoria-fazem-bancarios-reivindicar-prioridade-na-vacinacao>. Acesso em mar. de 2022.

Cláudio, pág. 21

- APCEF/SP. **Apcef/SP encaminha ofício às autoridades pedindo providências para preservar saúde de todos.** Apcef/SP, São Paulo, 19 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias/apcef-sp-encaminha-oficio-as-autoridades-pedindo-providencias-para-preservar-a-saude-dos-empregados-e-da-populacao>. Acesso em fev. de 2022.
- APCEF/SP. **Covid-19: Apcef/SP cobra medidas urgentes para proteger empregados e população.** Apcef/SP, São Paulo, 17 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias/covid-19-apcef-sp-cobra-medidas-urgentes-para-proteger-empregados-e-populacao>. Acesso em fev. de 2022.
- APCEF/SP. **Agências da Caixa em São Paulo enfrentam lotação em meio à pandemia.** Apcef/SP, São Paulo, 20 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/agencias-da-caixa-em-sao-paulo-enfrentam-lotacao-em-meio-a-pandemia>. Acesso em fev. de 2022.

Edson, pág. 25

- APCEF/SP. **Órgãos públicos precisam ajudar quem busca Auxílio Emergencial, não ameaçar multar agência.** Apcef/SP, São Paulo, 30 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/orgaos-publicos-precisam-ajudar-quem-busca-o-auxilio-emergencial-nao-ameacar-multar-agencia>. Acesso em abr. de 2022.

Daniela, pág. 30

- DIEESE; CONTRAF/CUT. **Pesquisa Nacional sobre Home Office dos(as) Bancários(as).** São Paulo, 30 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/orgaos-publicos-precisam-ajudar-quem-busca-o-auxilio-emergencial-nao-ameacar-multar-agencia>. Acesso em abr. de 2022.

Luiza, pág. 35

- APCEF/SP. **Caixa desconsidera casos suspeitos de coronavírus. Apcef e Sindicato fecham agência.** Apcef/SP, São Paulo, 19 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias/caixa-se-limita-a-fazer-limpeza-de-unidade-com-caso-suspeito-de-coronavirus-e-entidades-fecham-agencia>. Acesso em fev. de 2022.

Elaine, pág. 43

- GARCIA, Letícia; VIDICA, Letícia; AMARAL, Talita. **Entenda o que é viés inconsciente e como ele ajuda a manter o racismo estrutural.** CNN Brasil, São Paulo, 24 de nov. de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/entenda-o-que-e-vies-inconsciente-e-como-ele-ajuda-a-manter-o-racismo-estrutural/>. Acesso em mar. de 2022.

Cibile, pág. 53

- APCEF/SP. **Direção da Caixa decide fechar agências às 13 horas a partir do dia 18.** Apcef/SP, São Paulo, 14 de ago. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/direcao-da-caixa-decide-fechar-agencias-as-13-horas-a-partir-do-dia-18/>. Acesso em mar. de 2022.

Empregada que pediu para não se identificar, pág. 57

- APCEF/SP. **Com novas orientações, confira situação das unidades da Caixa.** Apcef/SP, São Paulo, 24 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/com-novas-orientacoes-confira-situacao-das-unidades-da-caixa>. Acesso em mar. de 2022.
- FENAE. **Denúncia contra presidente da Caixa chega ao MPE e TSE.** Fenae, Brasília, 19 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.fenae.org.br/portal/fenae-portal/denuncia-contra-presidente-da-caixa-chega-ao-mpe-e-ao-tse.htm>. Acesso em mar. de 2022.

Anna Maria, pág. 63

- APCEF/SP. **Entidades cobram e Caixa suspende metas.** Apcef/SP, São Paulo, 21 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/entidades-cobram-e-caixa-suspende-metas>. Acesso em fev. de 2022.

Andrea, pág. 71

- APCEF/SP. **Se você mora com alguém do grupo de risco e foi convocado para trabalho presencial, comunique o GT Prevenção.** Apcef/SP, São Paulo, 6 de ago. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/se-voce-mora-com-alguem-do-grupo-de-risco-e-foi-convocado-para-trabalho-presencial-comunique-o-gt-prevencao>. Acesso em fev. de 2022.

Solange, pág. 75

- APCEF/SP. **Teletrabalho, banco de horas e controle de jornada em debate na Caixa.** Apcef/SP, São Paulo, 16 de dez. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias/teletrabalho-banco-de-horas-e-controle-de-jornada-em-debate-na-caixa>. Acesso em fev. de 2022.

Empregado que pediu para não se identificar, pág. 79

- APCEF/SP. **Sob Bolsonaro, prioridade na Caixa não é atender filas.** Apcef/SP, São Paulo, 15 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/caixa-100-publica/sob-bolsonaro-prioridade-na-caixa-nao-e-atender-filas>. Acesso em fev. de 2022.

Empregado que pediu para não se identificar, pág. 83

- CONTRAF/CUT. **Lucro da Caixa aumentou 50,3% e chegou aos R\$ 4,6 bi no 1º trimestre.** Apcef/SP, São Paulo, 12 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/caixa-100-publica/lucro-da-caixa-aumentou-503-e-chegou-aos-r-46-bi-no-1o-trimestre>. Acesso em mar. de 2022.
- FENAE. **Caixa teve lucro líquido de R\$ 13,169 bilhões em 2020.** Apcef/SP, São Paulo, 19 de mar. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/caixa-100-publica/caixa-teve-lucro-liquido-de-r-13169-bilhoes-em-2020>. Acesso em mar. de 2022.

Tania, pág. 87

- CONTRAF/CUT. **Empregados cobram contratação imediata na Caixa.** Apcef/SP, São Paulo, 20 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias/empregados-cobram-contratacao-imediata-na-caixa>. Acesso em mar. de 2022.

Ericka, pág. 97

- APCEF/SP. **Apcef do seu jeito,** 2021. Disponível

em: [https://www.apcefsp.org.br/apcefdocejeito](https://www.apcefsp.org.br/apcefdoseujeito). Acesso em abr. de 2022.

Larissa, pág. 101

- CÉSAR, Chico. **Inumeráveis (Braulio Bessa).** YouTube, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/xTKk6N6h5vA>. Acesso em mar. 2022.

Sâmia, pág. 107

- APCEF/SP. **Caixa perde 2,4 mil empregados com novo PDV.** Apcef/SP, São Paulo, 27 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/caixa-100-publica/caixa-perde-23-mil-empregados-com-novo-pdv>. Acesso em fev. de 2022.

Edson Oliveira, pág. 111

- APCEF/SP. **Balanço da Caixa fala em contratação de 17,8 mil “colaboradores”. Você concorda com isso?** Apcef/SP, São Paulo, 20 de ago. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias/balanco-da-caixa-fala-em-contratacao-de-178-mil-colaboradores-voce-concorda-com-isso>. Acesso em fev. de 2022.

Rafael, pág. 121

- CASTRO, Rafael de. **O melhor de nós.** Apcef/SP, São Paulo, 25 de mar. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias/o-melhor-de-nos>. Acesso em mar. de 2022.

Adriane, pág. 124

- SERRANO, Rita. **O Brasil não precisa de um banco, precisa da Caixa.** Rita Serrano, Brasília, 10 de jan. de 2022. Disponível em <https://www.ritaserrano.com.br/artigos/351-o-brasil-nao-precisa-de-um-banco-precisa-da-caixa>. Acesso em mar. de 2022.

Eduardo, pág. 131

- SPBANCARIOS. **Caixa: “heróis de crachá” não merecem PLR?** Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região, São Paulo, 30 de mar. de 2021. Disponível em: <https://spbancarios.com.br/03/2021/caixa-herois-de-cracha-nao-merecem-plr>. Acesso em mar. de 2022.

Lauro, pág. 135

- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO.

Retomada consciente – Plano São Paulo, 2020.

Disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br/planosp/>. Acesso em fev. de 2022.

- APCEF/SP. **Manifestações em todo o país marcam o dia de luta e de luto na Caixa.** Apcef/SP, São Paulo, 11 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/manifestacoes-em-todo-o-pais-marcam-o-dia-de-luta-e-de-luto-na-caixa>. Acesso em fev. de 2022.
- APCEF/SP. **O dirigente da Apcef/SP, Renato Perez, prestou uma homenagem às vítimas da Covid-19.** Apcef/SP, São Paulo, 12 de mai. de 2021. Disponível em: <https://web.facebook.com/apcefsp/videos/290796152631546>. Acesso em abr. de 2022.

Jean, pág. 143

- FENAE. **De privatizável a imprescindível: empregados falam da importância da Caixa.** Apcef/SP, São Paulo, 19 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/caixa-100-publica/de-privatizavel-a-imprescindivel-empregados-falam-da-importancia-da-caixa>. Acesso em mar. de 2022.

Empregado que pediu para não se identificar, pág. 150

- BARBOSA, Marina. **Caixa conclui criação da Caixa DTVM, de olho em IPO.** Poder 360, Brasília, 29 de set. de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/caixa-conclui-criacao-da-caixa-dtvm-de-olho-em-ipa/>. Acesso em mar. de 2022.
- APCEF/SP. **Novela IPO. Se houver algo errado, culpe o empregado?** Apcef/SP, São Paulo, 24 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/caixa-100-publica/novela-ipa-se-houver-algo-errado-culpe-o-empregado>. Acesso em mar. de 2022.

Luanna, pág. 156

- APCEF/SP. **Descomissionamento em meio à pandemia do Covid-19 é imoral e incoerente.** Apcef/SP, São Paulo, 1 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias/descomissionamento-em-meio-a-pandemia-do-covid-19-e-imoral-e-incoerente>. Acesso em mar. de 2022.
- APCEF/SP. **Recebeu o “MO de descomissionamento”? Fale conosco.** Apcef/SP, São Paulo, 7 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias-da-apcef/recebeu-o-mo-de-descomissionamento-fale-conosco>.

mo-de-descomissionamento-fale-conosco. Acesso em mar. de 2022.

Elisabeth, pág. 161

- APCEF/SP. **Declarações do presidente da Caixa em reunião não representam o pensamento dos empregados.** Apcef/SP, São Paulo, 25 de mai. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/declaracoes-do-presidente-da-caixa-em-reuniao-ministerial-de-abril-nao-representam-o-pensamento-dos-empregados>. Acesso em fev. de 2022.

Anselmo, pág. 165

- SERRANO, Rita. **Lucro da Caixa, uma discussão que vai além dos números.** YouTube, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/4Pae5t4MMfI>. Acesso em mar. 2022.

Lúcia Mara, pág. 171

- APCEF/SP. **Reunião com SR SP Sul discute cobrança de metas e protocolos de prevenção.** Apcef/SP, São Paulo, 14 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/reuniao-com-a-sr-sp-sul-discute-cobranca-de-metas-e-protocolos-de-prevencao>. Acesso em fev. de 2022.
- APCEF/SP. **Entidades cobram instalação de proteção nos guichês.** Apcef/SP, São Paulo, 6 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/covid-19/entidades-cobram-instalacao-de-protecoes-nos-guiches>. Acesso em fev. de 2022.

Empregada que pediu para não se identificar, pág. 175

- APCEF/SP. **Direção da Caixa propõe solução para o Interaxa.** Apcef/SP, São Paulo, 17 de nov. de 2021. Disponível em: <https://www.apcefsp.org.br/noticias/direcao-da-caixa-propoe-solucao-para-o-interaxa>. Acesso em mar. de 2022.

Raíssa, pág. 179

- TAKEMOTO, Sérgio. **Caixa 161 anos: para se manter social, precisa continuar pública.** Fórum, São Paulo, 12 de jan. de 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniao/2022/1/12/caixa-161-anos-para-se-manter-social-precisa-continuar-publica-por-sergio-takemoto-108636.html>. Acesso em fev. de 2022.

■ Créditos

- Página 3** - Arquivo Apcef/SP
Página 4 - Imagem Shutterstock
Página 12 - Arquivo Apcef/SP
Página 17 - Arquivo Apcef/SP
Página 18 - Sairam Botelho
Página 20 - Paulo Alexandre de M. Silva
Página 22 - Arquivo Apcef/SP
Página 26 - Arquivo Apcef/SP
Página 32 - Arquivo Apcef/SP
Página 36 - Arquivo Apcef/SP
Página 40 - Arquivo Apcef/SP
Página 46 - Arquivo Apcef/SP
Página 50 - Arquivo Apcef/SP
Página 54 - Sairam Botelho
Página 60 - Vivian Carla de Sá
Página 61 - Sairam Botelho
Página 64 - Arquivo Apcef/SP
Página 67 - Arquivo Apcef/SP
Página 68 - Arquivo Apcef/SP
Página 72 - Paulo Alexandre
Página 76 - Arquivo Apcef/SP
Página 80 - Vivian Carla de Sá
Página 84 - Olavo Mello
Página 85 - Vivian Carla de Sá
Página 90 - Vivian Carla de Sá
Página 95 - Arquivo Apcef/SP
- Página 98** - Dionísio Reis
Página 102 - Lucilene Soares da Silva
Página 107 - Sâmia Mangini Salles
Página 108 - Dionísio Reis
Página 114 - Sairam Botelho
Página 118 - Arquivo FENAE
Página 121 - Arquivo FENAE
Página 122 - Paulo Alexandre
Página 125 - Arquivo Apcef/SP
Página 126 - Arquivo Apcef/SP
Página 128 - Luiza Hansen
Página 132 - Paulo Alexandre
Página 136 - Paulo Alexandre
Página 140 - Arquivo Apcef/SP
Página 141 - Arquivo Apcef/SP
Página 144-145 - Imagem Freepik
Página 146 - Arquivo Apcef/SP
Página 151 - Arquivo Apcef/SP
Página 152 - Paulo Alexandre
Página 157 - Vivian Carla de Sá
Página 158 - Olavo Mello
Página 162 - Olavo Mello
Página 168 - Vivian Carla de Sá
Página 172 - Arquivo Apcef/SP
Página 176 - Arquivo Apcef/SP
Página 180-181 - Arquivo Apcef/SP

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem deste livro. A Apcef/SP agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados que estejam incompletos nesta edição e compromete-se a incluí-los em futuras reimpressões e, também, em sua versão digital, disponível em www.apcefsp.org.br.

A qualidade de impressão das fotos contidas neste livro nem sempre são de boa qualidade, pois, em sua maioria, foram captadas em atividades realizadas pelas entidades que representam os bancários durante a pandemia, com seus próprios celulares. Há, ainda, imagens retiradas do Google, Shutterstock e Freepik.

Edição do livro

Idealização

Diretoria Executiva da Apcef/SP

Redação

Leonardo Quadros

Patrícia Silva Motta

Tania Cristina Volpato

Vivian de Carla Sá

Revisão

Patrícia Silva Motta

Tania Cristina Volpato

Projeto Gráfico

Alexandre Rolim

Claudia Bertholo Tieri

Capa

Alexandre Rolim

Claudia Bertholo Tieri

Diagramação

Claudia Bertholo Tieri

Produção gráfica

Claudia Bertholo Tieri

Ilustrações

Mariana Waechter

Colaboração

Alexandre Batista da Silva

Edvaldo Rodrigues da Silva

Eliete Alencar

Leonardo Quadros

Lilian Fernandes

Marcelo Luiz Almeida

Márcia Roberta de Lima

Thuany Hellen da Silva

Vanice Maria Rodrigues Carvalho

Siga a Apcef/SP



Associação de Pessoal da Caixa Econômica Federal de São Paulo
(Apcef/SP)

Rua 24 de Maio, 208, 10º andar, República - São Paulo (SP)

Telefone: (11) 3017-8300

E-mail: faleconosco@apcefsp.org.br

A ANDRÉ IVAN LUIZA BRUNO ROSE MARY ELAINE DANIELA EDSON CIBELE EDIMILSON MARA
RAÍSSA GUILHERME DIEGO ÉNIO GILBERTO NATASHA ANDREA VIVIAN MATIAS TÂNIA SÉRGIO
PATRÍCIA SOLANGE JEAN ANSELMO CREUNICE ALEXANDRE EDUARDO VIVIAN MOACIR CARLOS
ANTONIO LAURO RAFAEL LUANNA LARISSA CLÁUDIO BRUNO PEDRO EUGÊNIO ERICKA HILÁRIO
VALTAIR EDSON LEONARDO ELIZABETH ADRIANE ALEXANDRA VANIA ANA CLAUDIA ANNA MARIA
MARCOS ELIZABETI LUCIA MARA SABRINA EDVALDO RAFAEL IVÃ TESIFON ADRIANE ADRIAN
NÍCIUS ALAN MÁRIO GILBERTO ALBERTO KARDEC TIENY ROBERTO ALTAYR VINÍCIUS THUANY
INDA ANDERSON ANTONIO CARLOS VANICE ANDREIA ANE SAMANTA ANGELA ANTONIO WALTER
ALGISA BENEDITO BRUNA CIDERLEY CIRO GERSON CLAUDIA CRISTIANE SILENE OLAVO CRISTIAN
ANE MARJORIE DAIANE OLIVEIRA JEAN DANIELLE MARISTELA DAVI LUIZ HENRIQUE DAVID DÉCIO
DENILSON DIEGO SELMA DIÓGENES DULCINEIA EDIMILSON JOEL EDMAR INEZ EDSON ICARO ELEN
ETE NANCY ELISABETE KAREN DIONÍSIO ELOISA ÉRIKA ALEXANDRE EUBANETE EUDES FÁTIMA
FELIPE FERNANDA MIRIELLE FLÁVIA MARICY FRANCINE GABRIEL REGINÉIA GILDA MAC LAINE
GIOVANNA IARA INGRID IRENE ISABEL DINILZA ZITA ISABELLI IVANIDE IVANI IZIS JAQUELINE
THABATA JENIFFER FABIANA JESIVAL JEVerson JOÃO ALFREDO JOÃO VICTOR JOSÉ ALMEIDA JOSÉ LUI
A JOSINETE JOZEANE JUSCINÉIA KILVIA LARISSA VANESSA LAURENTINA LEONILDE LIDIANE MARIA
LÉO LILIAN LUANA VALMIR LUCAS LUCIANA LUCILENE LUIZ CARLOS LUIZ CLAUDIO MAGALÍ MARIA
MARCELINO THAIS MARCELO MARCIA MARCIO MARCO MARIA APARECIDA JACKELINE MARIA DE LOURDES
URDES MARIA FERNANDA MARIANA MARTA JOSÉ ALONSO MATHEUS NADIA NATANUEL NICOLY
Nilton CATARINO NIVALDO NÚRIA ODAIR PAULA RAIMUNDO RAMON JORGE RAPHAEL RENATA
OLD RENATO RICARDO ROBSON RODRIGO ROGÉRIO SAIRAM SALETE SEBASTIÃO SOLANGE SUE
TA THALLES TIAGO VALDECÉLIA VALDIR VALQUIRIA VICTOR HUGO VICTOR VILMA VITOR PLÍNI
ANE WILLIAN ZILMA ANTÔNIO CARLOS AMAURI FERNANDA SÉRGIO JORGE JAIR ANDRÉ VALTE
NATO FLÁVIO MAURÍCIO IVANILDO REGIANE JOSÉ LÚCIO MARIANA JAIR ANA BEATRIZ DANIEL
ONIA TIAGO MARCIO LILIAN ANDRÉ ANTÔNIO MARIA JOSÉ LEANDRO ROBERTO LAERCIO MAR
EDSON MARCUS NORMANDO CARLOS ALBERTO FLAVIA BENEDITO JOSÉ IVAN CARLOS EDUARDO
RCIA PAULO RENATO ANDRÉ FERNANDO IVAN BRUNO MARIA CRISTINA ATAÍDE DALTRÔ FÁB
ANDO IVAN JARBAS JEFFERSON JOSÉ CARLOS LUIZ MARCIO MARIA LUIZA MILTON NEY RICAR
FRANCISCO TAMARA SAMIA ANDRÉ IVAN LUIZA BRUNO ROSE MARY ELAINE DANIELA EDSON
ELE EDIMILSON MARINA RAÍSSA GUILHERME DIEGO ÉNIO GILBERTO NATASHA ANDREA VIVIAN
TÂNIA SÉRGIO PATRÍCIA SOLANGE JEAN ANSELMO CREUNICE ALEXANDRE EDUARDO VIVIAN
CIR CARLOS ANTONIO LAURO RAFAEL LUANNA LARISSA CLÁUDIO BRUNO PEDRO EUGÊNIO ERICKA
HILÁRIO VALTAIR EDSON LEONARDO ELIZABETH ADRIANE ALEXANDRA VANIA ANA CLAUDIA ANNA
LAERCIO MARCOS ELIZABETI LUCIA MARA SABRINA EDVALDO RAFAEL IVÃ TESIFON ADRIANE
VINICIUS ALAN MÁRIO GILBERTO ALBERTO KARDEC TIENY ROBERTO ALTAYR VINÍCIUS THUANY
AMANDA AMANDA ANDERSON ANTONIO CARLOS VANICE ANDREIA ANE SAMANTA ANGELA ANTONIO
LDIR ADALGISA BENEDITO BRUNA CIDERLEY CIRO GERSON CLAUDIA CRISTIANE SILENE OLAVO
CRISTIANO DAIANE MARJORIE DAIANE OLIVEIRA JEAN DANIELLE MARISTELA DAVI LUIZ HENRIQUE
DÉCIO DENILSON DIEGO SELMA DIÓGENES DULCINEIA EDIMILSON JOEL EDMAR INEZ EDSON
CARO ELENIR ELITE NANCY ELISABETE KAREN DIONÍSIO ELOISA ÉRIKA ALEXANDRE EUBANETE
FÁTIMA FELIPE FERNANDA MIRIELLE FLÁVIA MARICY FRANCINE GABRIEL REGINÉIA GILDA
MAC LAINE GIOVANNA IARA INGRID IRENE ISABEL DINILZA ZITA ISABELLI IVANIDE IVANI IZIS
ELINE THABATA JENIFFER FABIANA JESIVAL JEVerson JOÃO ALFREDO JOÃO VICTOR JOSÉ ALME
SÉ LUIZ JOSEFA JOSINETE ESSA LAURENTINA LEONILDE
ANE MARIA DO CÉO LILIAN ISBN nº 978-65-997497-1-1 NE LUIZ CARLOS LUIZ CLAUDIO
ALÍ MAICO MARCELINO THAIS MARCELO MARCIA MARCIO MARCO MARIA APARECIDA JACKELINE
RIA DE LOURDES MARIA FERNANDA MARIANA MARTA JOSÉ ALONSO MATHEUS NADIA NATANUEL
COLLY NILTON CATARINO NIVALDO NÚRIA ODAIR PAULA RAIMUNDO RAMON JORGE RAPHAEL